



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Psicologia

Andrea Ferioli Melo

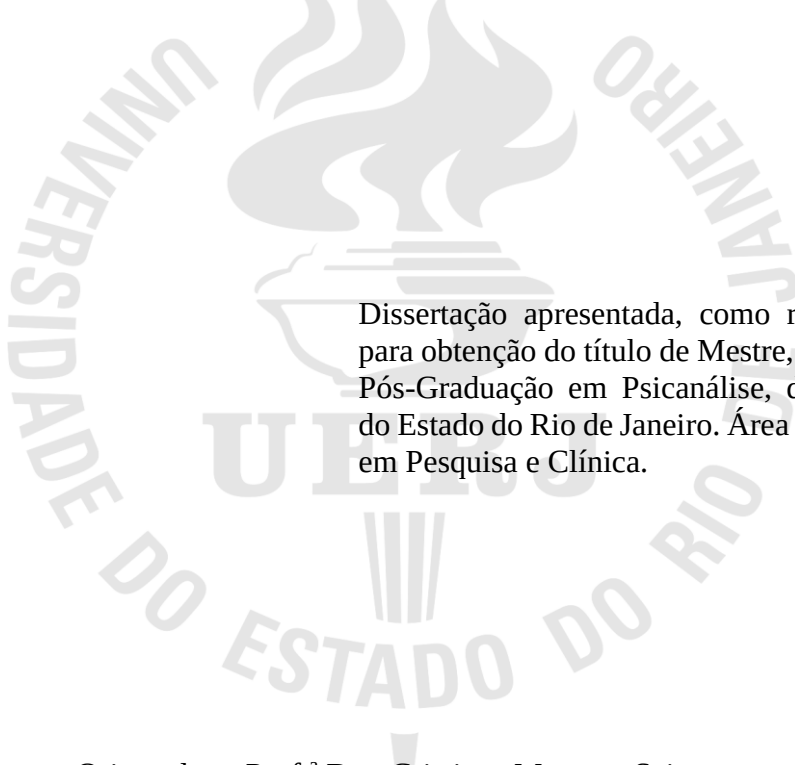
Perspectivas psicanalíticas acerca das bissexualidades no contemporâneo

Rio de Janeiro

2023

Andrea Ferioli Melo

Perspectivas psicanalíticas acerca das bissexualidades no contemporâneo



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração em Pesquisa e Clínica.

Orientadora: Prof.^a Dra. Cristiane Marques Seixas

Coorientadora: Prof. Dr. Marcos Vinicius Brunhari

Rio de Janeiro

2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

S586	Melo, Andrea Ferioli Perspectivas psicanalíticas acerca das bissexualidades e no contemporâneo / Andrea Ferioli Melo. – 2023. 118 f. Orientadora: Cristiane Marques Seixas. Coorientador: Marcos Brunhari Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. 1. Psicanálise – Teses. 2. Bissexualidade – Teses. 3. Gênero – Teses. I. Seixas, Cristiane Marques. II. Brunhari, Marcos. III. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. IV. Título. bs CDU 159.964.2
------	---

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Andrea Ferioli Melo

Perspectivas psicanalíticas acerca das bissexualidades no contemporâneo

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 26 de julho de 2023.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr^a. Cristiane Marques Seixas (Orientadora)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Prof. Dr. Marcos Vinicius Brunhari (Coorientador)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Prof. Dr. Vinicius Anciães Darriba
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Prof. Dr. Eduardo Leal Cunha
Fundação Universidade Federal de Sergipe - FUFSE

Rio de Janeiro

2023

AGRADECIMENTOS

Chegar ao mestrado em uma universidade pública simbolizou algo importante em minha trajetória, pois fui movida por um desejo que, por muito tempo, permaneceu latente, atravessou resistências, mas que, no meu processo de análise, foi possível se desvelar. Concluir essa dissertação tem um significado ainda maior, devido ao seu começo difícil, turbulento e limitante. Superar essa fase inicial só foi possível porque tiveram pessoas que apostaram na minha pesquisa, me incentivaram, ofereceram escuta, acolhimento e suporte para que eu avançasse, mostrando claramente ser possível mudar a direção.

Acho justíssimo começar agradecendo ao meu companheiro de jornada, Ricardo, que me incentivou e apoiou, com serenidade e firmeza, todas as minhas angústias e desafios no processo.

Às minhas filhas maravilhosas, Giulia e Letícia, adolescentes, que me atualizam sempre dos novos tempos, que interrogam a mim e a minha leitura da psicanálise, e que foram bastante pacientes com a ausência materna em tantos momentos neste período do mestrado.

À minha mãe, Maria Franca, que me ensinou a importância da crítica, do questionamento e me apresentou o entusiasmo pela pesquisa, além do apoio concreto e necessário ao longo do mestrado.

À Cristiane Seixas, uma orientadora com leitura cuidadosa, escuta generosa e abertura para o novo, meus agradecimentos especiais. Acolhendo, oferecendo suporte, questionando e ajudando na movimentação do desejo de saber, Cristiane demonstrou que na pesquisa é possível conciliar dedicação e rigor teórico sem abrir mão da leveza e do prazer.

Agradeço muito, também, ao Marcos Brunhari, meu coorientador, pela leitura atenta e precisa, que me ajudou a recalcular a rota necessária para chegar neste trabalho, tornando possível movimentar o meu desejo de continuar.

À minha banca, formada pelos professores Eduardo Leal Cunha e Vinicius Anciães Darriba, pelas leituras atentas, com pontuações essenciais e comentários preciosos, e pelas generosas indicações de referências fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa.

Ao Paulo Vidal, que me ofereceu sua escuta cirúrgica e zelosa na descoberta das balizas do meu desejo, inclusive no que se referia ao mestrado.

À Lucia Perez, que me impulsionou na travessia do momento mais desafiador do meu projeto, me mostrando, quando parecia ser impossível, que havia outras possibilidades legítimas de continuar e que estariam mais de acordo com o meu desejo, como esta pesquisa.

À minha amiga Daiana, com quem foi possível tecer elaborações teóricas em longas e importantes conversas, não sem humor e apoio.

À minha amiga Ana Paula, amiga de muitas horas, pelos abraços, risadas e choros compartilhados.

Às amigas, amigos e amigues, que me apoiaram, sustentando o laço, ainda que eu não pudesse me fazer presente, e aos colegas de profissão com quem troquei ideias interessantes que muito me acrescentaram e me fizeram pensar.

Às minhas colegas de orientação, Livia, Fernanda, Cecília e Carolina, pelas trocas de cada encontro.

Aos colegas do Corpo Freudiano, espaço de elaboração, aprendizado e trocas potentes.

Parafraseando Lacan, também não posso deixar de agradecer a cada paciente por me ensinar o que é a psicanálise.

Aos psicanalistas e professores Julia Reis, Ana Lucia Garcia, Maria Inês Lammy, Rosa Helena e Marco Antônio Coutinho Jorge, que de alguma forma também me ajudaram na formulação de perguntas e hipóteses que permearam esse trabalho, e a tantas outras pessoas questionadoras e sensíveis, que me mobilizaram a interrogar, perceber e avançar em meu processo investigativo.

Por fim, agradeço ao meu pai, Paulo Roberto, que, infelizmente, não está mais aqui, por ter me marcado com seu carinho, humor, boa música, fazer político, força subversiva e pela transmissão do seu desejo de amar e mudar as coisas, sendo, assim como para Belchior, isso que me interessa mais.

É preciso reconhecer o caráter que especifica a ordem humana, a saber, essa subversão de toda fixidez instintiva, de onde surgem as formas fundamentais, prenes de variações infinitas, da cultura.

Jacques Lacan

RESUMO

MELO, Andrea. *Perspectivas psicanalíticas acerca das bissexualidades no contemporâneo*. 2023. 116f. Dissertação (Mestrado em Psicanálise) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

Da clínica com jovens e adolescentes, o significativo bissexualidade repete-se em muitos casos, nomeando a direção do desejo destes analisandos para pessoas de gêneros variados. No entanto, tal fato parece ainda encontrar resistências no próprio campo psicanalítico com leituras fundamentadas num discurso cisheteronormativo. Essa dissertação visa discutir sobre o fazer psicanalítico com estes jovens pacientes, apresentando recortes clínicos que evidenciam expressões singulares da relação de cada sujeito com seu desejo e com a sua orientação bissexual, sem que isso se apresente como algo problemático em uma análise. As bissexualidades vividas por estes jovens nos convidam a revisitar a teoria psicanalítica buscando suas articulações possíveis bem como seus limites. Na psicanálise, a bissexualidade entra em cena com Fliess, interessado nas correlações anátomo-fisiológicas, seguindo um caminho diferente com Freud, entusiasmado pela dimensão psíquica. O termo surge como uma disposição inata de todo humano que se associa à estrutura. A centralidade oferecida ao complexo de Édipo não alcança o total apagamento da dimensão pulsional, que persistirá ao longo da obra freudiana. Em Lacan, a bissexualidade perde importância com a conceituação do objeto *a*, objeto da falta, fundante da constituição subjetiva e causa do desejo, cuja satisfação sempre parcial impele o seu movimento. A compreensão de Lacan (1957-58/1999) sobre a castração reformula a noção de falo em Freud atrelada ao órgão, revelando o sujeito como efeito do significativo, gerador de um corte epistemológico da diferença sexual estabelecida em termos anatômicos ou fisiológicos. A privação simbólica do falo, que se inscreve pela metáfora paterna, presentifica a castração simbólica do objeto imaginário para todos aqueles situados no campo da neurose, independentemente da escolha de um objeto sexual (pré) determinado. À medida que esse falo negativizado opera engendrando o desejo, permite um deslizamento dos objetos sendo a própria fluidez desejante. O que interessa psicanaliticamente é como o sujeito enquadra o outro em sua estrutura fantasística. Portanto, buscar referências críticas, dentro e fora do nosso campo, para operar uma escuta clínica, que não reproduza à norma social estrutural, e inclua as subjetividades de nossa época, se faz necessário. Estar advertido das relações de poder em xeque nas construções de sexo, gênero, desejo e sexualidade, nos serve a operar uma escuta que reafirme seu fazer ético e político, de um saber não-todo e que não se pretende unívoco.

Palavras-chave: Bissexualidade. Psicanálise. Objeto *a*. Sexo e Gênero.

ABSTRACT

MELO, Andrea. *Psychoanalytic perspectives on bisexuality in the contemporary context*. 2023. 116f. Dissertação (Mestrado em Psicanálise) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

In clinical practice with young people and adolescents, the signifier bisexuality repeats itself in many cases, naming the direction of desire of these patients for people of various genders. However, this fact still seems to encounter resistance within the psychoanalytic field itself, with readings grounded in a cis-heteronormative discourse. This dissertation aims to discuss psychoanalytic practice with these young patients, presenting clinical cases that highlight unique expressions of each subject's relationship with their desire and their bisexual orientation, without presenting it as problematic in analysis. The bisexuality experienced by these young people invites us to revisit psychoanalytic theory in pursuit of its possible articulations as well as its limits. In psychoanalysis, bisexuality comes into play with Fliess, who was interested in anatomical-physiological correlations, following a different path from Freud, who was enthusiastic about the psychic dimension. The term emerges as an innate disposition of every human being, associated with structure. The centrality offered to the Oedipus complex does not completely erase the instinctual dimension, which persists throughout Freud's work. In Lacan, bisexuality loses importance with the conceptualization of the object *a*, the sense of lacking, foundational to subjective constitution and the cause of desire, whose satisfaction is always partial and drives its movement. Lacan's understanding (1957-58/1999) of castration reformulates Freud's notion of the phallus, linked to the organ, revealing the subject as an effect of the signifier, generating an epistemological cut of the sexual difference established in anatomical or physiological terms. The symbolic deprivation of the phallus, inscribed through the paternal metaphor, presents the symbolic castration of the imaginary object for all those situated in the field of neurosis, regardless of the choice of a (pre)determined sexual object. As this negativized phallus operates by engendering desire, it allows for a shifting of objects, being the very fluidity of desire. What is of psychoanalytic interest is how the subject frames the other within their fantasized structure. Therefore, it is necessary to seek critical references within and outside our field to conduct a clinical listening that does not reproduce structural social norms and includes the subjectivities of our time. Being aware of power relations at stake in the constructions of sex, gender, desire, and sexuality enables us to engage in a listening practice that reaffirms the ethical and political approach, as a knowledge that is not all-encompassing and does not claim to be unambiguous.

Keywords: Bisexuality. Psychoanalysis. Object *a*. Sex and Gender.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	10
1	A CLÍNICA COMO PONTO DE PARTIDA.....	19
1.1	Recortes da clínica: a cada repetição, a diferença.....	20
1.1.1	Cléo, a menina que gosta de gente	20
1.1.2	Quando se pode experimentar a vida para amadurecer	23
1.1.3	As bandeiras de Lara	25
1.1.4	Seguindo as pistas do(s) objeto(s) causa de desejo	26
1.1.5	Quando os parâmetros são outros.....	28
2	SOMOS TODOS BISSEXUAIS: UMA ARQUEOLOGIA DA PROPOSTA FREUDIANA	33
2.1	Um retorno às origens: a amizade com Fliess	35
2.2	O percurso trilhado por sigmund Freud	38
2.2.1	A bissexualidade inata.....	38
2.2.2	O apagamento do subversivo da pulsão e a prevalência normatizadora	48
2.2.3	O retorno à uma bissexualidade não patológica	56
3	AS RELAÇÕES DE OBJETO E SUA FALTA: L’OBJET PETIT <i>a</i>	65
3.1	O objeto perdido	66
3.2	Do objeto à falta de objeto	69
3.3	Os destinos da falta no Édipo.....	73
3.4	O objeto do desejo e o desejo do outro	75
3.5	O objeto pequeno <i>a</i>	78
4	NOVOS TEMPOS, NOVOS VENTOS	86
4.1	Percorrendo outros campos: os estudos da sexualidade, de gênero e <i>queers</i>	86
4.2	As frestas no campo psicanalítico contemporâneo	99
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	105
	REFERÊNCIAS	111

INTRODUÇÃO

[...] uma das primeiras coisas que descobri foi que, por mais que eu escrevesse, tudo parecia parcial, como fragmentos de um todo maior. Eu também descobri que eu não só tinha visões únicas sobre bissexualidade, mas também um conhecimento único [...]

Shiri Eisner, 2013

A escolha da epígrafe não se deu ao acaso, mas por três pontos importantes que pretendem orientar este trabalho. O primeiro ponto é o de trazer a enunciação de uma pessoa cuja orientação é bissexual. Neste caso, a fala vem de uma ativista *genderqueer*¹ israelense engajada com os movimentos trans, bissexual e de solidariedade à Palestina, figura relevante no debate contemporâneo mundial sobre a bissexualidade. Além do “lugar de fala”² de uma bissexual, o pequeno trecho nos brinda com a associação indispensável à relação singular do sujeito da experiência com a sexualidade e a construção de um saber sobre ela. Mais além, um terceiro ponto oferece a pista de que a linguagem demonstra estar sempre aquém de simbolizar a vivência com o sexual.

Tendo como matéria-prima de nossa pesquisa sujeito, linguagem e sexualidade, destaquemos de onde estamos falando, ou seja, qual o nosso enquadramento temporal e espacial. Falamos de uma sociedade pós-moderna ocidental, amplamente globalizada, sob uma perspectiva de uma psicanalista cujo referencial teórico é a psicanálise lacaniana, graduada em psicologia e jornalismo, de quem a clínica se iniciou há 6 anos, sendo majoritariamente composta por adolescentes e jovens adultos. E além disso, que teve uma travessia de análise marcada por questões próprias à bissexualidade, da qual Freud já havia se referido ao final do século XIX, uma vida pessoal desde sempre marcada por um feminismo praticante, mãe de duas meninas, e identificada com as causas das minorias e de exclusão social.

Na cultura onde nos situamos, as questões relativas à *identidade de gênero* e à *orientação sexual* conquistam cada vez mais espaço nas redes sociais, nas plataformas de *streaming*, na TV aberta, nas rodas de conversa, estando na ordem do dia para muitas pessoas neste início do século XXI, sobretudo para aquelas que entram na adolescência, tempo em que o sujeito se sente convocado a se posicionar na partilha dos sexos.

¹ Definido por Eisner como uma categoria que nomeia as identidades de gênero, que escapam à definição estrita de “homem” e “mulher”.

² Conceito de origem imprecisa, utilizado na “análise do discurso” francesa, foi popularizado pela filósofa brasileira Djamilia Ribeiro, conferindo ênfase ao lugar social ocupado pelos indivíduos numa matriz de dominação e opressão dentro das relações de poder.

Entende-se como *identidade de gênero* aquilo que é relativo à percepção ou à convicção íntima de uma pessoa como sendo do gênero masculino, feminino ou de alguma combinação dos dois, independentemente de sexo biológico (REIS, 2018). Apesar de não ser propriamente um conceito do campo psicanalítico, escolhemos nos servir dele por estar marcadamente presente na cultura, na linguagem e, portanto, na clínica. Quando fazemos referência à orientação sexual, estamos no campo da atração emocional, afetiva ou sexual sentida entre indivíduos de gêneros diferentes, do mesmo gênero ou de mais de um gênero, sendo relativo às relações íntimas e sexuais entre as pessoas (REIS, 2018). Da mesma maneira que a noção de *identidade de gênero*, a *orientação sexual* também é uma expressão amplamente difundida na cultura, fazendo parte das narrativas dos sujeitos a respeito de suas experiências com a sexualidade e em sua articulação com as identificações sexuadas.

A distinção entre as categorias de sexo e gênero é um axioma presente ao longo de todo o trabalho, sendo o gênero uma construção sociocultural, que sofrerá inúmeras mudanças conceituais ao longo da história, enquanto o sexo teria sua ancoragem biológica. Seguindo pela perspectiva sócio-histórica, é possível problematizar suas normas, pensar sobre a produção de saberes/verdades e questionar as relações que se estabelecem entre as categorias que decorrem destes contextos.

Pensando em termos históricos, é incontestável que o avanço das pautas sobre a diversidade foi fundamental para que aqueles que não se situam na heteronormatividade ou no binarismo de gênero fossem reconhecidos socialmente, legitimassem seus direitos e para que as diversas e plurais formas de expressões da sexualidade fossem visibilizadas em nossa cultura. Porém, isso não foi um caminho simples nem linear, e, certamente, está longe de se tornar.

A publicação da Declaração dos Direitos Humanos, em 1948, não foi suficiente para garantir os direitos àqueles à margem dos padrões cisheteronormativos³, que continuavam a sofrer discriminações em função de sua orientação sexual ou identidade de gênero. Por conseguinte, a reivindicação por leis específicas que garantissem a liberdade e igualdade de direitos ganhou força e maior destaque na revolta de *Stonewall*, em 1969. *Stonewall Inn* era um bar em Nova York, famoso por acolher pessoas que se relacionavam com outras do mesmo sexo – algo considerado crime naquela época –, e que sofreu uma batida policial truculenta em que frequentadores transexuais sofreram violência. Houve reação de quem assistiu ao episódio,

³ Relativos à cisheteronormatividade definido como uma: “Perspectiva que tem a matriz heterossexual como base das relações de parentesco e a matriz cisgênera como organizadora das designações compulsórias e experiências das identidades de gênero; ambas produzindo efeitos que são naturalizados em nossa cultura, a partir da constituição de uma noção de normalidade em detrimento da condição de anormalidade, produzindo a abjeção e ocultamento de experiências transgressoras e subalternas” (MATTOS; CIDADE, 2016, p. 134).

lançando objetos sobre os policiais que, por sua vez, atearam fogo no local. O episódio marcou o início de protestos nos Estados Unidos, conquistando em 1972, a descriminalização da relação afetiva de pessoas do mesmo sexo nos estados de Michigan, Delaware e Havaí.

A Suécia legalizou a cirurgia de redesignação sexual para pessoas trans, também em 1972. Um ano depois, a Associação Americana de Psiquiatria (APA) retirou a homossexualidade da lista das doenças mentais. Em 1990, a Organização Mundial de Saúde (OMS) removeu a homossexualidade da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Mentais (CID).

Na década de 1980, com a disseminação do vírus HIV (*human immunodeficiency virus*) e seus efeitos, a população de gays, travestis e transexuais femininas ficou muito estigmatizada mundialmente, o que acabou incentivando o movimento LGBT, que ganhou maior robustez em território nacional com uma política pública de saúde humanizada (TERTO; SOUZA, 2015).

Sobre o movimento LGBT no Brasil, ele teve seu início com os primeiros grupos reflexivos e afirmativos do Movimento Homossexual Brasileiro (MHB), no final da década de 1970, “até a apropriação e o forjamento da categoria orientação sexual como um significante até certo ponto esvaziado da conotação essencialista que marcava sua origem, o que se deu nos anos 1980” (FACHINNI, 2018, p. 317). Assumir-se era uma ferramenta política inaugurada pelo movimento.

Na década de 1980, houve uma redução dos grupos e dificuldades consequentes da epidemia da aids, doença decorrente do vírus HIV, mas também o aumento da força do ativismo organizado para buscar direitos coletivos mais amplos. De acordo com Fachinni (2018, p. 318):

A demanda pela não-discriminação por orientação sexual levada à constituinte de 1987-8 e a luta pelo direito à vida, representada pelas demandas relacionadas ao combate à epidemia do HIV/aids e à violência letal, colocaram em cena a mobilização da categoria orientação sexual. Tal mobilização procurava apaziguar as tensões em torno de tomar a categoria homossexualidade como um substantivo.

Tal categoria substantiada deixava de lado as interseccionalidades relativas ao gênero, raça, classe, sexualidade e não abarcando as instabilidades de identidade e encapsulando a potência da fluidez do desejo.

Concomitantemente aos movimentos internos ao grupo, houve uma descentralização e uma pluralização dos feminismos que impulsionaram o movimento LGBT e seu intento democrático como resposta ao sensacionalismo da mídia que atrelava a homossexualidade masculina ao HIV.

[...] a aproximação entre setores de Estado e movimento na formulação, implementação e avaliação de políticas públicas e a consequente institucionalização do movimento; além de um cenário permeável aos direitos sexuais e reprodutivos no âmbito das Nações Unidas. É acompanhado também por um processo de segmentação de mercado, que fez surgir um mercado GLS (para gays, lésbicas e simpatizantes) ou voltado ao público LGBT, que acaba por gerar aproximações e deslocamentos em relação à visibilidade positiva produzida a partir do próprio movimento, mas também por ações de mercado e de mídia. (FACHINNI, 2018, p. 319)

De acordo com Fachinni (2018) o movimento se capacita dialogicamente e passa a ter mais entrada no cenário político e mercadológico promovendo candidaturas, projetos de lei, participação em comitês e conselhos socioestatais, além da participação nas formulações de políticas públicas. Tais entradas tiveram como exigência “clara delimitação de sujeitos e demandas”, que teve como uma de suas respostas a definição das identidades com seus efeitos de tensão no interior do próprio grupo, a multiplicação das redes e organizações bem como as letras da sigla do movimento, que se estabelece na I Conferência Nacional de Políticas para LGBT em 2008, com a implementação do acrônimo LGBT – lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. O movimento vai acolhendo a demanda das travestis, das(os) transexuais e também a reivindicação pela visibilidade lésbica e das(os) bissexuais.

A emergência da bissexualidade como uma identidade política [...] indica de modo evidente a inviabilidade de reivindicar atenção, nesse contexto, para a fluidez do desejo por meio da ideia de estar por oposição ao ser. A pergunta "quem são vocês?", produzida no contexto da participação socioestatal, só permite o "sou" como possibilidade de resposta. A principal demanda de bissexuais, organizadas(os) formalmente a partir de meados dos anos 2000, dirigia-se ao próprio movimento e era pelo não apagamento de sua existência. (FACHINNI, 2018, p. 320)

No entanto, a inviabilidade da organização foi evidenciada com a dissolução do Coletivo Brasileiro de Bissexuais, a partir da ocupação de ativistas reconhecidamente gays e lésbicas das vagas representacionais destinadas às(aos) bissexuais.

A autora indica que a outra resposta sobre a solicitação socioestatal na delimitação de sujeitos e demandas foi a de dar mais “corpo” ao movimento e pluralizar sua face. Isso foi feito através da visibilidade em larga escala das Paradas do Orgulho, implementadas por uma nova geração de ativistas cuja perspectiva crítica promove um giro da narrativa vitimizadora e de atuação limitadas a alguns poucos sujeitos políticos. O objetivo era evidenciar quantitativamente e politicamente o movimento, transgredindo a representação imagética de minoria. O formato foi um sucesso nacional arrebanhando multidões, destacando nele seu

enquadre transgressor e a visibilização das pluralidades em “corpos-bandeiras”⁴, mas não sem críticas quanto à despolitização do movimento.

A categoria *homofobia*, estabelecida em 1990, operacionalizaria ações combativas à violência e discriminação a LGBTs ganhando repercussão pelo trabalho de Luiz Mott na divulgação das notícias de violências letais em articulação à Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT) e setores do governo, junto com diretrizes estabelecidas internacionalmente que dariam consistência ao Programa do Governo Federal *Brasil Sem Homofobia*, lançado em 2004.

Marcada por lutas que visavam subverter os sentidos de categorias e respectivas indicações, a atuação no campo sociestatal transformou demandas em linguagem estatal e reivindicou políticas públicas, cujas consequências fizeram surgir demandas de combate à lesbofobia, à transfobia, produzindo a categoria LGBTfobia.

Avanços importantes para a comunidade LGBT, como o reconhecimento da união estável entre pessoas do mesmo sexo como uma entidade familiar, o casamento civil e a mudança de nome e gênero no registro civil sem cirurgia de redesignação sexual, já são uma realidade em muitos países, porém, recém instituídos em terras nacionais. O primeiro foi reconhecido pelo Supremo Tribunal Federal (STF) em 2011 e o segundo estabelecido em 2013 pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ). Já a mudança do registro civil sem cirurgia só ocorreu em 2018, por meio de uma ação direta de inconstitucionalidade movida pelo STF⁵. É aterrador pensarmos hoje, retroativamente, como todas essas conquistas de direitos são tão recentes e como a camada conservadora da sociedade vem engordando o caldo da ultradireita influenciando a esfera do governo que desfinanciou ONGs, desvalorizou o coletivo e incitou a horizontalidade, autonomia, espontaneidade e instantaneidade do ativismo.

Os efeitos da popularização da internet e do acesso ao ensino superior, bem como do acesso facilitado a aportes teóricos se fazem sentir nas gerações mais jovens de ativistas, com destaque para a maior circulação e difusão dos estudos queer, de teorias interseccionais e decoloniais e de referências oriundas do feminismo negro e dos transgender studies (FACHINNI, 2018, p. 324).

A autora lembra que neste movimento a experiência ganha status de legitimidade e o corpo autoriza ou barra os sujeitos, possuidores ou não de seu lugar de fala. Será em meados

⁴ “A noção corpos-bandeira é uma referência e analogia com o modo como Carla de Castro Gomes (2018) trata os usos dos corpos na Marcha das Vadias do Rio de Janeiro”. (FACHINNI, 2018, p. 321)

⁵ MARREIROS, L. Mês do Orgulho LGBTQIA+: as conquistas no acesso à cidadania e a luta por respeito aos direitos. G1 Piauí, Teresina, 19 de jun. de 2022. Notícias. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2022/06/19/mes-do-orgulho-lgbtqia-as-conquistas-no-acesso-a-cidadania-e-a-luta-por-respeito-aos-direitos.ghtml>>. Acesso em: 20 de nov. 2022.

do ano 2000 que as transidentidades diferenciarão a orientação sexual da identidade de gênero, rompendo discursos patologizantes e promovendo a “visibilidade da diversidade afetivo-sexual, geracional, regional e racial no interior das transidentidades” (FACHINNI, 2018, p. 328).

A primeira sigla lançada em território anglófono foi LGB (lésbicas, gays e bissexuais), na década de 1980, cuja versão nacional se deu como GLS (gays, lésbicas e simpatizantes), ambas consideradas ultrapassadas pelos ativistas. Uma das mais recentes versões da sigla é LGBTTQIAAP (lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, travestis, *queer*, questionando, intersexo, assexuais, aliados e pansexuais) (MASTERSON, 2015 apud AMBRA, 2022). Ambra (2022) enfatiza o papel central da identidade à medida que ela condensaria lutas, horizontes e concepções de mundo através da perspectiva identitária.

Será, portanto, nesse contexto sócio-histórico, que a sigla difundida nas redes sociais também como LGBTQIA+ segue ampliando as formas de nomeação para além do que se coloca como tradicionalmente aceito socialmente, e que muitos adolescentes e jovens, ao vivenciar o encontro com o sexo, buscam significantizar o impacto com o real, traumático, na medida que promove um excedente pulsional que resiste à simbolização e ao sentido (FREUD, 1920, 1926).

A partir da minha clínica, sobretudo com adolescentes e jovens adultos, surge uma questão que me moveu a pesquisar e me conduziu a estar aqui, tecendo essas palavras. Percebi, nesses 6 anos de clínica, que um número considerável desses analisandos se declarava bissexual, pansexual, assexual ou se utilizava de um dos termos da sigla LGBTQIA+ como forma de se fazer representar neste novo campo que se abre para eles: o da possibilidade de, enfim, experimentar o sexual com um outro, seja pela maturação corporal, pelo consentimento social ou pelo despertar após o período de latência.

A experiência clínica e a escuta predominante de uma bissexualidade presente na atração sexual, nas relações sexuais e afetivas, como forma de exercício de uma sexualidade cada vez mais frequente entre os adolescentes e os jovens adultos, me impulsionaram, em um primeiro momento, a investigar a cultura objetivando uma maior compreensão de um fenômeno da clínica. No entanto, ao perceber que dentro do campo psicanalítico atual havia uma perspectiva aparentemente difundida que não reconhecia a orientação sexual bissexual como uma escolha legítima (ainda que inconsciente) na direção do desejo, mas um subterfúgio para uma não escolha ou um não reconhecimento da falta, eu fui acossada.

Diante disso, o estranhamento me instigou a trabalhar no sentido inverso: de qual perspectiva psicanalítica estamos falando? O que a psicanálise de Freud e Lacan já nos disse sobre a bissexualidade? Essas teorias realmente sustentam uma concepção heteronormativa? E se podemos aprender sobre a psicanálise com cada paciente, o que os pacientes autodeclarados

bissexuais podem nos ensinar e atualizar nossa relação com a prática clínica, contribuindo para o avanço na compreensão e construção teórica? De que maneira as bissexualidades vividas por esses jovens na atualidade podem nos ajudar a repensar, questionar e rever a teoria psicanalítica? Além disso, as teorias de gênero poderiam contribuir para uma atualização da psicanálise em um contexto em que emergem novas formas de subjetividade?

Na tentativa de encontrar algumas respostas e levantar novas perguntas, pretendo pesquisar a teoria revendo os caminhos abertos por Freud, sobre a questão mesma da bissexualidade, percorrendo as contribuições lacanianas, além de buscar nos estudos de gênero, não só do campo psicanalítico, mas também de outros campos do saber, como a sociologia, a antropologia e a filosofia, contribuições que auxiliem nossa discussão. Neste voo pluridisciplinar, iremos sobrevoar por alguns teóricos que possuem uma abordagem crítica das relações de poder, como Michel Foucault, como Judith Butler, que interroga os efeitos destas relações sobre a compreensão da adequação sexo/gênero/sexualidade, como Joan Scott, que historiciza e desconstrói a fixidez e a permanência da oposição binária, entre outros.

Apostando que é possível ventilar ares mais frescos e plurais na boa e velha psicanálise, desde que sigamos pelo método de construção freudiana, que busca teorizar a partir do que se escuta na clínica, compreendo que a psicanálise não precisa estar identificada a um saber que corrobora padrões de uma sociedade cisheteronormativa e nem se manter numa posição de resistência às mudanças e às articulações com outros campos.

Por consequência, a clínica será nosso ponto de partida. Faremos isso através de vinhetas de experiências analíticas pelas quais pretendemos amplificar a voz dos analisandos em suas vivências subjetivas com o sexual, o inconsciente e a linguagem, sem prescindir de destacar a relação moebiana que se estabelece entre sujeito e cultura, resgatando-a como pano de fundo importante, cujos efeitos se verificam nos modos de ser dos seres de linguagem. Dado o primeiro passo pela escuta clínica articulada à cultura, o segundo passo é o de revisão da literatura psicanalítica acerca do que nos diz Freud sobre a bissexualidade como expressão da sexualidade, incluindo a retomada do conceito de bissexualidade proposto por ele. O terceiro passo é seguir com Lacan em seu trilhamento sobre as relações de objeto até sua contribuição original e fundamental sobre o conceito do objeto *a* como objeto causa do desejo. Pretende-se recolher o que os psicanalistas contemporâneos que investigam ou investigaram as sexualidades, os estudiosos de gênero e os estudos *Queers*, podem nos auxiliar no resgate de um subversivo necessário e presente, desde as origens, que não anda em conformidade com uma norma moral civilizada.

Percebemos a importância de trazer à superfície a temática da bissexualidade pelo lugar estigmatizado que a orientação bissexual ocupa, não somente na cultura, mas no próprio campo psicanalítico. No senso comum do campo psicanalítico, leituras como “uma não assunção a uma posição sexuada” ou “um rechaço à castração”, seguindo na esteira da crítica ao discurso capitalista impregnado na atualidade, reforçam a ideia de que a expressão da bissexualidade enquanto orientação sexual poderia ser uma artimanha do sujeito para se refugiar de perdas (o que se sabe ser impossível), ou ainda, um desvio para não se haver com o real inerente ao campo sexual. Ademais, essas leituras corroboram para os estigmas de promiscuidade ou indecisão dos sujeitos que se identificam como bissexuais.

No artigo *A psicanálise e o perigo trans (ou: por que os psicanalistas têm medo dos travestis?)*, Cunha (2016) indica haver uma via na psicanálise, inclusive com representantes renomados em território nacional e internacional, como Elizabeth Roudinesco (2008) e Jean-Pierre Lebrun (2008), que compreenderia como um sintoma da cultura a “proliferação de sujeitos inconformados com a lei do sexo”. A ideia apresentada por Roudinesco (2008) e por Lebrun (2008), de acordo com Cunha (2016, p. 13-14), é a de haver uma “suposta banalização do funcionamento perverso sustentado na recusa generalizada de submissão à lei da castração, cuja outra face seria o imperativo do gozo”. Sendo assim, testemunharíamos na cultura a falência da figura paterna e, por conseguinte, a ordem simbólica, ameaçando a genealogia alicerçada na filiação e nas diferenças geracionais e, conseqüentemente, prejudicando a transmissão cultural e a sustentação do laço social. Os críticos dessa abordagem denunciam a tendência de uma estrutura operadora fixa que estabelece uma ligação entre a ordem simbólica e uma racionalidade heteronormativa binária.

No entanto, nossa intenção é renovar a teoria a partir da escuta da clínica e de uma posição crítica questionadora em relação ao próprio campo, recuperando o que nos orientou Freud e, ao mesmo tempo, lançando mão dos avanços produzidos por outras áreas do conhecimento. Dessa forma, buscamos cumprir a função política da psicanálise e seu papel na cultura como produtora de um saber não-todo e não propagadora de discursos unívocos e acríticos. Afinal, o que realmente significa “estar à altura das subjetividades de sua época”, conforme Lacan nos ensinou e muitos psicanalistas repetem?

O objetivo geral desta pesquisa é promover uma reflexão acerca das bissexualidades no contemporâneo e redimensionar o lugar da psicanálise neste debate. Para isso, pretendemos alcançar os seguintes objetivos específicos: resgatar, de maneira conceitual, a abordagem da bissexualidade na obra de Freud, seguindo pelo fio teórico que conduziu Lacan à conceituação de objeto *a* para pensar a sexualidade; e revisar os estudos de gênero com o intuito de

estabelecer diálogos e avançar em nossa reflexão, abarcando a dimensão política e crítica psicanalítica.

Sustentar uma pesquisa em psicanálise é defender a dimensão do inconsciente, conceber um trabalho que surge através de um apoderamento cujo resultado será singular, suscetível de provocar novas apropriações e, conseqüentemente, transformar práticas de outros psicanalistas. Tendo como horizonte essa perspectiva, a metodologia de pesquisa em psicanálise leva em consideração a singularidade do sujeito do inconsciente, o particular de cada caso, renunciando a uma proposta que seja generalizante ou que possua uma leitura dos resultados medidos pelo signo (IRIBARRY, 2003).

Para o trabalho de pesquisa psicanalítica, o que interessa, prioritariamente, é a questão do significativo para o sujeito na lógica da experiência e não como antecipação de sentido que o signo suscita. Assim como um analisante, o pesquisador dará seu testemunho a um outro ao qual estabelece uma relação transferencial. Implicado em seu trabalho, é importante que o pesquisador saiba que sua participação enquanto sujeito é fundamental em sua investigação (IRIBARRY, 2003).

Intencionando sustentar a pesquisa em seu rigor ético e estando advertido da singularidade da investigação psicanalítica, pretende-se, nesta dissertação, problematizar a questão relativa às bissexualidades na contemporaneidade dentro do campo psicanalítico para produzir efeitos que possam contribuir para além de confirmações teóricas já produzidas, mas provocar questões e reflexões que agreguem novas perspectivas à própria práxis da psicanálise.

A partir dos preceitos elencados até aqui, esta pesquisa visa tratar da temática apresentada através de uma investigação organizada em quatro capítulos, divididos da seguinte forma: no primeiro capítulo, partiremos da clínica, celeiro dos questionamentos que nortearão esta pesquisa; no segundo capítulo, retornaremos às origens, aos primórdios da psicanálise, em busca de referenciais teóricos que nos auxiliem a refletir, no interior do próprio campo psicanalítico, sobre a conceituação de Freud acerca da bissexualidade como uma característica da sexualidade humana; no terceiro capítulo, remontaremos às contribuições de Lacan em sua releitura freudiana, com foco nas relações entre sujeito e objeto que são relevantes para o nosso estudo; no quarto capítulo, por fim, com as contribuições dos estudiosos de gênero e psicanalistas contemporâneos, poderemos tecer considerações, conclusões e novos questionamentos sobre a práxis psicanalítica.

Vejamos agora, no primeiro capítulo, o que se decanta dos recortes de quatro casos clínicos que nos fornecem subsídios fundamentais para a construção desta pesquisa.

5 A CLÍNICA COMO PONTO DE PARTIDA

É dos meus analisandos que aprendo tudo,
que aprendo o que é a psicanálise
Jacques Lacan

O pesquisador psicanalista reconhece o valor da clínica enquanto experiência fundamental, fundante da própria construção teórica inaugurada por Sigmund Freud. Foi ele quem, acreditando na ciência e na força investigativa, conseguiu ultrapassar as barreiras da metodologia científica de sua época e desvelar a existência do inconsciente através da escuta das históricas. Enquanto o discurso científico se constituiu com a invenção do sujeito cartesiano sendo preciso, de certa forma, descartá-lo para operar, a psicanálise, diante do real, vai operar metodologicamente de forma inédita, captando no real o efeito do sujeito foracluído da ciência (ELIA, 2000).

A relevância da clínica na pesquisa em psicanálise se dá pelo fato de ser exclusivamente pelo campo da experiência analítica que surge a possibilidade de colocar o sujeito do inconsciente em cena, sendo, portando, um saber sempre inédito e singular, capaz de abranger o real. Como indicado por Elia (2000, p. 23), o pesquisador-analista deve empreender a partir do “lugar do analista, lugar de escuta e sobretudo de causa para o sujeito, o que pressupõe o ato analítico e o desejo do analista”, o que implica em conceber que será desde o lugar de analisante que o pesquisador também se situa e desenvolve a sua pesquisa.

É através da clínica que a pesquisa em psicanálise pode ganhar corpo, se mostrando viva e original, revelando a singularidade de cada caso e aquilo que daí emerge de novo. Para tanto, é necessário que o psicanalista consiga avaliar o caso, se distanciando ao máximo de seus preconceitos e permanecendo atento às suas resistências, reconhecendo a importância de estar em um processo elaborativo das questões que surgem nesta e desta relação transferencial. Percebe-se que não se trata de utilizar a clínica como lugar de mera aplicação de um saber prévio, mas sim como a via privilegiada para a construção do saber psicanalítico por haver necessariamente nela a implicação do sujeito (ELIA, 2000).

Se como pesquisadores psicanalíticos somos herdeiros de mais de um século de pesquisa a partir de Freud, sabemos que ele estabeleceu a psicanálise e produziu conhecimento a partir de sua clínica em um processo de tratamento e investigação em um determinado contexto sócio-histórico-cultural. É, portanto, com Freud que encontramos importantes bases conceituais que nos auxiliam a prosseguir, mantendo vívida a psicanálise, mas sob novas condições.

Resgatemos, então, o rigor transmitido por Freud, que inaugurou um campo marcado pelo ineditismo de um pensamento que inclui o inconsciente exclusivamente a partir dos efeitos discursivos. E que fez isso através de recortes de uma clínica vivaz e, audaciosamente, não sendo capturado pela teia do conhecimento já produzido. Buscamos no cotidiano da clínica, que considera a angústia, o sintoma, os sonhos, os lapsos e os atos falhos, ou seja, as formações do inconsciente, a nossa principal matéria-prima.

Pensando nisso, apresentaremos recortes da clínica como matriz de algo importante e que se decantou do meu percurso como psicanalista, suscitando interrogações sobre alguns paradigmas da psicanálise, relativos à posição sexuada, no que ela tem de problemática em relação a todas as suas expressões que desviam de uma norma conhecida e reconhecida cientificamente. Podemos, assim, apontar algumas particularidades da cultura de nossa época e talvez, quem sabe, fazer a psicanálise avançar na direção do que a interroga hoje.

5.1 Recortes da clínica: a cada repetição, a diferença

A escolha pelos recortes clínicos e não pela exposição de um único caso deve-se ao fato de optarmos por lançar luz sobre a repetição nos casos atendidos por mim, entre os adolescentes e jovens adultos, da presença da bissexualidade manifesta. Ou seja, tratam-se de casos em que a orientação sexual se expressa na atração física e/ou na experiência sexual propriamente dita, direcionadas tanto a pessoas que possuem uma identidade de gênero semelhante quanto àquelas cujas identidades de gênero são divergentes, não necessariamente na mesma proporção. Da mesma forma, os recortes visam marcar a distinção da maneira como a bissexualidade se apresenta a cada vez.

Vale ressaltar que, a cada caso, a experiência da sexualidade numa dimensão bissexual não surge como algo a ser interrogado por aqueles que a vivenciam, mas como um fato que simplesmente ocorre, uma pura e simples expressão da sua sexualidade. Tal experiência não emerge no discurso subjetivo destas pessoas associada a sentimento de culpa, vergonha ou nojo, como marcas de um desejo recalcado, mas parece se tratar de uma experiência sentida em toda sua potência.

5.1.1 Cléo, a menina que gosta de gente

O primeiro recorte se refere ao caso de Cléo, uma menina de fala mansa, sorridente, olhos vívidos, possuidora de traços largos, dotada de uma estrutura física avantajada, que diz

sonhar em ser uma grande artista pop internacional. Perseguidora do slogan neoliberal “nunca desista dos seus sonhos”, Cléo tem apenas 13 anos e uma vida tão atribulada quanto a de qualquer executivo, espremendo em sua agenda as aulas de reforço escolar, dança, canto, línguas, teatro, entre suas atividades escolares, obrigações familiares e os poucos momentos de lazer com seus amigos.

O pedido de ingresso à análise partiu dela. Sofria com ansiedade e se sentia nervosa nos testes e provas pelos quais precisava se submeter e sobre os quais sua mãe se mostrava bastante exigente, ao ponto de cancelar, na semana que antecedia suas provas, quaisquer compromissos da filha que não estivessem diretamente relacionados aos estudos daquelas matérias. A busca por um espaço analítico também se justificava pela necessidade de ter alguém para quem falar sobre aquilo que seus pais não seriam capazes de entender, de acordo com o julgamento de Cléo.

A menina, filha única, vivia com a mãe, uma mulher bastante vaidosa, magra, de estatura baixa e traços delicados, que se ocupava da gestão familiar de forma imperiosa, e com seu pai, um homem alto e robusto, poderoso executivo de uma empresa de grande porte, que frequentemente estava em viagens de negócios e cuja presença se dava mais regularmente pela palavra da mãe do que fisicamente na vida familiar.

Nem a mãe nem o pai sabiam como agir com Cléo, que se fechava não conversando mais com eles e apenas interessava-se por seu celular, pois lá estavam seus amigos. A presença destes, ainda que virtual, a acalmava. Era também com estes amigos que ela encontrava refúgio para a sua angústia em não alcançar aquilo que sua mãe cobrava e dizia esperar dela, juntamente com seu pai, que assinava embaixo. O pai acreditava que as questões de Cléo seriam próprias da “fase da adolescência”, mas, assim como a mãe, entendia ser preciso cobrar uma alta performance de sua filha por ela ter tantas oportunidades oferecidas por eles e porque encontraria em seu futuro um mundo altamente competitivo.

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED] Sua mãe, sempre muito atenta ao que se pode melhorar, diz se preocupar com a aparência da filha, sobretudo quanto ao peso.

Cléo, em sua análise, traz questões relativas à pressão excessiva que sente da mãe, não só em relação à aparência – tema que leva a mãe a submetê-la a dietas e exercícios –, mas principalmente em relação aos seus estudos. Essa questão acaba forçando-a a reconhecer limites que a impedem de conseguir tudo, pois Cléo não alcança boas notas, mesmo estudando muito.

Usa seu espaço analítico também para falar da sua experiência com a sexualidade, tema tabu nas relações familiares. Ela se declara *pansexual*, “gosta de gente”, diz. Para Cléo, o mais importante seria “como o outro é como pessoa”, um contraponto interessante a essa lógica robotizada da alta performance que não reconhece os limites de uma pessoa, limites do humano. Revelaria, ao narrar suas histórias na escola, que suas amigas, amigos e amigas da sala de aula se dividiam entre gays, lésbicas, bissexuais e pansexuais, sendo que alguns se identificam como não binários⁶.

Para Cléo, a orientação sexual não surge em sua análise como uma questão para ela, que fala disso de forma bastante segura, potente e circulando bem entre seus colegas. Suas queixas giram sobretudo em torno das “garotas populares perfeitas” que, portanto, pareciam estar distantes de falharem, e também de alguns professores que “a perseguem”, criticando-a e exigindo dela uma melhor performance. A grande questão para Cléo está muito mais articulada ao que o Outro lhe demanda e à evidência de seus limites humanos, “de gente”, que lhe impedem de atender uma demanda que aparece embricada ao desejo do Outro. O gênero passa ao largo dos impasses de Cléo, não importando se o corpo do outro porta um pênis, uma vagina ou ambos. No entanto, o que a paralisa é a demanda de um Outro feroz, perseguidor, que lhe exige um sucesso impossível que surge como signo de seu reconhecimento, de seu valor.

A principal questão da neurose histérica indicada por Freud como: “sou homem ou mulher?” poderia ser atualizada, neste caso, para: “sou capaz de satisfazer o Outro?”, ou mesmo “sou alguém amável?”, ou ainda “sou capaz de causar o desejo do Outro?”. Tais frases soam como desdobramentos da questão principal da neurose elaborada por Lacan em sua formulação do grafo do desejo: *Che vuoi?* – O que queres de mim? Questão que é primeiramente endereçada ao Outro sob a forma de um apelo sobre o desejo, um desejo que é primordialmente o desejo do Outro. Será no intervalo da articulação languageira da fala, dentro do desejo do Outro, que o sujeito irá situar o seu próprio desejo.

[...] na hiância que separa a pura e simples articulação languageira da fala daquilo que marca que o sujeito aí realiza algo dele mesmo, algo que não tem alcance, que só tem sentido em relação a essa emissão da fala, algo que é seu ser – o que a linguagem chama com esse nome. (LACAN, 1958-1959, p. 26)

Um questionamento se a pansexualidade, no caso de Cléo, seria um artifício para recusar, “negar a diferença sexual”, que porventura possa surgir entre alguns lacanianos, parece

⁶ O termo não binário refere-se ao sentimento de que a própria identidade de gênero não pode ser definida dentro das margens do binarismo de gênero “homem-mulher”. (LOURENÇO, 2022)

forçosa em sua aproximação à estrutura perversa? Afinal, os neuróticos utilizam como subterfúgio a fantasia para velar sua castração, como tela, um filtro possível para lidar com o real. Mais produtivo talvez fosse questionar: o que faz com que os psicanalistas leiam a pergunta própria à histeria sobre o desejo do Outro, ao “pé da letra”, enquadrando a bissexualidade como uma forma de recusa da diferença sexual e deixando de lado a interrogação mais importante do sujeito, que é sobre o desejo do Outro e, portanto, sobre o próprio desejo? Haveria por parte do campo psicanalítico resistência à própria bissexualidade, à variabilidade de objetos sexuais que se presentificam aí, ou mesmo ao enigma do desejo do Outro? Tais perguntas servirão como faróis de leitura às nossas reflexões.

A análise de Cléo seguiu com a possibilidade de se ver não correspondendo o ideal de sucesso para sua mãe “perfeita”. Pôde concluir algo que já havia percebido: que seus pais também possuem limites, um deles que inclusive ela mesma impôs, ao não permitir saberem tudo sobre ela. Sua mãe, representante de um Outro que aparece de maneira consistente, por não admitir sua falta, principalmente para Cléo, foi o que permeou sua principal questão de análise: a angústia de falhar para alguém que não suporta falhas.

As faltas de Cléo às sessões de análise eram geridas por sua mãe e ocorriam quando surgia qualquer compromisso que a mãe julgasse mais importante. Tais faltas passaram a ser evidenciadas, marcadas pela psicanalista junto à Cléo e junto à mãe. Esta última não suporta ter que pagá-las ou negociá-las, o que ocasionou em uma retirada abrupta da Cléo de sua análise. Neste ato brusco e repentino da mãe, verifica-se sua inflexibilidade face a algo que a contraria ou evidencia a própria falta.

Durante o percurso de análise de Cléo, o fato de se nomear ou se identificar com uma orientação pansexual muito claramente não é o foco de sua questão sobre a sexualidade, mas sim a sua relação com o Outro. Separar-se de uma demanda alienante para se orientar desejantemente parece ser um trabalho que já começou a fazer. O fato de não se dirigir à homossexualidade ou à heterossexualidade não implica em não ter feito uma escolha. Ao contrário, sua escolha se dá marcada por “gostar de gente”, valorizando os traços de humanidade e afeto daqueles pelos quais se interessa. Outra marca importante do caso Cléo, no que se refere à cultura, é o contexto escolar onde, em sua narrativa, há uma minoria que se reconhece como heterossexual. A heterossexualidade como norma estaria sendo desbancada pelos jovens? Essa é uma questão que pretendemos retornar mais adiante. Por ora, seguimos para um segundo recorte de caso.

5.1.2 Quando se pode experimentar a vida para amadurecer

Nos deteremos agora em um outro caso clínico, o de Gabriel, que busca sozinho por atendimento, aos 19 anos, e cuja demanda de análise surge a partir de uma “seletividade alimentar”. Gabriel não comia nada fora de casa, se alimentava apenas de poucas comidas, que teriam como característica serem preferências de um paladar infantil (batata frita, nuggets, sorvete), [REDACTED]

[REDACTED] Em sua análise, traz situações em que vivencia traumas sobre a tentativa de seus pais fazê-lo comer quando criança. O trabalho com Gabriel seguiu na direção dele poder se separar subjetivamente de sua mãe, com quem estabelecia uma relação bastante alienada, [REDACTED]

[REDACTED] Uma travessia que implicava em assumir uma posição de sujeito desejante.

A orientação sexual de Gabriel, desde o início de seu tratamento, é definida por ele como sendo bissexual, algo entendido por ele – através de uma construção sua – como uma posição em que implica uma atitude social constantemente afirmativa de sua identidade por se perceber inserido na heteronormatividade. Contudo, a sua ideia de identidade, diferentemente de ser algo cristalizante, em que o sujeito se fixa subsumindo ao coletivo e se resguardando de suas falhas e restos, é algo que permanece em constante movimento, construção e se expressa singularmente.

Gabriel não traz, ao longo de seu percurso analítico, nenhuma indagação, hesitação ou radicalidade na sua relação com a orientação bissexual. Ele ficava com homens e mulheres, mas namorava apenas moças. [REDACTED] chegou a questionar-se, uma única vez, a partir da pergunta formulada por um amigo homossexual, sobre o porquê de não namorar meninos, fato que responde com tranquilidade, em sua análise, ser apenas por “não ter rolado ainda” um menino com o qual se sentisse impelido a namorar. No entanto, quando suas relações amorosas se tornavam um compromisso, dizia-se “enjoado” e preferia separar-se – isso, sim, se mostrava como um verdadeiro enigma para Gabriel. Nas parcerias sexuais eventuais, seu apetite sexual se mantinha em alta, independentemente do gênero.

Do arranjo amoroso estabelecido por Gabriel, surgiu um relacionamento aberto com uma namorada. O combinado entre o casal foi de ficarem com outras pessoas (o gênero destas outras pessoas não lhes interessava), desde que ambos se sentissem atraídos fisicamente e/ou afetivamente, definindo juntos o aceite destes terceiros na relação. Um ponto de impasse para Gabriel estava em não conseguir corresponder na mesma medida a demanda sexual que surgia de sua parceira, que “queria sexo o tempo todo”. Gabriel entende que seu desejo tem um ritmo

próprio, diferindo de sua parceira, e que este não está articulado a uma demanda excessiva, pois isso o faria perder sua potência. Ele precisa poder escolher, selecionar, precisa de um intervalo, um espaço para que consiga se mover em direção a ela. A resposta à pressão do Outro é sob a forma de recusa, assim como se dava a recusa alimentar a um Outro que o forçava comer.

No caso de Gabriel, o desejo sexual se orientava para rapazes, moças e outres, mas sua parceria amorosa se estabelecia preferencialmente com mulheres, até aquele momento de sua vida. O exercício desta sexualidade diversa e potente, para ele, parece auxiliá-lo em direção à vida adulta, passando a ser possível escolher e se comprometer com a demanda do Outro em relação ao trabalho, assumindo suas responsabilidades consigo próprio e com os outros, sem que isso se torne uma ameaça ao eu, impondo e percebendo seus limites e, por isso, assumindo uma posição desejante. Assumir compromissos era inviável para Gabriel e entendido por ele como uma imposição do Outro. Seu conflito evidenciava-se pela angústia gerada entre querer sair do seio familiar para viajar, depois estagiar, o que lhe exigiria períodos longos longe de casa, e sua dificuldade em alimentar-se sobretudo defronte aos olhares alheios.

Assim como o caso de Cléo, o ponto de impasse para Gabriel é como se posicionar em relação ao Outro. À medida em que Gabriel consegue marcar os seus limites diante deste Outro, barra-o, ou seja, passa a incluir subjetivamente a sua castração e, consequentemente, evidencia a castração do Outro, e vai conseguindo se comprometer em um relacionamento e nas responsabilidades de uma vida adulta. Sua relação desejante com o Outro consegue se sustentar em um compromisso que inclui a falta. Seu desejo sexual segue um trilhamento pulsional singular cujas marcas não enfatizam a genitália de seus parceiros, mas os traços que lhe causariam o desejo seriam outros, sobre os quais não se detém, só vai.

Após feito o recorte do caso do Gabriel, dirigimo-nos à história de Lara, uma menina que veio para análise aos 15 anos com dificuldades em lidar com a presença do pai no convívio familiar.

5.1.3 As bandeiras de Lara

Lara traz, neste momento de sua vida, uma narrativa das minorias, do feminismo e de sua revolta a um sistema patriarcal. Seus comportamentos e seu discurso no seio familiar interrogam a dinâmica das relações e marcam sua contrariedade.

Durante sua análise, surgem para a analisanda questões relativas à trama edípica que ela atribui influenciarem em seu quantum de libido que destina às mulheres ou aos homens. Isto significa que se está em “harmonia” com sua mãe, percebe-se mais interessada nas moças, se

está em paz com seu pai, se volta aos rapazes. A flutuação de seu desejo a acompanha em suas parcerias afetivas. Sua fala inicial, de que “para mim, tanto faz se é menino ou menina” nas suas parcerias, passa a ser redimensionada pelo ritmo das idas e vindas do seu desejo.

Lara [REDACTED] teve sua primeira experiência sexual com uma amiga lésbica, sobre a qual relatou ter ótima recordação. Diz, desde então, se entender bissexual por se sentir atraída por meninas, mas também por meninos, ainda que não simultaneamente e nem da mesma forma. Sua vida amorosa acabaria acontecendo mais com os homens apesar de sentir muito interesse afetivo e sexual por mulheres. Lara interroga-se sobre sua dificuldade em assumir uma relação lésbica, já que parece racionalmente tão mais “saudável” para ela, o que, vale dizer, aparenta ser sem grandes impasses em sua perspectiva.

O desejo de Lara, que se orienta para rapazes e moças, acaba, neste caso, apontando por uma predileção no estabelecimento da parceria amorosa com homens, até então, o que acaba por atualizar sua experiência comumente conturbada e paradoxal na relação com seu pai, marcada pela ausência [REDACTED], diferentemente da relação que estabelece com sua mãe, que se revela respeitosa e de cuidado mútuo.

Vejamos que surge um questionamento de Lara por não conseguir assumir um relacionamento homossexual, apesar de vivenciar essas experiências de maneira extremamente prazerosas e publicamente. Tal questionamento não encontra desdobramentos por mais que duas sessões. A homossexualidade de Lara surge, até aquele momento, restrita às experiências de prazer e afeto circunscritas eventualmente. Porém, o grande impasse trazido em sua análise vem de sua posição “submissa” na relação com o Outro. Esse parecia ser o grande nó de Lara, que apresentava inúmeros elementos sobre esta temática acompanhados de muitas indagações ao longo de sua análise. Cada sujeito a seu modo irá percorrer uma análise a fim de se separar do Outro, fazendo dessa submissão algo suportável, o que inclui as formas de desejar e se relacionar amorosa e sexualmente.

Vemos até agora que os fragmentos de caso nos fazem relativizar os vetores da atração sexual, do amor e do desejo, que ora se cruzam, ora não, obedecendo intensidades próprias e diversas. Continuando os recortes de caso, seguimos com o caso de Helena, cuja relação com o desejo parecia estar amortecida.

5.1.4 Seguindo as pistas do(s) objeto(s) causa de desejo

Helena era uma adolescente de 14 anos que detinha grandes dificuldades em seguir com as atividades cotidianas da sua vida. Era tomada por um desânimo constante, falta de

perspectiva de futuro e pensamentos suicidas que a mobilizariam para o início de sua análise. Logo em suas primeiras sessões, diz preferir o uso de pronomes não binários e ter uma orientação bissexual, significante que varia para lésbica, quando fala de seus encontros com outras meninas, e que desliza para pansexual, quando lembra que na sua infância dizia que iria gostar sempre “da pessoa”, desatrelando o gênero. Se diverte com essa questão, relatando querer, inclusive, [REDACTED] quando toda a família estiver reunida, se declarar bissexual, “quero ver a cara deles, vou rir muito”. [REDACTED]

Ser bissexual não aparece como uma preocupação ou é algo atravessado por angústia, apesar das tentativas de nomear sua orientação sexual. No entanto, havia uma suposição de que isso seria uma questão para alguns membros de sua família. Helena relatava se sentir atraída por meninas e meninos, fato ilustrado inúmeras vezes quando narrava suas experiências. Seus pontos de impasses se articulavam aos conflitos relacionais importantes que envolviam qual o lugar que ocupava na relação com o Outro. Interrogava-se com frequência sobre o que ela representava para um menino com quem vinha ficando por meses – atualizando a questão neurótica *Che vuoi?* –, e sobre o qual dizia “ele não é igual aos outros, ele parece uma menina e é por isso que gosto dele”. De forma semelhante, a questão retorna para o âmbito familiar e para as amizades. Sua preocupação se divide na radicalidade de ser amada ou odiada, ou sobre ter importância para o Outro, temas constantes em seu discurso.

As experiências de prazer e afeto com meninos e meninas são trazidas em sua análise, a exemplos das frases “ela é muito linda e quero ficar com ela”, “gosto de beijar meninas”, “gosto da atenção do *hetero top*⁷”, “os meninos que gosto tem os mesmos defeitos do meu pai”, “me sinto atraída pelos homens”, “gosto de ficar com meninas porque eu conheço bem como é ser uma menina” e “os garotos que gostam de mim sempre têm um problema de cabeça”. Também traz a rivalidade com algumas amigas em relação aos meninos que se interessa,

Helena, ao lidar com sua puberdade, se deparou novamente com a castração, o que a convocou a se relocalizar no desejo do Outro, o que parece ser sua principal tarefa nesse momento. Sua questão sobre gostar de menino ou menina não causa a ela nenhum incômodo. Sabe-se atraída por ambos e denuncia a vacilação do significante, para nomear sua sexualidade, quando o significante bissexual desliza para lésbica ou pansexual na designação da sua relação

⁷ Gíria que ela e seus amigos usam para sinalizar aqueles meninos que só gostam de meninas.

com o Outro do sexo. Helena percebe as variações sobre o que a impele em um menino ou menina, validando uma diferença entre eles. Em cada um destes encontros, ela renuncia a todos os outros, se orientando, a cada vez, pelo que lhe causa.

Percebemos em cada uma destas histórias algo que se repete: que a bissexualidade, para esses jovens, surge como algo dado desde o início, algo que “só é”, que existe sem precisar ser repudiado ou recalcado por ser uma ideia insuportável à consciência, uma constatação não conflitante com seu conjunto de valores morais. O que torna relevante questionar se essas bissexualidades que chegam ao consultório atualmente se assemelham àquela marcada por Sigmund Freud, em sua teorização no início do século XX, ou se estaríamos diante de uma nova perspectiva da bissexualidade na contemporaneidade.

Apesar da constatação de algo que se repete na clínica, a respeito da bissexualidade, existe um questionamento sobre como essa bissexualidade se apresenta para cada sujeito em sua relação com o Outro sexual. A vivência de uma bissexualidade comparece de uma forma que os levam a experimentar seus corpos nas muitas possibilidades para onde o desejo lhes aponta. Apesar disso, *a não existência da relação sexual* da qual se refere Lacan (1972-1973), marcando a impossibilidade de se fazer uma parceria sexual complementar, ou seja, de dois fazer Um, não deixa de comparecer à medida em que as questões com o Outro sempre evidenciam a falta-a-ser.

O aporte estabelecido até aqui está no âmbito da estrutura neurótica e nossa elaboração circunscrita à neurose, pois a clínica aponta que na psicose haveria outros parâmetros que estabelecem a relação com a bissexualidade. A fim de apresentarmos também essa referência, apresentaremos um recorte do caso do Lucas.

5.1.5 Quando os parâmetros são outros

Lucas é um rapaz de 21 anos que gosta de ficar com outros “caras”, mas só namora meninas e se diz bissexual. O pedido da análise é do próprio Lucas, que se reconhece muito angustiado depois de dois acontecimentos que lhe “tiraram o chão”: dois episódios de ruptura, uma morte de um ente querido e uma separação. A separação ocorre depois de uma atitude violenta sua, em meio a uma crise de ciúmes ao ver sua namorada beijando seu amigo, logo após terem decidido (ele e a namorada) assumir um relacionamento fechado. O que fez ruir a posição que ocupava entre seu grupo de amigos, que se dividiu entre alguns poucos que o apoiavam e os muitos que condenavam sua atitude.

Ao longo do trabalho de Lucas, as questões que se repetiam em suas relações de namoro, amizade e com seus professores, surgiam a partir do lugar que ele ocupava para o Outro: o quão ele era importante, se ele era uma prioridade e se era possível confiar nessas relações. É perceptível nessas repetições a configuração de um triângulo amoroso entre um amigo com quem rivaliza e uma menina pela qual se interessa, disputando com aquele pelo amor desta. Outra questão que se revelara era a preocupação em se mostrar viril para o seu grupo, uma virilidade que se traduzia pela admiração causada em seus pares e possuidora de um valioso traço identificador entre os membros do grupo.

Por sua vez, as “ficadas” com os amigos, que ocorriam nas baladas, não emergiam como questões para ele. O fato de ficarem e se masturbarem era comum entre eles, não produzindo sobre Lucas nenhuma indagação sobre sua sexualidade. Nas relações com suas namoradas, os significantes “amor”, “apaixonamento” e “rivalidade” (aqui, com um terceiro) emergiam associados a uma interrogação frequente e premente sobre o fato de ser ou não amado pelo Outro. A compreensão de uma resposta negativa a essa questão era motivo de desapontamento e ressentimento.

Destaquemos no caso de Lucas a satisfação sexual direta obtida nos atos sexuais com rapazes e moças. Seus namoros, até aquele momento, se davam exclusivamente com moças. Sobre suas amizades com os rapazes, mas não só com eles, frequentemente falava sobre sentimentos de fidelidade e amor. A sua relação familiar era algo sobre a qual não se detinha muito, verbalizava ter uma identificação com o pai, admirar sua mãe e ter alguns conflitos geracionais sobre o melhor destino para o seu futuro profissional. Quando criança, havia ficado pouco com seus pais por trabalharem muito, permanecendo sob os cuidados das empregadas e brincando com os amigos da rua, e com um deles rolava um “troca-troca”. Traz alguns sonhos para sua análise:

Sonho 1: Seu amigo Rubens querendo tutelá-lo e dizendo estar atrás dele. Lucas diz não gostar do controle deste amigo que está sempre buscando estar junto em tudo. Pensa que este amigo pode estar a fim dele.

Sonho 2: Seu amigo Rubens está com a esposa. Ela aparece em um altar com a cara de um demônio. Lucas corta a cabeça de Rubens e se sente aliviado, se sente livre. A leitura que faz sobre este corte na cabeça seria associando ao fato de não gostar desta dicotomia em seus pensamentos. Entre “o demônio e o santo”, cortar a cabeça “seria uma forma de se livrar dos próprios demônios” ou desta dicotomia.

Sonho 3: A menina com quem ficava surge no sonho com a cara de sua ex-namorada. Ambas tiveram “experiências negativas” com homens e “viraram lésbicas”, segundo ele. Não

desenvolve essa temática, mas verifica-se que a experiência com mulheres, testemunhadas tanto na traição que o trouxe para a análise quanto na experiência de quando ele “brocha”, em uma situação com uma moça com quem ficava, são dois fatos que parecem provocar nele a eminente possibilidade de se ver desprovido de virilidade, essa sim uma questão importante de se sustentar em seu grupo, segundo ele. Tal associação emerge a partir da lembrança dos comentários de seus amigos que, segundo ele, o ridicularizam em grupos de WhatsApp por ter “brochado”.

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

Sonho 6: Ele e a menina de quem gosta saem em um carro e, no banco de trás, está um youtuber famoso, homossexual, mas que paradoxalmente havia sido cancelado por dizer frases homofóbicas. Este youtuber tenta ficar com ele, mas Lucas recusa por estar namorando. Há algo em si mesmo de paradoxal, dicotômico, que parece perturbar Lucas.

Sonho 7: Ele está em um bar frequentado por drags. Uma ex-namorada aparece numa chamada de vídeo fazendo uma careta em que se parece com uma deusa exterminadora de demônios, que seriam as “forças contrárias”. Atribui a si mesmo uma dicotomia entre sua agressividade e permanecer zen. Uma posição apassivada nas relações com essas namoradas é percebida por Lucas que, ao ficar solteiro, passa a experimentar-se de forma mais ativa quando há um interesse seu por uma menina.

A vivência da sexualidade experimentada por Lucas com homens e mulheres assume suas próprias nuances de forma estabilizada até que rupturas ocorrem: a morte de uma pessoa muito amada e a separação violenta. O chão perdido faz ruir seu laço frágil, porém estável, com o campo do Outro. Sua impotência diante de situações que ferem a sua confiança na previsibilidade da vida e em si mesmo gera angústia que o faz buscar o tratamento. A sequência de uma impotência no ato sexual com uma ex-namorada evidencia uma ameaça a sua virilidade, numa dimensão real, o desestabilizando.

Os sonhos vão apontando para suas fantasias homossexuais, interpretadas como “Rubens está a fim de mim”. Apesar da sua homossexualidade – ou bissexualidade, como anuncia –, nessas relações vividas, tal fato em si não se mostra como algo passível de

interrogações até esse momento de sua análise. Através dos sonhos, se delineia a possibilidade do enquadre dos conteúdos intoleráveis do inconsciente ao modo de um delírio.

Os significantes “viril” e “virilidade” irrompem como mediadores das suas relações em grupo, mais como referências a uma marca identificatória dentro deste grupo (daqueles que precisam ser viris para pertencer), do que atrelada às questões relativas à orientação sexual. Virilidade como marca localizadora de sua posição nas relações, de uma posição “dominante” ou “privilegiada” em uma parceria sexual/amorosa.

Atribui ter “surtado”, após ler provocações de uma ex-namorada que postou indiretas em uma rede social, em um post em que imagens de vagina apareciam maiores do que as dos pênis. Diz ter ficado paranoico desde então. Tem lido nos comentários da postagem mensagens dos “caras” o ridicularizando, algo que o deixa desorientado e diz “eles querem foder comigo”. Dizia se sentir perturbado “por não receber o mesmo que dá”, ao se referir às relações que mantinha com um amigo e com uma menina com quem ficava. Lucas denuncia em seu discurso a assimetria na relação com o Outro e a possibilidade de se colocar como objeto o desorienta e gera sofrimento.

[REDACTED] O paciente decidiu parar os atendimentos por não confiar nas chamadas de vídeo, pois acreditava ter sido hackeado. [REDACTED]

A estrutura de Lucas se desvelara a partir de suas “experiências negativas” com as mulheres, que pode ter sido associada à iminência de uma homossexualidade, o que parece fazer desencadear delírios reveladores de sua estrutura paranoica. A bissexualidade, de certa forma, parecia estabilizar sua dicotomia, “viril ou brocha”, “santo ou demônio”, “agressivo ou zen”.

O significante bissexualidade surge para nomear uma orientação sexual que assume diversas expressões, um signo representante de um determinado grupo que não se identifica na dicotomia “hetero ou homo”, mas se entende situado neste termo guarda-chuva que abarca formas plurais de se relacionar com o Outro sexo. Tal termo polissêmico evidencia uma sexualidade que não segue uma única lógica, ou norma, sendo um recurso deste significante “bissexualidade” a capacidade de designar a multiplicidade e a variabilidade do movimento do desejo e do prazer nas trilhas da pulsão.

Não podemos, ingenuamente, tomar os modos de expressão do sofrimento como tomou Freud em 1905, mas precisamos saber o que há de correlação entre isso e aquilo. Se os pilares orientadores da escuta psicanalítica estão em Freud, revisemos em sua obra o que ele nos indica

acerca da bissexualidade, advertidos de se tratar de achados e constructos teóricos que ocorreram em uma determinada cultura datada historicamente e por um homem de seu tempo.

6 SOMOS TODOS BISSEXUAIS: UMA ARQUEOLOGIA DA PROPOSTA FREUDIANA

Coração cresce de todo lado. Coração vige feito riacho colominhando por entre serras e varjas, matas e campinas. Coração mistura amores. Tudo cabe.
Guimarães Rosa

Somos todos bissexuais é uma premissa freudiana que pretendemos examinar neste capítulo sobre aquilo que Freud desenvolve, ainda que de forma fragmentada, e por vezes enigmática e controversa, a respeito da bissexualidade enquanto uma disposição psíquica universal. Tendo em vista que a noção de bissexualidade, embora não tenha sido sistematizada claramente como um conceito, surge ao longo de todo o desenvolvimento teórico psicanalítico, com maior ou menor protagonismo nas investigações freudianas, propomos uma viagem histórica, retornando às origens da bissexualidade, inclusive, no que tange sua contextualização.

O termo *bissexualidade* surgiu no século XIX a partir dos estudos evolucionistas e da biologia do desenvolvimento para designar pessoas que possuiriam, como características anatômicas e biológicas, propriedades tidas como masculinas e femininas. Tal concepção da bissexualidade, correlativa ao que se chama hoje de hermafrodita ou intersexo, perdurou até o século XX. O termo também sofreu mudanças ao longo do tempo, se tornando extensivo a uma forma de erotismo que subentende amor e/ou sexo entre pessoas do sexo oposto e do mesmo sexo.

O termo bissexual também foi utilizado pelo psicólogo alemão Richard von Kraft-Ebing, em sua obra *Psychopathia Sexualis* de 1894, para identificar aqueles indivíduos cujo comportamento sexual incluiria atitudes compreendidas como “masculinas” e “femininas”. No campo psicanalítico, o uso do termo *bissexualidade* ocorre no final do século XIX, sendo originário dos estudos sexológicos, muito em voga naquele contexto histórico, interessados em compreender as origens da homossexualidade. A utilização psicanalítica do termo se vincula ora à identificação masculina e feminina, ora é atribuída às pulsões sexuais, ora essas concepções se aglutinam.

O termo surge como uma disposição inata nos primeiros achados de Freud, depois se associa à perspectiva de estrutura, mas sua força pulsional insistente comparece, apesar das tentativas de instituir a centralidade ao complexo de Édipo e sua matriz heterossexual. De acordo com Jorge (2005), existem duas apreciações primordiais a respeito da concepção da bissexualidade em Freud: a primeira como uma “predisposição universal” (FREUD,

1901/1986, p. 468), como fator psicológico, e a segunda como origem do recalque e da neurose, que seria reconsiderado por Freud.

No Dicionário de Psicanálise, de Roudinesco e Plon (1998), a bissexualidade é descrita como uma base que se funda na diferença sexual, frente a qual cada sujeito será convocado a efetuar uma escolha sexual, que se dará o recalque de um dos componentes sexuais ou a aceitação de ambos os componentes [feminino e masculino], ou, ainda, a renegação⁸ da diferença sexual (ROUDINESCO; PLON, 1998). Tal formulação irá englobar na bissexualidade o campo das identificações do eu intervindo nas vicissitudes edípicas (JORGE, 2005; MEZAN, 2006).

Além disso, veremos o que Freud foi capaz de formular, ao final de um longo percurso de construção teórica, no texto *Análise terminável e interminável*, de 1937, acerca dos “bissexuais”, termo cujo significado vinculado à libido designa não apenas a orientação sexual, como usualmente empregado na cultura, mas como uma força pulsional que direciona a libido para diferentes objetos, ainda que sua finalidade não seja o ato sexual.

Sabe-se que existem e sempre existiram pessoas capazes de tomar como objeto sexual membros do seu próprio sexo e do sexo oposto, sem que uma orientação prejudique a outra. Nós as denominamos “bissexuais”, e toleramos sua existência sem nos admirarmos com isso. Mas aprendemos que *todos os indivíduos são bissexuais* nesse sentido, que distribuem sua libido por objetos de ambos os sexos de modo manifesto ou latente. Chamamos a atenção o seguinte, porém. Enquanto no primeiro caso as duas tendências se relacionam sem problemas, no segundo caso, o mais frequente, acham-se num estado de conflito irreconciliável. A heterossexualidade de um homem não suporta a homossexualidade, e vice-versa. Se aquela é a mais forte, consegue manter essa latente e afastá-la da satisfação na realidade; por outro lado, não há perigo maior para a função heterossexual de um homem do que ser perturbada pela homossexualidade latente. (FREUD, 1937/2018, p. 312)

Apesar da citação situar uma concepção de oposição entre os sexos, vistos binariamente, Freud dá ênfase à questão da orientação sexual, apresentando a bissexualidade manifesta como aquela que não foi submetida ao recalque e que, portanto, poderia ser vivida sem conflitos no aparelho psíquico. A bissexualidade enquanto orientação sexual, ou bissexualidade manifesta, como chamamos neste trabalho, parece ser muito bem recebida por Freud, neste momento final de sua obra. No entanto, voltaremos onde tudo começou e, percorrendo as referências psicanalíticas sobre a bissexualidade, buscaremos subsidiar a nossa construção argumentativa.

⁸ “Termo criado por Sigmund Freud, em 1923, para caracterizar um mecanismo de defesa pelo qual o sujeito se recusa a reconhecer a realidade de uma percepção negativa e, mais particularmente, a ausência de pênis na mulher”. (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 656)

6.1 Um retorno às origens: a amizade com Fliess

As origens da teorização freudiana acerca da bissexualidade remontam às conversas entre Sigmund Freud e Wilhelm Fliess, médico alemão, judeu, especialista nos padecimentos do nariz e da garganta, que foram proferidas nas correspondências trocadas ao longo de 17 anos, entre 1887 e 1904. Tal correspondência foi fruto de uma intensa amizade que, segundo Anna Freud, seria um relacionamento, entre seu pai e um homem, que diferiria de todos os outros (PORGE, 1998).

A escrita freudiana era veloz, repleta de abreviações e palavras latinas, contemplando todo o aprendizado da vida sexual humana, a partir de sua clínica, de sua experiência na vida pessoal, familiar e da observação social, classificando, indexando e multiplicando os quadros clínicos. Freud sempre se mostrou entusiasmado com o recebimento ou envio de suas cartas (ROUDINESCO, 2016). Porge (1998, p. 14) chega a mencionar que Freud expressava seus sentimentos com extrema confiança em Fliess, inclusive de forma carinhosa, chegando a reconhecer em si próprio “um lado ‘feminino’” na carta datada 07.05.1900.

O primeiro encontro entre os dois ocorreu quando o médico alemão o procurou para assistir às suas aulas no Hospital Geral de Viena. Uma amizade que arrebatou Freud, mas que não seria a única, segundo Roudinesco (2016). Fliess, que era respeitado no meio científico, aderente a uma “teoria mística e organicista”, funcionava como uma espécie de “alter ego” de Freud, lhe impulsionando pela oposição, testemunho, pelas trocas relativas aos casos clínicos, pela apresentação de hipóteses ousadas e nos raros encontros pela Europa. Um fato curioso é o de que Fliess nunca duvidava de suas próprias hipóteses e habitualmente estabelecia relação entre todas as expressões patológicas, até quando não havia nenhuma ligação entre elas. Não havia lugar para a dúvida e seu procedimento era fundado em suposições delirantes. Freud e Fliess se encontraram no período em que este estava elaborando “uma doutrina articulada em torno de três eixos: uma clínica da neurose, uma teoria fisiológica da periodicidade e uma representação biomédica e cosmológica da bissexualidade humana” (ROUDINESCO, 2016, p. 71).

O médico alemão, que sofria de sérias enxaquecas, chega a propor uma entidade clínica chamada “neurose nasal reflexa”, cujas causas eram por vezes relacionadas a doenças orgânicas, inclusive enxaqueca, outras vezes, ligadas a transtornos procedentes das genitálias, pela associação das mucosas nasais a atividades dos órgãos genitais. Os sintomas daquela neurose estavam submetidos a ritmos cíclicos de 28 dias relacionados à menstruação das mulheres e, nos homens, haveria uma equivalência desse ciclo, porém de 23 dias (ROUDINESCO, 2016).

Fliess deduziu, a partir de então, que haveria uma bissexualidade basilar presente em todos os seres humanos, representada através de “uma bilateralidade fisiológica”, em que cada um teria em si, do lado esquerdo, uma predominância do sexo oposto (PORGE, 1998). Munido com a teoria da periodicidade e da bissexualidade dos seres humanos, Fliess acreditava controlar os dias críticos de ciclos humanos que precisariam o nascimento, a doença e a morte⁹ (FLIESS, 1897/1977 apud ROUDINESCO, 2016, p. 72). A concepção fliessiana da bissexualidade a atrelava totalmente à questão anatômica, enquanto o gênero socialmente construído se apresentava de forma secundária.

Sobre o processo de construção da concepção psicanalítica da bissexualidade, Roudinesco (2016, p. 72-73) esclarece que:

Enquanto Fliess progredia na exploração cada vez mais irracional da bissexualidade humana, preconizando ao mesmo tempo perigosas cirurgias das fossas nasais¹⁰, Freud elucubrava todo tipo de hipóteses sobre o psiquismo humano. Num manuscrito com aproximadamente cem páginas, ‘Projeto para uma psicologia científica’, concebido como um tratado de psicologia para uso dos neurologistas, expôs, destinado ao amigo, em 1895, um plano geral de sua abordagem neuropsicológica da memória, da percepção e da consciência. Nele, descrevia os processos patológicos através dos quais tentava pôr em evidência as características dos fenômenos psicológicos considerados ‘normais’. Ao contrário de Fliess e duvidando permanentemente de si mesmo, buscava fazer da psicologia uma ciência natural, distanciando-se cada vez mais do projeto de restringir os fenômenos psíquicos a desordens orgânicas.

Porge (1998) ressalta que o primeiro ponto de discórdia entre Freud e Fliess foi quando, em um encontro na Páscoa de 1897, em Nuremberg, Fliess expôs a Freud seu conceito de bissexualidade inseparável de sua ideia da bilateralidade. Não concordando com a ideia, Freud escreve, em janeiro de 1898, uma carta ao amigo em que diz estar muito entusiasmado com “a ideia incidental” de Fliess, por entender sua própria perspectiva da bissexualidade como uma importante descoberta desde a noção de defesa. A compreensão de bissexualidade para ambos mostrava suas diferenças. A partir das anotações de Marie Bonaparte, em relação à paternidade do termo, Masson (1986, p. 4) cita o seguinte trecho:

Quanto à bissexualidade, se Fliess foi o primeiro a falar nela com Freud, não lhe seria possível reclamar prioridade nessa ideia da biologia. ‘E, se ele me deu a bissexualidade, dei-lhe a sexualidade antes disso’. Eis aí o que me disse Freud.

⁹ Refere-se à publicação *Beziehungen zwischen Nase und weiblichen Geschlechtsorganen, Die: In ihrer biologischen Bedeutung dargestellt* (A relação entre o nariz e os órgãos sexuais femininos: apresentada do ponto de vista de sua significação biológica). Leipzig e Viena: Franz Deuticke, 1897.

¹⁰ Freud chega a se submeter a duas dessas cirurgias (ROUDINESCO, 2016). Nas anotações de Maria Bonaparte, estaria registrado um certo crédito de Freud no que se tratava da melhora de sua azia. (MASSON, 1986).

O início do fim da amizade entre eles se deu quando estavam numa temporada em Achen, em julho de 1900. Fliess acusara Freud de hostilidade, que rebate criticando-o pelo não reconhecimento dos seus achados (ROUDINESCO, 2016). Após a desavença, Freud fala sobre sua teoria da bissexualidade a Hermann Swoboda, jurista austríaco e seu analisando, que a comenta com um amigo, Otto Weininger, escritor judeu vienense, quem publicaria um ano depois seu único livro, *Sexo e caráter*, “verdadeiro manifesto da bissexualidade e do ódio às mulheres e aos judeus” (p. 77). Ao conhecer a obra, em 1904, Fliess acusaria Freud de plágio e roubo de ideias. Mais tarde, Freud reconhece a dívida com Fliess, porém não assente com o plágio, em razão dos muitos trabalhos da época que também contribuíram para a construção da temática sobre a bissexualidade. Freud ainda chega a convidar Fliess para escreverem juntos um texto sobre a bissexualidade, mas o projeto não foi além do convite. Adiante, Freud faria da bissexualidade um conceito fundamental da psicanálise, embora tenha se distanciado da ideia fliessiana sobre a bilateralidade.

Na carta 52 a Fliess, considerada um dos pilares da construção freudiana do inconsciente, Freud (1896/1986) propõe que o aparelho psíquico se constituiria em um processo de justaposição de camadas, suscetível a rearranjos ou retranscrições mnêmicas. Nesta carta, Freud busca explicar que uma experiência sexual precoce poderia resultar em perversão, histeria ou neurose obsessiva, a partir da ideia da bissexualidade universal. Utiliza-se da concepção fliessiana de períodos cíclicos, os divide em psíquicos e sexuais, faz cálculos e indica sua hipótese de que haveria uma substância masculina em ciclos de 23 dias, que produziria prazer em ambos os sexos através de sua descarga, e outra feminina, de 28 dias, cuja descarga seria sentida como desprazer. Freud (1896/1986) entenderá que nos seres “puramente masculinos” haveria uma descarga excessiva pelas duas fronteiras sexuais que levaria à perversão e, entre os seres “puramente femininos”, um excesso de substância desprazerosa provocaria as neuroses de defesas. Freud (1896/1986) parece não poupar esforços em sua tentativa de buscar alinhar o sexual com o anátomo funcional, pensando inclusive em termos energéticos, lançando mão da biologia, física e matemática para tentar explicar os processos psíquicos.

Testemunharemos que a solução proposta por Fliess, pela via de um reestabelecimento de uma suposta “complementariedade” das substâncias feminina e masculina, seria um recurso para tratar aquilo que surgia como sendo originário do traumático sexual, a “Coisa sexual” (VIDAL, 2010), e sua propriedade ineficaz teria sido reconhecida por Freud apenas muitos anos mais tarde, como indicado nos textos *Além do princípio do prazer* (1920) e em *O Mal-estar na cultura* (1930).

6.2 O percurso trilhado por sigmund Freud

Freud estava bem mais preocupado com o papel da bissexualidade no psiquismo e seu lugar nas psiconeuroses. O rompimento com Fliess, deveras conturbado, envolveu ciúmes, suspeitas de traição após anos de uma relação intensa, e nos trazendo as pistas do que Freud elucidaria acerca da bissexualidade no que tange a economia libidinal.

A partir do rompimento, Freud parece ter se sentido autorizado a tomar outra direção em relação às suas reflexões acerca da bissexualidade, a descolando-a da fisiologia e do orgânico. É fato que a ideia fliessiana, de uma bissexualidade orgânica generalizada, impactou Freud, fazendo-o avançar em sua práxis a partir do escambo das ideias e divergências que foram de extrema relevância para o desenvolvimento do arcabouço teórico psicanalítico. Os frutos brilhantemente colhidos por Freud não foram os mesmos de Fliess, que teve sua reputação destituída a alguém excêntrico, delirante e fanático por números (ROUDINESCO, 2016).

Seguindo a arqueologia da *bissexualidade* na obra freudiana, no texto *A interpretação dos sonhos* (1900/1996), a bissexualidade reaparece através de uma associação feita por Freud a um sonho seu, julgado precocemente como muito bem construído, sugerindo uma nova categoria de sonhos. No entanto, depois se verificaria a sua estrutura lacunar, o desejo subjacente e os defeitos comuns a qualquer sonho, assim como a difícil e incompleta construção teórica da bissexualidade e seu desejo subjacente em torná-la “clara e impecável”. Desejo este que não chega a realizar.

Em 1901, no texto *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana*, no capítulo sobre o esquecimento de impressões e conhecimentos, Freud menciona seu entusiasmo com as trocas científicas com um amigo¹¹. Cita um episódio de rememoração que ocorreu apenas dois anos e meio mais tarde sobre sua hipótese de uma bissexualidade originária. Na situação antiga, Freud não quis saber do assunto e a reativação da memória só foi possível após uma segunda fala de seu amigo, desta vez recordando a cena, o que o fez renunciar sua paternidade da hipótese mencionada. A partir desta rememoração, se viu mais tolerante com as referências ao seu trabalho não indicadas por outros autores.

6.2.1 A bissexualidade inata

¹¹ Esse amigo não é mencionado no texto, mas, deduz-se que seja Fliess.

Em 1904, em uma carta endereçada a Fliess, Freud menciona uma descoberta, obtida a partir da experiência psicanalítica, afirmando que: “uma forte corrente homossexual é encontrada em todos os neuróticos” (1986, p. 465). Neste mesmo período, Freud concluía seus *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, em que dizia ser impossível não tocar no ponto da bissexualidade, devido a sua explicação da *inversão sexual* – nome dado à época ao que se entende hoje por homossexualidade – e da corrente homossexual dos neuróticos.

Segundo a nota do editor da edição inglesa, James Strachey, o texto *Fragmento da análise de um caso de histeria*, conhecido como caso Dora, teve grande parte de sua escrita feita em janeiro de 1901, apesar de ter sido publicado em 1905. Sobre as investigações de Freud, Strachey afirma que:

Seu interesse principal continua sendo a psicologia - uma estimativa da importância dos sonhos e uma descrição de algumas das peculiaridades do pensamento inconsciente. Há apenas vislumbres do orgânico - as zonas erógenas e a bissexualidade. Mas ele [o orgânico] é claramente mencionado e reconhecido, ficando aberto o caminho para seu exame exaustivo em outra oportunidade. (STRACHEY, 1996 In. FREUD, 1905[1901]/1996, p. 16)

No caso Dora, o principal conflito psíquico se daria pela oposição que comporia sua atração por homens e por mulheres. Strachey (1996) menciona haver um elo que une *A Interpretação dos Sonhos*, como precedente do caso Dora, e os *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, como consequência do caso. A partir de sua experiência clínica com Dora, Freud afirmará, acerca da “complacência somática”, seus fundamentos orgânicos, a saber: os germes infantis da perversão, as zonas erógenas e a disposição à bissexualidade, sobre os quais precisariam mais estudos para serem validados. A bissexualidade enquanto disposição é orgânica, está lá originariamente.

De acordo com Deloya (2003), o caso Dora incita a suspeita freudiana do papel fundamental da bissexualidade nas neuroses relatada a Fliess, em carta de janeiro de 1901. O caso marcava um sofrimento de ordem amorosa, originário de um conflito bissexual na direção do desejo, cujas expressões estariam nas demonstrações de rancor e vingança. Podemos questionar se tal conflito bissexual seria reforçado por uma repressão cultural transmitida no âmbito familiar vivida por Dora?

Van Haute e Geyskens (2016) apontam que o esforço no convencimento de Dora sobre seu desejo heterossexual pelo Herr K. denuncia o preconceito cultural que também atravessaria Freud, ainda que tivesse descoberto uma constituição humana perversa e bissexual. Os autores também reforçam a ideia de que Freud estaria se protegendo de uma dissociação estrutural das

identidades de gênero atrás da “solução natural” para Dora.

Em vez da normalidade heterossexual, talvez Freud buscasse, a todo custo, proteger a ideia de um desejo indetectável na base dos sintomas de Dora. A bissexualidade leva Freud – e todos nós? – a se confrontar com uma incerteza estrutural acerca não apenas do objeto do desejo, mas também do lugar a partir do qual o desejo ganha forma. Além da rejeição à sexualidade, a histeria se caracteriza pela incerteza estrutural da identidade de gênero. A impossibilidade de alcançar um desejo unívoco e identificável na prática analítica é resultado dessa incerteza. (VAN HAUTE; GEYSKENS, 2016, s/p)

No caso de Dora, é possível verificar que sua libido “abriu seu próprio caminho e, para se realizar, conectou-se a encontros contingentes e respostas somáticas” (VAN HAUTE; GEYSKENS, 2016, s/p). A libido polimorfa, perversa e bissexual de Dora evoca nela repulsa e fascínio, no entanto, estaria no núcleo de sua patologia. À medida que Freud lançava luz ao complexo de Édipo para explicar a neurose, apagava a importância originalmente dada à bissexualidade como uma disposição, como um conjunto de forças que tem o potencial de se expressar em uma sintomatologia histérica.

Já nos *Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade*¹² (1905/1996), texto submetido a inúmeras complementações nos anos 1910, 1915, 1920 e 1924, Freud será reconhecido por sua genialidade ao admitir haver uma sexualidade infantil perversa polimorfa estrutural, enfatizada principalmente nos dois primeiros de seus ensaios no texto original. Tal texto mostraria “diferentes referências da bissexualidade como um dinâmica fundamental da existência humana” em que Freud a defenderia como uma “tendência universal” (VAN HAUTE e GEYSKENS, 2016, s/p). Porém, essa sexualidade essencialmente caracterizada por propriedades perversas e polimórficas acaba sofrendo um desvanecimento de suas propriedades convertidas no terceiro ensaio por “uma espécie de teleologia extrínseca a ela mesma, em que o prazer se vê substituído pelo fim reprodutivo” (AMARAL, 1995). Essa ruptura será amenizada nas edições posteriores em nome de uma certa finalidade evolutiva, evidenciada, principalmente, numa espécie de desenvolvimentismo de uma organização sexual infantil dividida em fases oral, anal e genital-fálica, se distanciando largamente do aspecto polimórfico e disperso da pulsão.

No item intitulado *As aberrações sexuais*, na sessão sobre *A inversão [sexual]*, no tópico *O recurso à bissexualidade*, Freud (1905) alega que outros autores como Lydston (1889), Kiernan (1888) e Chevalier (1893), tentando elucidar a hipótese de uma homossexualidade,

¹² *Die menschliche Bisexualität* (Bissexualidade humana) foi o título provisório nos primeiros momentos de sua pesquisa, tamanha era a importância dada à bissexualidade (VAN HAUTE e GEYSKENS, 2016, s/p).

recorreram a ideias que contrariavam a concepção popular de que alguém ou é homem ou é mulher. Esclarece, porém, que a ciência já constatava naquela época a existência de caracteres sexuais que se apresentam de tal forma (genitália combinando caracteres femininos e masculinos – hermafroditismo) que dificultam a determinação do sexo. O valor de tais “anormalidades” estaria na possibilidade de compreensão de uma “formação normal”, pois já se sabia que algum grau de hermafroditismo anatômico é comum. Percebe-se aí que há uma dificuldade dos limites do binarismo de gênero até mesmo pela via anátomo-fisiológica.

Freud (1905/1996) se utiliza da concepção de uma bissexualidade que seria, em princípio, orgânica, e que, no decorrer do seu desenvolvimento, se tornaria uma monossexualidade, deixando poucos resquícios do sexo atrofiado. Temos a impressão de que Freud tenta soldar o gênero à sexualidade, de modo que haveria uma matriz heterossexual, assim como o binarismo de gênero, como referenciais da normalidade.

Freud (1905/1996) teria sido provocado pelo que havia dito Kraft-Ebing, sobre haver uma disposição bissexual que dotaria um ser humano de “centros cerebrais masculinos e femininos”, desenvolvidos na puberdade e geralmente influenciados pelas glândulas sexuais, e “de órgãos sexuais somáticos”. Freud sustenta não ter descoberto nada além da anatomia como resposta para tal disposição, e que o indivíduo homossexual lidaria com perturbações que afetariam um desenvolvimento pulsional compreendido como “normal”. Os caracteres secundários e terciários de um sexo determinado no sexo oposto, para justificar a homossexualidade, deveriam ter que ser repensados, não sendo necessariamente reveladores de uma troca de objeto sexual. Quanto à existência de um “hermafroditismo psíquico”, haveria somente um mínimo condicionamento correspondente aos tais caracteres (FREUD, 1905/1996).

Se haveria como transpor tal ideia para o campo psíquico, em que a homossexualidade, sob suas diversas formas, fosse a manifestação do “hermafroditismo psíquico”, constatado pela coincidência entre os sinais anímicos e somáticos de uma “inversão”, isso não chega a se realizar para Freud. Ele reconheceu não ser viável comprovar essa estreita relação entre o hibridismo psíquico e o anatômico, e esclarece ocorrer na homossexualidade uma redução disseminada da pulsão sexual¹³ e uma pequena atrofia dos órgãos. Para Freud, surge um corte importante em sua teorização: a homossexualidade e o hermafroditismo ou bissexualidade corpórea seriam disjuntos e independentes.

¹³ Trecho acrescido em 1915 fazendo referência às ideias de Havelock Ellis, médico e psicólogo.

O fato importante a ser retido é que de modo algum se pode chamar de uniforme a meta sexual dos invertidos. Nos homens, a relação sexual *per anum* não coincide em absoluto com a inversão; a masturbação é com igual frequência seu alvo exclusivo, e as restrições ao alvo sexual - a ponto de ele ser um mero extravasamento da emoção - são aqui ainda mais comuns do que no amor heterossexual. Também entre as mulheres invertidas são múltiplos os alvos sexuais, parecendo privilegiado entre elas o contato com a mucosa bucal (FREUD, 1905/1996, p. 138-139).

A partir da consideração dos casos de homossexualidade, Freud (1905/1996) insiste que a relação entre pulsão sexual e o objeto sexual é de apenas uma única solda, não sendo uma ligação tão óbvia quanto se imaginava: “[...] somos instruídos a afrouxar o vínculo que existe em nossos pensamentos entre a pulsão e o objeto. É provável que, de início, a pulsão sexual seja independente de seu objeto, e tampouco deve ela sua origem aos encantos deste” (FREUD, 1905/1996, p. 140). A ideia de haver um alvo sexual normal pelo coito foi redimensionada por Freud, observando sua variabilidade e multiplicidade, que incluía as relações intermediárias com o objeto sexual, não lhe cabendo uma concepção de oposição ao alvo heterossexual: “[...] mesmo no processo sexual mais normal reconhecem-se os rudimentos daquilo que, se desenvolvido, levaria as aberrações descritas como perversões” (FREUD, 1905/1996, p. 141). Sua conclusão renuncia a uma explicação sobre as origens da homossexualidade para iluminar algo que se revelou bem mais importante em seu posterior desenvolvimento teórico sobre as pulsões. Sua hipótese será reforçada a partir da análise dos casos em que os objetos sexuais eleitos seriam crianças e animais, concluindo que o essencial e constante na pulsão é alguma outra coisa e não a qualidade do objeto sexual.

Ainda nos *Três Ensaio*s (1905/1996), ao discorrer sobre sadismo e masoquismo, o par de opostos da perversão, Freud nos lembra que a atividade e passividade são sua base e, também, as características da vida sexual. Além disso, se mostra tentado a fazer uma correlação entre masoquismo/sadismo com masculino/feminino, combinação presente na bissexualidade e compreendida naquele momento teórico como atividade/passividade.

Freud (1905) indica que será apenas na passagem pubertária que se estabelecerá uma separação mais nítida das características masculinas e femininas. Na infância seria possível reconhecer ambas as disposições, e atribuirá as inibições (vergonha, nojo e compaixão) como mais preponderantes e recorrentes nas meninas, pela tendência maior ao recalque sexual. Freud (1905) complementa que, nas mulheres, as pulsões sexuais, quando visíveis, dariam preferência a sua expressão passiva e que na infância haveria uma atividade idêntica das zonas erógenas em ambos os sexos: o autoerotismo. Sobre as expressões autoeróticas e masturbatórias da sexualidade nas meninas, Freud (1905/1996) condiciona a dificuldade em precisar o caráter

masculino e feminino, pela natureza masculina própria da libido, independentemente de seu objeto¹⁴. E adita:

Desde que me familiarizei com a noção de bissexualidade, passei a considerá-la como ofator decisivo e penso que, sem levá-la em conta, dificilmente se poderá chegar a uma compreensão das manifestações sexuais efetivamente no homem e na mulher. (FREUD, 1905/1996, p. 208)

Vemos que Freud (1905/1996), ainda que traga a ideia da escolha objetal homossexual pela bissexualidade psíquica, ainda a pressupõe como uma escolha oposta ao “normal”. Aquele que fosse homossexual, cederia aos atrativos de um corpo e alma do mesmo sexo. Ao se sentir como uma mulher, um homem homossexual buscaria outro homem, revelando uma concepção de que a sexualidade seria heterossexual a priori.

Quanto à homossexualidade entre as mulheres, Freud (1905/1996) acreditava que ela se apresentava de forma menos ambígua entre as “ativas”, que exibiriam caracteres somáticos e anímicos do homem, ansiando no objeto sexual a feminilidade. Reconhece, todavia, que uma pesquisa mais rigorosa revelaria a variedade da homossexualidade feminina. Freud não deixa de advertir que não há uma característica universal para a homossexualidade, ainda que tente compreendê-la em suas determinações psíquicas recorrendo à bissexualidade:

Não há dúvida alguma de que uma grande parcela dos invertidos masculinos preserva o caráter psíquico da virilidade, traz relativamente poucos caracteres secundários do sexo oposto e, com efeito, busca em seu objeto sexual traços psíquicos femininos. Não fosse assim, seria incompreensível o fato de a prostituição masculina, que hoje como na Antiguidade se oferece aos invertidos, copiar as mulheres em todas as exteriorizações da indumentária e do porte; tal imitação, de outro modo, ofenderia necessariamente o ideal dos invertidos. Nos gregos, entre os quais os homens mais viris figuravam entre os invertidos, está claro que o que inflamava o amor do homem não era o caráter masculino do efebo, mas sua semelhança física com a mulher, bem como seus atributos anímicos femininos: a timidez, o recato e a necessidade de ensinamentos e assistência. Mal se tornava homem, o efebo deixava de ser um objeto sexual para o homem, e talvez ele próprio se transformasse num amante de efecos. Nesses casos, portanto, como em muitos outros, o objeto sexual não é do mesmo sexo, mas uma conjugação dos caracteres de ambos os sexos, como que um compromisso entre uma moção que anseia pelo homem e outra que anseia pela mulher, com a condição imprescindível da masculinidade do corpo (da genitália): é, por assim dizer, o reflexo especular da própria natureza bissexual¹⁵. (FREUD, 1905/1996, p. 137)

É verificável a insistência freudiana em tentar explicar as origens da escolha

¹⁴ Em nota acrescentada em 1915, esclarece a confusão dos sentidos de masculino e feminino atribuindo a eles três sentidos distintos: 1) atividade/passividade; 2) biológico – presença de espermatozoides ou óvulos e suas funções; e 3) sociológico – perspectiva do que seria indivíduos masculinos e femininos em uma sociedade, por uma mescla de traços psíquicos, biológicos e de atividade/passividade. Retoma a questão de a libido ser masculina devido à pulsão ser sempre ativa.

¹⁵ A última frase foi acrescentada em 1915.

homossexual nessa perspectiva binária de gênero, marcada pela heteronormatividade.

Freud consegue, em seus *Três Ensaio*s (1905/1996), apresentar algo inédito ao se afastar de uma ideia de degeneração orgânica, trazendo sua concepção sobre as perversões mais associadas à excitação e à obtenção de prazer generalizadamente, concebidas independentemente de um objeto sexual, o que faria parte de toda a sexualidade humana: a pulsão, enquanto uma força que busca satisfação, ainda que parcialmente, e sendo essa sua particularidade, pois constantemente procura satisfazer-se.

Pensar as diversas expressões da bissexualidade manifesta, através do que nos apresenta Freud, possibilita compreender a homossexualidade como um componente sexual de todo sujeito, expressa ainda que de modo latente. E também a entender que o que está em jogo na sexualidade é da ordem da satisfação pulsional e não o objeto em si, e que, do encontro com o objeto, seja ele qual for, retornará para o sujeito como marca de uma experiência de prazer ou desprazer.

Depois dos *Três Ensaio*s (1905/1996), a questão da bissexualidade reaparece no texto *Fantasia histérica e sua relação com a bissexualidade* (1908/1996). Segundo o editor inglês Strachey (1996), a bissexualidade surgiria como uma “reflexão secundária” da nova apreciação da associação entre fantasias e sintomas. A fantasia inconsciente terá uma participação fundamental na vida sexual do sujeito, por ser idêntica à que lhe serviu como fonte de satisfação experimentada no período masturbatório, composto de duas partes soldadas: evocação fantasmática e atividade para obter autogratificação. Inicialmente, um ato autoerótico pela busca de prazer em uma parte específica do corpo (erógena), posteriormente, funde-se a uma representação investida de desejo no campo do amor objetal, servindo a uma realização parcial da fantasia. Ao renunciar essa satisfação masturbatória ligada à fantasia, abandona-se o ato e a fantasia se torna inconsciente. Sem uma substituição de satisfação sexual direta ou sublimatória, se alcança a condição necessária para uma fantasia inconsciente se tornar um sintoma, seja pela conversão ou como somática (FREUD, 1908/1996).

Assim, a histeria se estrutura na fantasia histérica, análoga aos delírios megalomaniacos, melancolias ou perversões, cuja fonte estaria nos devaneios juvenis, ocorrendo em ambos os sexos na mesma frequência, eróticos para as mulheres e eróticos e ambiciosos para os homens. Devaneios que serão investidos, acalentados cuidadosamente e geralmente ocultados com bastante sensibilidade (FREUD, 1908/1996).

Será a partir de seu método investigativo psicanalítico que Freud retirará da manifestação sintomática o caminho para as fantasias inconscientes dos neuróticos, esclarecendo que um sintoma específico corresponderia a várias fantasias de forma não

arbitrária, porém, seguindo certo padrão. Ao tentar desenvolver uma progressão da sintomatologia histérica com uma listade de oito itens, Freud (1908/1996) fornecerá no sétimo item uma contribuição que considera mais completa e importante sobre o sintoma histérico, uma vez que “surge como compromisso entre dois impulsos afetivos e instintuais, dos quais um se empenha em dar expressão a um instinto¹⁶ parcial ou um componente da constituição sexual, e o outro, em suprimi-lo” (FREUD, 1908/1996, p. 346). Freud (1908/1996) acrescenta ainda, no item oito, que uma fantasia inconsciente fornecerá a devida significação ao fator sexual, mesmo que os sintomas histéricos possam assumir a representação de vários impulsos inconscientes não sexuais.

Desde os *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* (1905/1996), Freud já apontava a existência da relação entre o sintoma e a fantasia dos componentes sexuais pulsionais dominantes. Sabe-se que em muitos sintomas subjazem uma única fantasia sexual – ou até várias, mas haveria uma mais significativa da ordem sexual –, e que a elucidação dessas fantasias poderia não ser suficiente para a eliminação dos sintomas. Em situações dessa natureza, estariam em questão duas fantasias sexuais, uma do tipo feminino e outra do tipo masculino, uma delas originária de um “impulso homossexual”. Se um sintoma representa um “compromisso entre um impulso libidinal e um impulso repressivo”, também pode “corresponder à união de duas fantasias libidinais de caráter sexual oposto” (FREUD, 1908/2015, p. 347).

Freud formula assim um nono item a partir do desenvolvimento percorrido até aqui, segundo o qual “um sintoma histérico é a expressão, por um lado, de uma fantasia sexual inconsciente masculina e, por outro lado, de uma feminina” (FREUD, 1908/2015, p. 347). Tal formulação, porém, não se aplicaria nem a todos os casos, nem a todos os sintomas de um, e independem de uma vivência da heterossexualidade ou da homossexualidade:

A significação bissexual dos sintomas histéricos é demonstrável em numerosos casos, é certamente uma interessante prova de afirmação, por mim sustentada, de que *a disposição bissexual que supomos nos seres humanos* pode ser vista com particular clareza nos psiconeuróticos, mediante a psicanálise. Algo inteiramente análogo, no mesmo âmbito, ocorre quando um indivíduo que se masturba procura, em fantasias conscientes, colocar-se tanto no lugar do homem como no da mulher, na situação imaginada [...]. (FREUD, 1908/2015, p. 348, grifo nosso)

¹⁶ A primeira tradução brasileira da obra freudiana foi feita pela editora Imago a partir da edição inglesa das obras completas. Por esse motivo, alguns termos não correspondem exatamente ao sentido dado por Freud. É o caso do termo alemão *Trieb*, que está traduzido por instinto, quando se admite amplamente que o termo é melhor traduzido por pulsão.

Um exemplo dessa *disposição bissexual* foi observado por Freud (1908/2015) em um ataque histérico no qual uma paciente cumpriu, concomitantemente, os papéis de homem e mulher. Freud parece iniciar uma abertura para pensar tais papéis, e segue desenvolvendo o que seriam essas posições e o quanto, em cada uma delas, teriam de atividade e passividade. Pensando a fantasia sexual de base, Freud descreve uma cena em que uma mulher, enquanto comprimia o vestido em seu corpo com uma mão, como mulher, tentava tirá-lo com a outra, como homem. Dois atos simultâneos e contraditórios servindo para confundir a situação tão claramente manifestada no ataque, ocultando a fantasia inconsciente que pode se manter pertencendo ao sexo oposto. Adverte, então, quanto à importância do psicanalista “estar preparado para o significado bissexual do sintoma” (FREUD, 1908/2015, p. 349).

Van Haute e Gyskens (2016) assinalam que as fontes das fantasias históricas não se originam no Édipo, mas vêm das pulsões parciais e perversas, tendo a bissexualidade um papel importante ainda que seja pela identificação. O fantasiar promove um mundo idealizado onde a pulsão é expressa e censurada, representada e recalcada. Um excesso de excitação que sem descarga ou elaboração é transformado em sintoma ou em uma formalização estética artística ou literária. Em um contexto cultural menos repressivo no campo sexual, portanto, com menos censura e, assim, com menos necessidade de se submeter ao recalque, haveria mais espaço para fantasiar conscientemente a bissexualidade e vivenciá-la?

Será no artigo *Considerações gerais sobre o ataque histérico* (1909[1908]/2015), que Freud vai alertar para uma necessidade de revisão interpretativa dos ataques históricos que deveria ser empregada de forma idêntica a dos sonhos noturnos. Afinal, as forças que originam os ataques, o objetivo da distorção e a técnica aplicada seriam iguais às deduzidas das interpretações dos sonhos, estando em jogo os mecanismos de condensação de várias fantasias e a identificação múltipla, assim como no caso apontado no artigo *Fantasias Históricas e sua relação com a Bissexualidade* (1908/2015). De forma geral, os ataques ou sintomas históricos trazem uma revivência de uma parte da atividade sexual infantil que, naquela época, manifestava seu caráter estritamente masculino na menina. “Em toda uma série de casos a neurose histérica corresponde apenas a uma acentuação excessiva daquela típica onda de repressão que, removendo a sexualidade masculina, faz surgir a mulher” (1909[1908]/2015, p. 418).¹⁷

Em *Notas sobre um caso de neurose obsessiva* (1909), o famoso caso do “Homem dos ratos”, Freud conseguiria desvelar o papel da bissexualidade através do ato falho de seu

¹⁷ Freud faz referência aos *Três Ensaio*s (1905).

paciente, que evidenciava uma moção homossexual preponderante. Paradoxalmente, a demanda de amor do “Homem dos ratos” concorria pelo menosprezo por seu pai. Havia ali uma dificuldade em ressignificar tal ambivalência pela prevalência do ódio, obstaculizando o assentimento do desejo em sua identificação paterna. Tal situação fez com que Freud ligasse a bissexualidade com a ambivalência afetiva originária, algo que suspeitara desde o caso Dora (1900).

A interpretação que Van Haute e Gyskens (2016) vão apresentar do percurso freudiano é a de que:

[...] a teoria freudiana caminha de uma leitura do complexo de Édipo como um elemento da sintomatologia da neurose obsessiva (o típico amor/ódio à figura paterna do neurótico obsessivo) para uma generalização que situa o complexo de Édipo no cerne de todas as neuroses. (VAN HAUTE E GYSKENS, 2016, s/p)

Tal alargamento da compreensão da neurose acabaria por substituir o conflito entre diferentes tendências sexuais por conflitos entre o eu e os desejos edipianos. Veremos que, no caso do “O homem do lobos”, Freud vai tentar apagar a ideia de que a neurose é resultante dos conflitos das tendências sexuais bissexuais, nesse caso, entendida como masculina e feminina, quando indica ser uma ideia incompleta: “dos dois impulsos sexuais conflitantes, um era egossintônico, ao passo que o outro feria o interesse narcísico do menino, foi por causa disso que o último sofreu recalque” (FREUD, 1918[1914]/2010, p. 110).

Em seus estudos sobre a homossexualidade, por volta de 1910, Freud tenta compreender o papel da problemática do homossexual-narcisista na sintomatologia da paranoia.

Em nota acrescentada em 1910, aos *Três Ensaio*s (1905/1996), Freud assume que a psicanálise não é capaz de encontrar uma explicação completa quanto à origem da homossexualidade, ainda que, pretensiosamente, acreditasse ser capaz de desvelar seu mecanismo psíquico e seus problemas concernentes. Indicaria, neste momento, que os homossexuais atravessariam, na primeira infância, um breve e intenso período fixados na mulher, geralmente a mãe, que, superado o período, traria uma identificação com ela, tomando a si próprios como objeto sexual: “a partir do narcisismo, buscaram homens jovens e parecidos com sua própria pessoa, a quem eles devem amar tal como a mãe os amou” (FREUD, 1905/1996, p. 137)¹⁸. Ainda na mesma nota, acrescida em 1910, Freud constataria que prováveis homossexuais transporiam rapidamente para um objeto masculino, quando excitados pelos

¹⁸ Vale verificar que Freud se refere ao narcisismo em 1910, quatro anos antes da sua publicação “Introdução ao narcisismo”, quando compreenderá o mecanismo do narcisismo como um estágio comum ao desenvolvimento sexual infantil.

encantos de uma mulher, citando haver um mecanismo em que a aspiração ao homem estaria condicionada à fuga compulsiva do encontro com a mulher. Neste momento, vemos um Freud totalmente preso às concepções de gênero binária e numa perspectiva heterossexual se esforçando para achar justificativas únicas para a homossexualidade. Entretanto, ainda na mesma nota, ele mesmo reconhece a existência de uma complexidade em jogo, assim como as diversas formas de desenvolvimento e expressão dessa orientação.

Em toda a década subsequente, Freud deixa de se ocupar tanto da questão da relação com o objeto pela via da pulsão, direcionando seu interesse para desvendar as causas da homossexualidade, se preocupando com a sua psicogênese, adotando uma visão patologizante da escolha objetal homossexual como uma fixação regressiva do desenvolvimento psíquico.

6.2.2 O apagamento do subversivo da pulsão e a prevalência normatizadora

No artigo *Leonardo Da Vinci e uma lembrança de sua infância* (1910/1996), Freud faz uma extensa referência ao narcisismo, conceito que vem desenvolvendo e que, em 1914, apresenta de forma mais sistematizada na publicação do artigo *Introdução ao narcisismo*. Designa a homossexualidade como um certo tipo de escolha objetal e dá ênfase à introjeção das figuras parentais, influenciando às formações de uma identidade sexual.

Ao analisar “O Caso Schreber” em *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia*, Freud (1911/2010, p. 51) transmite que “o caráter paranoico está em que, para defender-se de uma fantasia de desejo homossexual, reage-se precisamente com o delírio persecutório de tal espécie”, uma defesa diante da “irrupção da libido homossexual” (1911/2010, p. 41). Ao longo do artigo, em suas elaborações acerca do narcisismo, Freud interpreta-o como uma fase intermediária entre a fase autoerótica da libido e a fase do amor objetal. Sobre essa fase intermediária, assinala que:

[...] parece que muitas pessoas ficam nela retidas por um tempo insolitamente longo, e que muita coisa desse estado persiste em estágios posteriores de desenvolvimento. Nesse Eu-mesmo tomado como objeto de amor, os genitais podem já ser a coisa principal. O prosseguimento desse caminho leva à escolha de um objeto com genitais semelhantes; ou seja, através da escolha objetal homossexual até à heterossexualidade. (FREUD, 1911/2010, p. 81)

Nota-se aí uma ideia freudiana patologizante da escolha homossexual, ao ser vista como uma etapa anterior do desenvolvimento da sexualidade “normal” ou “saudável”.

Será ainda numa carta a Ferenczi, de 12 de abril de 1910, que Freud relatará ter sido bem sucedido onde o paranoico fracassa, numa referência ao caso clínico do presidente Schereber, em que o delírio paranoico é produto da inversão do amor homossexual em ódio projetado no outro. Donde se conclui que a neurose seria uma forma bem sucedida de lidar com esse substrato da bissexualidade, em que a corrente homossexual encontraria outras vicissitudes.

No texto *Totem e Tabu* (1912-1913/1996), Freud busca correlacionar a Antropologia social e a Psicologia dos neuróticos partindo da pressuposição de que o homem primitivo refletiria um estágio primevo do desenvolvimento humano. Neste texto, sobre aquilo que concerne a libido, Freud desenvolve que haveria uma divisão em duas da primeira fase libidinal, a do autoerotismo. Na fase intermediária, agora assumindo um estatuto de “terceira fase”, já nomeada de narcisismo, as pulsões sexuais isoladas se reúnem para investir em um todo único e neste todo estará o objeto, seu próprio eu. Freud (1912 -1913/1996) suspeita de que tal fase não seja jamais integralmente abandonada e, sobre ela, indica:

As catexias de objetos que efetua são, por assim dizer, emanações da libido que ainda permanece no ego e pode ser novamente arrastada para ele. A condição de apaixonado, que é psicologicamente tão notável e é o protótipo normal das psicoses, mostra essas emanações em seu máximo, comparadas com o nível do amor a si mesmo. (FREUD, 1912-1913/1996, p. 102)

No texto *O interesse científico da psicanálise* (1913/1996), como o próprio título sugere, Freud buscava reivindicar à psicanálise seu reconhecimento pelo campo científico. Ele pretendia, através de uma perspectiva biológica, estabelecer seu status de cientificidade. O reconhecimento da importância da sexualidade na vida humana, por parte da filosofia e da literatura, não ganhara tanto espaço na ciência. Foi preciso ampliar o conceito de sexualidade a partir das perversões e da sexualidade infantil, compreendendo que a vida sexual “normal” de um adulto ocorreria a partir da sexualidade vivida na infância que sofreria recalcamientos, divisões, combinações e desenvolvimentos que não alcançam um padrão ideal completo, que deixará como rastro tendências ao retorno da função sexual como patologia.

Freud (1913/1996) estabelece haver outras duas características importantes, biologicamente, da sexualidade infantil. Uma seria a formação de certo número de pulsões, componentes ligados a zonas erógenas corporais, que também surgiriam como pares de opostos que teriam um objetivo passivo e um ativo. A segunda seria o fato de que, inicialmente, a sexualidade estaria ligada a funções de autopreservação de nutrição e excreção, além das funções de excitação muscular e atividade sensorial. Ao examinar a sexualidade no adulto, se

percebe que aquela não se restringe à reprodução, e dela é independente, impondo ao indivíduo uma aliança com sua economia libidinal após inúmeras restrições.

Casos - em teoria inteiramente concebíveis - em que os interesses desses impulsos sexuais deixam de coincidir com a autopreservação do indivíduo parecem realmente ser apresentados pelo grupo das doenças neuróticas, porque a fórmula final a que a psicanálise chegou quanto à natureza das neuroses é a seguinte: o conflito primário que leva às neuroses é um conflito entre os instintos sexuais e os instintos que sustentam o ego. As neuroses representam uma dominação mais ou menos parcial do ego pela sexualidade depois de terem falhado os esforços do ego para reprimi-la. (FREUD, 1913/1996, p. 190)

Freud (1913/1996) indicará que o conflito entre as *pulsões do eu* e as *pulsões sexuais*, seria a origem das neuroses, deslocado na biologia pelo conflito dos instintos de preservação individual e da preservação da espécie. A pulsão seria um conceito “fronteiriço” entre o campo da psicologia e da biologia. No psiquismo, haveriam atributos e impulsos “masculinos” e “femininos” sem uma essência específica, estando associados à atividade e à passividade determinadas pelos objetivos, ou seja, pelas metas da pulsão e não como uma qualidade da pulsão. Esta associação de atividade e passividade na atividade psíquica seria, segundo Freud (1913/1996), o reflexo da bissexualidade humana. Vemos, em Freud, a articulação com a biologia e a psicologia pela psicanálise. Nesse momento de seu percurso, Freud ainda não havia concebido a noção de libido do eu e libido objetual, mantendo o caráter pulsional ainda ligado à autoconservação. Muito provavelmente por isso, ainda preservava uma diferenciação biológica entre masculino e feminino.

No artigo *Sobre o Narcisismo: uma introdução* (1914/1996), Freud fará um corte em seu desenvolvimento metapsicológico propondo uma teoria da libido, marcada pela objetualidade, e que irá se reorientar para o eu. O investimento libidinal irá nomear a libido, chamada de *libido do eu* ou *libido narcísica*, quando investida no eu, ou de *libido objetual*, quando investida nos objetos externos. A fase anterior à formação do eu, compreendida como anobjetual, o investimento é feito pelo bebê em seu próprio corpo, satisfazendo parcialmente suas pulsões através das zonas erógenas consonantes. Chama-se de narcisismo primário esse estado de satisfação em si, que se sustenta e se potencializa pelo amor dos pais, caracterizado pela sensação de completude. As exigências externas acabam sinalizando para a criança que ela não é tudo para sua mãe, o que cria uma “ferida narcísica” necessária para a assunção ao estatuto de sujeito e o impulsiona a fazer-se amar pelo outro. Essa nova etapa, chamada de narcisismo do eu ou narcisismo secundário, implica na retirada da libido do objeto e reinvestida no eu através dos processos de identificação que edificam o ideal do eu.

É também nesse texto que Freud (1914/1996) indica dois tipos de escolha objetal, um anaclítico, em que a mãe ou aquela pessoa que ofereceu os primeiros cuidados é o modelo amoroso, e outro narcisista, cujo modelo toma a si próprio como objeto de amor. Esses dois tipos de escolha objetal fariam parte das relações de todos comumente, expresso em graus distintos. Freud dirá ainda que as escolhas de objeto do tipo narcísica são preponderantes entre os homossexuais e em certas mulheres, e que o narcisismo do outro pode exercer grande atração pela tentativa de resgatar o seu próprio narcisismo perdido. Vemos aí uma articulação da escolha de objeto com a ideia de amor, e a pulsão como uma força dispersa que irá ser integrada e dirigida a um único objeto. Mas a eleição de um objeto se daria pela via do amor? O objeto que causa o desejo é o mesmo objeto eleito para a parceria amorosa? E mais, o objeto que causa é o mesmo que se escolhe para satisfazer parcialmente o desejo? Esses e outros questionamentos serão repensados com a questão do objeto em Lacan.

Na décima de suas *Conferências Introdutórias* (1916-1917[1915-1917]/1996), um verdadeiro inventário das conceituações freudianas e da postura psicanalítica diante da guerra, Freud aponta, ao conceituar o simbolismo onírico e suas representações sexuais, para uma dificuldade de apreensão da diferença sexual nessas representações. Em uma criança pequena, por exemplo, um símbolo preponderantemente masculino pode estar representando genitais femininos ou o inverso. Para uma melhor compreensão desta ambiguidade dos simbolismos presente nos sonhos, é preciso entender a “evolução” da sexualidade na vida humana, o que envolve o reconhecimento da existência de uma bissexualidade de base.

Em *Luto e Melancolia* (1917[1915]/1996), a resistência à conclusão teórica do conceito de bissexualidade é assinalada por Strachey na nota de *História de uma neurose infantil* (1918 [1914]/1996).

No texto freudiano *História de uma neurose infantil* (1918[1914]/1996), o caso do “homem dos Lobos” revelou uma grande descoberta na clínica quanto ao papel determinante dos impulsos femininos primários na constituição da sua neurose. Haveria a evidência da bissexualidade que confirmava a tese freudiana, há muito tempo sinalizada, desde as trocas de correspondências com Fliess. Tal evidência seria ainda mais enfatizada por Freud nos seus textos subsequentes, sublinhados pela bissexualidade universal e pelo complexo de Édipo negativo ou positivo. Estaríamos diante de uma visão da bissexualidade como base da neurose e atrelada ao Édipo.

No texto freudiano *História de uma neurose infantil* (1918[1914]/1996), Freud relativiza a ideia da bissexualidade como determinante no recalque, ao analisar o sonho de angústia que indica que o recalque estaria associado ao reconhecimento da castração. Uma

maior apreciação concluiria que houve o recalque da atitude homossexual no âmbito genital, influenciada pelo reconhecimento da castração, mantida no inconsciente e estabelecida em uma camada profunda e dissociada. A masculinidade narcísica de valorização do seu genital se opôs à passividade, “propósito homossexual”¹⁹, promovendo o recalçamento. Porém, a obviedade de que o recalque e a neurose se originaram do desacordo entre as predisposições feminina e masculina – bissexualidade – não satisfaz totalmente, sendo importante entender que, como um dos dois impulsos seria egossintônico e o outro feria a dimensão narcísica, o ego pôs em ação o recalque para beneficiar um deles.

Bem mais frequentes que os conflitos no interior da sexualidade são os outros, os que ocorrem entre a sexualidade e as tendências morais do Eu. Um tal conflito moral não existe em nosso caso [o homem dos lobos]. Pôr a ênfase na bissexualidade como motivo da repressão seria muito estreito, portanto; pô-la no conflito entre o Eu e tendências sexuais (libido) cobre todas as ocorrências. (FREUD, 1918[1914]/2010, p. 146)

De acordo com Van Haute e Geyskens (2016) as neuroses seriam tentativas malsucedidas de conclusão do Édipo e da crise pubertária, em uma perspectiva freudiana psicogênica desenvolvimentista que estabeleceria um alvo maturacional normal. Tal ideia iria em direção distinta ao que vinha desenvolvendo Freud em sua obra inicialmente, quando entendia a neurose como “uma disposição específica que está ativa na vida interna normal, apesar de ser expressa de maneira excessiva na patologia [neurose]” (SCHOTTE, 1990, p. 149 apud VAN HAUTE; GEYSKENS, 2016, p. 285).

Van Haute e Geyskens (2016) propõem, em seu livro *Psicanálise sem Édipo?*, uma perspectiva que nos interessa, remontando às instituições originais de Freud, que entende a bissexualidade como uma disposição humana universal. Entendem a histeria como uma expressão patológica do que ocorreria a todos, a saber:

A disposição histérica, gradualmente desenvolvida por Freud entre 1897 e 1905, refere-se a dois fatores interconexos: a bissexualidade inata e o recalque orgânico das zonas erógenas. Esses dois fatores, que são compartilhados por todos os seres humanos, expressam-se de maneira exagerada na patologia histérica (VAN HAUTE; GEYSKENS, 2016, s/p).

Por um longo tempo, a bissexualidade teve um papel relevante nas teorias biológicas de Wilhem Fliess e, após o abandono da teoria da sedução, passou a ocupar uma posição central na teoria de Freud sobre a histeria. Ambos, Fliess e Freud, defendem uma noção forte da

¹⁹ Freud parece fazer uma referência ao coito anal ao falar do propósito homossexual.

bissexualidade, já que esta diz respeito à escolha do objeto e à identidade sexual (VAN HAUTE; GEYSKENS, 2016). Sobre isso, os autores dizem que:

A bissexualidade [inata] significa que somos ao mesmo tempo, heterossexuais e homossexuais, e que somos homem e mulher biológica e psicologicamente. *Não há uma conexão necessária entre nossa identidade sexual e nossa escolha de objeto.* Todo homem ou mulher é, simultaneamente, homem e mulher, e hétero, homo e lésbica. Dessa maneira, uma relação sexual se torna uma confusão muito complicada e *unheimlich*". (VAN HAUTE; GEYSKENS, 2016, p. 49)

Tal compreensão poderia estar na base da frase proferida por Freud na carta de 1º de agosto de 1899: “Estou-me acostumando a encarar cada ato sexual como um processo em que há quatro indivíduos envolvidos” (FREUD, 1899/1986, p. 365). Ainda que houvesse essa colagem aos papéis binários relativos ao gênero, a bissexualidade teria sua expressão de forma acentuada na estrutura histórica, como nos indicariam Van Haute e Geyskens (2016, s/p):

Uma compreensão sexual nos termos da bissexualidade [inata] parece estar marcada por constatações clínicas sobre a histeria: pela observação de mudanças históricas de orientação sexual e de identidades de gênero e mais, profundamente, pela experiência de multiplicidade original do desejo. Freud considera o problema da bissexualidade uma questão universal do ser humano, que se expressa na histeria de maneira exagerada e fecunda.

A questão histórica coloca em xeque os papéis de gênero e escancara o fato de o desejo ser incapturável, inconsistente, não circunscrito a nenhum lugar, sem um único objeto que o deixe totalmente satisfeito, portanto, acaba lançando luz sobre sua multiplicidade.

Por ora, voltemos àquela outra conexão da histeria: ao “recalque orgânico das zonas erógenas”, sobre o qual Van Haute e Geyskens (2016) assinalam que Freud, orientando sua investigação a partir das perversões, descobre haver um corpo erogenezável, para além dos órgãos genitais, através de sua clínica da histeria. O corpo hipersensível da neurose histórica (como já havia indicado Breuer) denunciaria um recalque orgânico que tentou, malsucedidamente, separar o sexual do excremental, resultando em uma vivência da sexualidade confrontada pelo opressivo perverso e sujo.

Freud desenvolveu seu conceito de recalque, primeiramente, por supor que este seria uma reação frente a duas correntes sexuais impulsionada pelo mecanismo da bissexualidade, como desenvolvido em carta a Fliess, de 7 de agosto de 1901 (1986). Este fato seria propulsor da discórdia com Fliess, quem atribuía o recalque à constituição biológica bissexual, ou seja, quando os caracteres sexuais e o sexo dominante impõem o afastamento da representação do sexo oposto da consciência, que se manteria no recalcado.

A divergência quanto à natureza do recalque promoveu discórdia entre Freud e alguns de seus seguidores, como foi o caso de Adolf Adler, que também imputava o recalque ao embate entre os sexos. Em *“Batem numa criança”: contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais* (1919/2010), Freud testa as teorias de seus opositores além de criticar implicitamente Fliess, por sua teoria apoiar-se numa certeza quanto ao sexo, correlata ao sexo anatômico. Pois para Freud, já teria sido clarificado que as moções pulsionais poderiam ser recalçadas em meninos e meninas da mesma forma. No texto, Freud apresentaria que na análise dos adultos, voltando-se para suas infâncias, surgem cenas investidas de libido, que frequentemente são cenas fantasísticas, mas que se apoiam em fatos vividos, e o masoquismo primário estaria no núcleo dessas fantasias originárias²⁰.

No texto *Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina*, de 1920, Freud nos indica que, de início, a análise da jovem homossexual não se mostraria favorável pelo fato de não ter partido dela a demanda do tratamento. Cita que: “a jovem nem era doente – ela não sofria por razões internas, não reclamava sobre seu estado – e de que a tarefa solicitada [pelos pais] não era a de solucionar um conflito, mas a de converter uma variante da organização sexual para outra” (FREUD, 1920/2020, p. 162). Freud (1920/2020) lembra que, geralmente, o homossexual não renuncia ao objeto de prazer por não ser viável o convencimento de que o prazer seria recuperado em outro objeto.

Freud (1920/2020) compreende que a única possibilidade em situações extremamente favoráveis de uma análise é do reestabelecimento da plena função da bissexualidade, pela desobstrução da via “interditada”, e não por uma espécie de “reversão”. A possibilidade de restaurar as funções bissexuais plenas, teria o êxito atrelado às circunstâncias extremamente específicas. Porém, tal prognóstico só seria possível se a fixação fosse ainda frágil e houvesse vestígios e provas de “*uma organização ainda oscilante*” ou de uma organização “*claramente bissexual*” (FREUD, 1920/2020, grifo nosso).

Sobre a jovem homossexual e sua escolha objetual, Freud (1920) revela que:

A silhueta esbelta, a beleza severa e a natureza rude da dama faziam-na lembrar-se de seu próprio irmão, um pouco mais velho que ela. Assim, o objeto escolhido por último não correspondia apenas ao seu ideal de mulher, mas também ao seu ideal de homem, e reunia a satisfação da orientação do desejo homossexual e a do heterossexual. Como se sabe, a análise de homossexuais masculinos mostrou a mesma coincidência em numerosos casos, um sinal para que não concebamos a natureza e a origem da *inversão* e mantermos em mente a *bissexualidade universal dos seres humanos*. (FREUD, 1920/2020, p. 162)

²⁰ Lacan indicaria que essas fantasias seriam a “fantasia fundamental”, o carço do aparelho psíquico, o núcleo forte da teoria psicanalítica.

Freud tentava explicar, a partir de sua teoria psicogênica edipiana, como alguém se torna homossexual, no entanto, ele se depara com uma jovem que simplesmente é homossexual, sem que para isso precisemos buscar uma causa específica de natureza interna, pois a homossexualidade da jovem provavelmente seria “uma continuação direta, sem alteração, de uma fixação infantil na mãe” (FREUD, 1920/2020, p. 185). Se a jovem sempre foi homossexual, a construção edípica como fator causador desta condição não se sustentaria.

Se há “a bissexualidade originária do indivíduo humano” (FREUD, 1920/2020, p. 188), de todos os seres humanos, todos somos mais ou menos heterossexuais ou homossexuais. O que significa compreender que “a corrente sexual sempre foi mais forte na *jovem homossexual*, e por essa razão ela se torna manifestamente homossexual durante a puberdade” (VAN HAUTE; GYSNKENS, s/p).

Apesar de não intentar resolver o problema da homossexualidade²¹, Freud ainda tenta descobrir os mecanismos psíquicos que atuam na determinação da escolha objetal, remontando suas trilhas pulsionais, além de seu limite com a biologia. Freud (1920/2020, p. 149) dirá que “uma bissexualidade original do indivíduo humano (como do animal)” é a base comum entre a psicanálise e a biologia. No entanto, verifica que a psicanálise não consegue elucidar a natureza específica da noção de masculino e feminino pela biologia. Se antes houve uma tentativa de correlacioná-los à atividade e passividade, neste momento, para Freud, isso seria uma redução que não lhe servia o bastante. Na visão de Van Haute e Gysnkens (2006, s/p):

A conclusão desse caso deixa claro que a psicanálise deve colocar de lado suas pretensões psicogênicas e etiológicas: não é tarefa da psicanálise explicar como alguém se torna homossexual, histérico, masoquista ou qualquer outra coisa.

Uma compreensão psicogênica clássica, por exemplo, toma a inveja do pênis como ponto essencial da etiologia da homossexualidade, como uma reação a um encontro traumático com a diferença sexual. Porém, a psicanálise, cuja ênfase estaria na constituição hereditária e a disposição libidinal, entende a inveja do pênis como parte da sintomatologia, e não como etiologia da homossexualidade na mulher, invertendo-se a perspectiva.

²¹ Freud chega a escrever uma carta em 1935 para uma mãe que lhe pede ajuda para lidar com seu filho que seria homossexual. O que Freud retorna a ela é o fato de que a homossexualidade não seria algo do que se envergonhar, não seria uma doença ou crime, nem algo que pudesse ser substituído por uma heterossexualidade na maioria dos casos. E ainda diz: “se ele é infeliz, neurótico, acossado por conflitos, [...] a análise pode aportar-lhe harmonia, paz de espírito, [...] quer ele siga sendo um homossexual ou tenha mudado”. (FREUD, 2018/1935, p. 350)

6.2.3 O retorno à uma bissexualidade não patológica

No texto *Sobre alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e na homossexualidade*, de 1922, a bissexualidade também estaria articulada à teoria psicogênica edipiana, indicando que o ciúme pode se enraizar no inconsciente, se tornando uma continuidade das primeiras experiências emocionais vividas pela criança, sendo originário do complexo de Édipo ou da relação com o/a irmão/irmã do período sexual inicial. Nota-se, a respeito do ciúme, que:

[...] ele possa ser vivenciado bissexualmente por algumas pessoas, isto é, no homem, além da dor pela mulher amada e do ódio pelo rival masculino, também são intensificados a tristeza [Trauer] pelo homem amado inconscientemente que sofria terrivelmente seus ataques de ciúme e, de acordo com seus dados, passava pelos mais terríveis tormentos quando se colocava inconscientemente no lugar da mulher, infiel (FREUD, 1922/2020, p. 194).

No texto *O Eu e o Id* (1923/2011), ao pensar sobre as escolhas objetais do primeiro período da sexualidade infantil, Freud nota que estas estariam relacionadas ao casal parental, e que elas surgiriam de uma identificação instantânea e direta ainda mais primitiva que o investimento objetal, originária da identificação primária com o pai da sua pré-história. Sobre a complexidade destas relações, Freud (1923/2011, p. 39) cita que: “Dois fatores respondem por essa complexidade: a natureza triangular da situação edípica e a bissexualidade constitucional do indivíduo”. Uma criança desenvolve precocemente uma catexia de objeto com a mãe, inicialmente associada ao seio, expressão de uma escolha objetal anaclítica (quando a pulsão sexual estaria apoiada na pulsão de autoconservação). A criança se relaciona com o pai se identificando com ele. Por algum período, essas duas relações caminham até que se intensificam os desejos da criança pela mãe, ficando o pai no lugar de obstáculo originando o complexo de Édipo. A identificação ao pai adquire tons hostis que lançam o menino no desejo de eliminar o pai para ocupar sua posição ao lado da mãe. A ambivalência em relação ao pai e a relação afetuosa em relação a mãe configuram um complexo de Édipo do tipo positivo simples no menino. O dismantelamento do complexo de Édipo implica no abandono pelo menino da catexia objetal materna a partir do complexo de castração, quando o menino prefere resguardar seu pênis diante da ideia de poder ser castrado. O lugar vazio deixado pelo objeto materno poderá ser preenchido pela identificação com a mãe ou pela intensificação da identificação ao pai.

Graças a dissolução do complexo de Édipo, a masculinidade no caráter do menino experimentaria uma consolidação. De modo inteiramente análogo, a postura edípica da menina pode resultar no fortalecimento (ou no estabelecimento) de sua identificação com a mãe, que fixa o caráter feminino da criança (FREUD, 1923/2011, p. 40).

Freud (1923/2011) conclui então que o Édipo se orienta por uma identificação “ao pai” filogeneticamente, impondo uma identificação direta ao pai ou aos pais, veiculada inconscientemente, permeada pela família e pela cultura. Sendo a percepção da diferença anatômica anterior à questão fálica (FREUD, 1925), a travessia edípica ocorre em uma outra ordem: pela via simbólica. Investimento libidinal e identificação se aglomeram, o pênis ganha valor como algo a ser preservado e as diferenças sexuais passam a ser ressignificadas. Programadamente pela cultura, o Édipo seria herdado, sendo também viabilizador do processamento da bissexualidade originária transmitida inconscientemente pelos pais, nesta perspectiva.

Freud (1923/2011) explica que para uma menina que abandonou seu pai como objeto amoroso, a masculinidade ganha força e sua identificação passará a ser com o pai enquanto objeto perdido²², dependendo de sua disposição sexual masculina. A força das disposições sexuais masculina e feminina será determinante no desfecho edipiano que resultará na identificação paterna ou materna. “Esta é uma das formas como a bissexualidade intervém no destino do complexo de Édipo” (FREUD, 1923/2011, p. 41). Outra maneira mais importante: seria o complexo de Édipo do tipo completo sendo dúplice, positivo e negativo, em consequência da bissexualidade originária na criança:

Isto é, o menino tem não só uma atitude ambivalente para com o pai e uma terna escolha objetual pela mãe, mas ao mesmo tempo comporta-se como uma garota, exhibe a terna atitude feminina com o pai e, correspondendo a isso, aquela ciumenta e hostil em relação à mãe. Essa interferência da bissexualidade torna muito difícil compreender as primitivas identificações e escolhas objetais, e ainda mais difícil descrevê-las de modo inteligível. Também pode ser que a ambivalência constatada na relação com os pais deva se referir inteiramente à bissexualidade e não como apresentei acima ter se desenvolvido a partir da identificação pela atitude da rivalidade. (FREUD, 1923/2011, p. 41)

Freud (1923/2011) presume haver uma prevalência do Édipo completo em grande parte dos neuróticos, e assinala que, a partir da experiência clínica, é demonstrável que geralmente um ou outro componente se torna recalcado, deixando apenas traços pouco distinguíveis. Haveria, então, na série do complexo de Édipo, um polo positivo “normal” e, no polo oposto,

²² Construção teórica iniciada no texto *Luto e Melancolia* (1917[1915]/1996), sobre a questão da identificação ao objeto perdido.

o negativo “invertido”. Entre eles, tem-se o complexo de Édipo completo “com a participação desigual dos dois componentes” (FREUD, 1923/2011 p. 42). A bissexualidade originária seria a responsável por confundir a propriedade das escolhas objetais primárias (1923) e a dissolução do complexo de Édipo estaria vinculada a um rearranjo daquela, implicando no abandono do investimento nos objetos primários e substituindo-os por identificações (1924).

No fim da travessia edípica, estabelecem-se uma identificação materna e uma paterna a partir da união das quatro tendências, oriundas do complexo positivo e invertido em relação ao pai e à mãe. A intensidade dessas identificações revela a predominância da disposição sexual relativa. Vemos então que, para Freud, a identificação ao gênero teria uma participação fundamental na orientação sexual.

Vale considerar que parte do complexo de Édipo será recalcado, uma parcela das tendências libidinais é sublimada e a outra é inibida em sua meta e transformada em pulsão afetiva (1924).

Na obra *Autobiografia* (1925/2011), Freud indicará que a busca pelo objeto, fundamental ao psiquismo, sucede em conjunto com a organização libidinal. O caminho libidinal iniciado pelo autoerotismo, seguido pelo narcisismo, terá a mãe como o primeiro objeto de amor para ambos os sexos, que inicialmente surge como acoplada ao seio. Após alguns poucos anos, a criança entraria no complexo de Édipo, que nos meninos incide pelo desenvolvimento do desejo sexual à mãe e impulsos hostis ao pai, se identificando com este. Freud (1925/2011, p. 116-117, grifo nosso) indica que: “todas as variações e consequências do complexo de Édipo se tornam significativas, *a inata constituição bissexual* se faz valer e aumenta o número de impulsos simultaneamente ativos”. A diferença sexual não surge claramente na infância, levando às pesquisas infantis e às construções teóricas comuns sobre a sexualidade por parte das crianças, que incluem verdades e equívocos que não conseguem solucionar a grande questão sobre a origem: “*de onde vêm os bebês?*”.

Freud (1925/2011) assinala que a escolha objetal inicial é incestuosa, e que a configuração mais eminente da sexualidade humana é seu começo em duas ondas, cujo intervalo ocorre após seu clímax por volta dos quatro ou cinco anos de idade, pela incidência do recalque. Esse intervalo do período de latência, marcado por formações reativas que incluem vergonha, moralidade e repulsa, termina com a entrada na puberdade. Tal desenvolvimento bifásico poderia ser a determinação biológica da predisposição neurótica. Será na puberdade que os impulsos e as relações objetais infantis reanimam, inclusive os laços afetivos da vivência edípica, conflitante às inibições da fase de latência.

Ao resumir seus achados sobre a vida sexual humana, que o levou a suplementar e corrigir sucessivas vezes seus *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905/1996), Freud (1925/2011) ressalta a ênfase já atribuída ao conceito de sexualidade, que não se restringe à ligação aos órgãos genitais, mas se estenderia corporalmente, tendo como meta o prazer. Veremos que Freud, em 1925, reconhece o papel secundário para a sexualidade humana de uma finalidade de procriação, descolando da sexualidade qualquer objeto pré-definido ou a ideia de uma heteronormatividade natural para fins reprodutivos. Nos impulsos sexuais estariam englobados os impulsos afetuosos e amistosos, incluindo o amor – considerado uma palavra ambígua, segundo Freud, e usada por ele de forma ambígua, ao embutir nela o sentido do desejo. Essas inclusões e extensões à sexualidade fariam parte de uma restauração teórica, que eliminam as limitações conceituais. Ao desatrelar a sexualidade dos genitais, possibilita conceder às atividades sexuais de crianças e pervertidos o mesmo status aos adultos “normais”. Freud (1925/2011, p. 119, grifo nosso) cita que:

[...] a mais importante delas [perversões], a homossexualidade, dificilmente merece o nome de perversão. Ela remonta à *bissexualidade constitucional* e ao efeito posterior da primazia fálica; mediante psicanálise pode-se demonstrar em cada pessoa um tanto de escolha homossexual de objeto. Eu descrevi as crianças como ‘polimorficamente perversas’ estava apenas empregando uma terminologia que era geralmente corrente; não estava implícito qualquer julgamento moral.

No texto *A questão da análise leiga: conversações com uma pessoa imparcial* (1926/2014), Freud sublinha que regularmente a criança dirige seus desejos sexuais, primeiramente direcionados aos pais, para seus irmãos. Reafirma que a mãe será o primeiro objeto amoroso do menino, sendo para a menina o pai. Porém, ressalva neste último caso que isso ocorre: “se uma *disposição bissexual* não favorecer simultaneamente a atitude contrária” (p. 165, grifo nosso).

No artigo *Dostoievski e o parricídio* (1928[1927]/2014, p. 347), Freud menciona que “o *fator constitucional que denominamos bissexualidade*”, quando se encontra intensamente desenvolvido, seria um complicador ao complexo de Édipo dito normal:

Então, com a masculinidade ameaçada pela castração, é fortalecida a tendência a enveredar pela feminilidade, colocar-se antes no lugar da mãe e assumir o papel desta como objeto de amor do pai. mas um medo da castração torna impossível também esta solução. O menino compreende que tem de admitir sua castração, se quiser ser amado pelo pai como uma mulher. Assim, ambos os movimentos, o ódio e a paixão pelo pai, sucumbem à repressão (FREUD 1928[1927]/2014, p. 347-348).

Freud (1928[1927]/2014) distingue o abandono do ódio ao pai pelo temor da castração

como uma ameaça externa e o abandono do amor pelo pai como uma ameaça interna. Dirá que a castração se manifesta “como punição ou como preço do amor”. A primeira forma seria lida por Freud como anormal, e a segunda, acrescida do temor à atitude feminina, surgiria como uma intensificação patogênica. Destaca então “uma disposição fortemente bissexual torna-se uma das condições ou intensificações da neurose” (FREUD, 1928[1927]/2014, p. 348). Freud pressupõe haver em Dostoiévski tal disposição, evidenciada nas amizades masculinas, indicando sua homossexualidade latente, pelo comportamento terno e excessivamente compreensível aos rivais no amor.

Na intenção de sublinhar a “disposição bissexual inata especialmente intensa” (FREUD, 1928[1927]/1996, p. 195) de Dostoiévski, Freud indica a linha tênue entre normalidade e anormalidade no que tangencia o complexo de Édipo, e destaca o componente passivo de uma feminilidade que estaria recalcada, revelando-se no sentimento de culpa excessivo e na atitude masoquista. Havia em Dostoiévski uma identificação egóica paterna, viabilizada pelo superego em forma de punição, pelo mecanismo histérico: “Você queria matar seu pai, a fim de ser você mesmo o pai. Agora, você é seu pai, mas um pai morto”. E ainda: “Agora, seu pai está matando você”. O eu percebe “o sintoma da morte” como uma satisfação masoquista na fantasia do desejo masculino e o superego como satisfação sádica de punição. Eu e superego atuam na identificação paterna.

Buscando elencar as precondições da etiologia da neurose, Freud, no texto *Tipos Libidinais*, de 1931, designa que as frustrações e os conflitos internos seriam suas causas. Dentre os conflitos, haveria os que estão entre os agentes psíquicos (isso, eu e superego), “conflitos que surgem dentro da economia libidinal em consequência de nossa disposição bissexual e conflitos entre os componentes instintuais erótico e agressivo” (FREUD, 1931/1996, p. 234).

Observemos que Freud traz a noção de uma disposição bissexual que pode se apresentar de forma mais ou menos intensa, mas que origina um maior ou menor conflito psíquico a partir do valor dado a essa ideia como mais ou menos intolerável ao eu, impulsionadora ou não de um recalque que se realizará em maior ou menor intensidade.

No mesmo ano, no texto *Sexualidade Feminina*, Freud (1931/1996, p. 242) é categórico ao revelar que: “não pode haver dúvida de que a bissexualidade, presente, conforme acreditamos, na disposição inata dos seres humanos, vem para o primeiro plano muito mais claramente nas mulheres do que nos homens”. Atribuirá isso ao fato de a mulher possuir duas zonas sexuais principais: a vagina e o clitóris, diferente dos homens, que possuem apenas uma zona, um órgão sexual. A vagina seria o órgão genital, geralmente descoberto pela menina na

puberdade, e o clitóris um correspondente do pênis, envolvido nas sensações sexuais genitais desde os primórdios da infância. Portanto, a vida sexual feminina ocorre em duas fases: a primeira de propriedade masculina e a segunda, feminina. A transição ocorre processualmente e é exclusivo às mulheres. O caráter viril do clitóris, em contínua atividade na vida sexual da mulher, segundo Freud (1931/1996), seria um complicador do qual não consegue explicar justificando não haver na biologia tais respostas.

O encontro com o objeto para as mulheres também seria outro fator que denota a peculiaridade da sexualidade feminina, pois seria a mãe seu primeiro objeto de amor, ao qual a menina renuncia para eleger o pai seu novo objeto amoroso. A mudança que ocorre no seu sexo corresponderá à mudança sexual do seu objeto. O menino ama um dos pais e odeia o outro rival. O temor da castração transforma seu complexo de Édipo instaurando o supereu pela internalização do agente paterno e posterior desligamento das figuras que originaram tal “representante psíquico”. Como remanescente da influência edípica, tem-se o desprezo masculino pelas mulheres, as quais seriam consideradas castradas. De maneira intensificada, ocorre a inibição da escolha objetual, que apoiado biologicamente, daria origem à homossexualidade exclusiva. Nas mulheres, ocorreria desde muito cedo o reconhecimento da castração, e “também a superioridade do homem e sua própria inferioridade, mas se rebela contra esse estado de coisas indesejável” (FREUD, 1931/1996, p. 243). Desta divisão surgem três possibilidades: a repulsa sexual geral, o complexo de masculinidade, podendo resultar na escolha objetual homossexual, e, a última delas, indireta e demorada, a feminilidade, tomando o pai como objeto. O complexo de Édipo feminino frequentemente não se supera totalmente.

No tocante à feminilidade, Freud, no artigo intitulado *Conferência XXXIII das Novas Conferências introdutórias sobre Psicanálise* (1933[1932] /1996), coloca em questão a noção de homem e mulher e aponta que, biologicamente, haveria indicações da bissexualidade ao constatar que algumas partes presentes no aparelho sexual masculino estariam também no aparelho sexual feminino, mesmo que sob a forma atrofiada, e, da mesma maneira, ocorreria inversamente. Isso leva Freud (1933[1932]/1996) a indagar os termos masculinidade e feminilidade, que estariam fora de uma perspectiva anatômica, e que uma correlação atividade/passividade parece possível ao pensar sob a ótica do espermatozoide (ativo) e óvulo (passivo), representante do modelo do coito. No entanto, a relação agressividade e masculinidade são questionáveis devido à presença no reino animal de fêmeas mais agressivas que os machos, ativos exclusivamente na cópula. Inclui-se, também, como questão ser papel feminino os cuidados dos filhos, ao que se sabe haver entre os animais a divisão das tarefas relativas à cria. Verifica-se, ainda, que há uma atividade da mãe nesses cuidados com seu bebê,

inclusive ao oferecer seu seio para ele. Além disso, os homens precisam de certa dose de passividade para viverem conjuntamente. Seria, portanto, um “erro de superposição”. Tais fatos só contribuiriam, portanto, à afirmação de haver uma bissexualidade universal inclusive psicológica.

Ao falar do enigma da peculiaridade da descrição do ser mulher, Freud (1933[1932]/1996) ratifica que à psicanálise cabe apenas indagar os processos envolvidos no *tornar-se* mulher, a partir de sua disposição bissexual. E aponta para a importância de as psicanalistas mulheres poderem indicar posições preconceituosas sobre o feminino por parte da psicanálise, o evidenciando, porém, na frase: “Nós, por nossa vez, com base na bissexualidade, não tínhamos dificuldade em evitar a indelicadeza. Apenas tínhamos de dizer: ‘Isto não se aplica às senhoras. As senhoras são a exceção; neste ponto, são mais masculinas do que femininas.’” (FREUD, 1933[1932]/1996, p. 125).

Freud acentua que o desenrolar da feminilidade ocorre com dificuldades em função dos acontecimentos refugos de um período inicial masculino e que:

Muito frequentemente ocorrem regressões às fixações das fases pré-ediípias; no transcorrer da vida de algumas mulheres existe uma repetida alternância entre períodos em que ora a masculinidade, ora a feminilidade, predominam. Determinada parte disso que nós, homens, chamamos de ‘o enigma da mulher’, pode, talvez, derivar-se dessa expressão da bissexualidade na vida da mulher. (FREUD, 1933[1932]/1996, p. 139)

Acerca da libido, Freud (1933[1932]/1996) orienta que esta não seja atribuída a nenhum sexo, visto que a vida sexual está submetida à relação masculino/feminino e atende às funções sexuais masculinas e femininas. Contudo, ao relacionar a libido à atividade/masculinidade, se exclui as tendências passivas que também estão presentes nela.

Em *Esboço de psicanálise* (1940[1938]/1996), Freud indicará que o desenvolvimento distinto de “indivíduos do sexo masculino e feminino” encontra sua expressão psicológica pela primeira vez a partir do complexo de Édipo, dificultada pelo fato de não haver num único sujeito o limite de um único componente sexual, havendo lugar cativo do componente sexual oposto, assim como no corpo carregam-se seus vestígios. Freud (1940[1938]/1996) reconhece a impotência psicanalítica no que indica o avanço do conhecimento da bissexualidade orgânica e relata que a bissexualidade psicológica é um dificultador das suas pesquisas.

Freud (1940[1938]/1996) aborda que ao longo da história sempre houve e há a prevalência de pessoas que tomariam como objetos sexuais indivíduos do sexo oposto, bem como do seu mesmo sexo, sem que haja interferências de uma inclinação sobre a outra,

chamadas popularmente de bissexuais. Freud (1940[1938]/1996) nos lembra que “todos os indivíduos são bissexuais” por distribuírem a sua libido por objetos diversos de modo manifesto ou latente. Indicará que a corrente sexual “mais forte” manterá a outra corrente sob latência, afastando-a da satisfação na realidade.

Freud se ocupou do papel da bissexualidade nas psiconeuroses durante quatro décadas, entre 1897 e 1937, tema que acompanhou o desenvolvimento investigativo e elaborativo a respeito do complexo de Édipo, situando em 1923 a bissexualidade originária nos fundamentos do complexo como estrutura. Uma estrutura que é referida a um modelo herdado filogeniticamente, como indicado em *Totem e Tabu* (1912), reformulando as protofantasias postuladas nas cartas a Fliess, revisitadas no caso do Homem dos Lobos (1914-1918) e nas Conferências (1916-1917). Trata-se de uma estrutura modular para um roteiro em que se processa a bissexualidade nos planos econômico e afetivo, como formulada no artigo a dissolução do Édipo.

Retomando um dos questionamentos levantados na introdução desta pesquisa, acerca de se podemos afirmar que a bissexualidade é uma tentativa de fuga da castração, talvez a questão da passagem pelo Édipo, visto como um romance familiar de papéis definidos por gêneros, seja o fomentador de equívocos como a ideia enviesada de uma bissexualidade como uma fuga à castração, em que se suporia uma certa adesividade entre o objeto de desejo e o gênero, assim como fez Freud. Seguindo essa noção, se o recalque incide sobre ambos os pais como objeto de desejo, buscar um homem ou uma mulher é atualizar as primeiras relações objetais, da mesma forma que o abandono destes objetos também promovem algum nível de identificação. Portanto, seriam duas questões importantes: o recalque da representação destes primeiros objetos como objetos de desejo, mas não de sua libido, e o processo de identificação como efeito destes objetos abandonados. Hipótese insustentável à medida que as marcas de prazer e desprazer e os traços identificatórios não estarão necessariamente atrelados às concepções de gênero binário, mas dependerão daquilo que tocou o corpo subjetivo.

Constatamos, com esse percurso arqueológico na obra freudiana, que a noção de bissexualidade, cuja origem emerge das certezas delirantes de Fliess, convocou Freud em seu desejo de saber, e ocupa um lugar mais ou menos definido de acordo com os temas desenvolvidos por Freud à medida que concebe a própria psicanálise. A questão da bissexualidade atravessa temas caros ao campo psicanalítico, como a escolha de objeto, o caráter psíquico, a identificação, a fantasia histórica, o complexo de Édipo, além de ter se mostrado uma pedra no caminho na articulação com uma libido única e com a teoria das pulsões.

Freud deixa claro que há uma escolha objetal inconsciente, influenciada por identificações, privilegiando um ou outro do casal parental e pelos prenúncios dos ideais da cultura. Apenas em 1924, Freud conclui que o Édipo é vivido de forma passiva e ativa e, em 1931, entende que todo Édipo é positivo e negativo, quando decide então se aprofundar na sexualidade feminina. Se Freud havia tentado correlacionar masculinidade/atividade e feminilidade/passividade, tais ideias caem por terra na conferência sobre a *Feminilidade*, quando afirma não se tratar de uma correspondência com a bissexualidade, pois masculinidade e feminilidade seriam construtos hipotéticos e vazios, aos quais a psicanálise não deveria se empenhar em preenchê-los. Com essa afirmação, Freud se aproxima da ideia de gênero como construção social e histórica e se distancia da referência biológica.

Sobre isso, Laufer (2014) faz uma leitura interessante e afim do que buscamos ressaltar:

Freud não cessou de mostrar que, na experiência humana, há diferenças de gêneros múltiplos, condutas e práticas sexuais diversificadas quase ao infinito; em resumo, diferenciações complexa e sutis numa polissexualidade submetida, bom conforme os tempos e lugares, à uma variedade de normas - elas próprias mais ou menos restritivas e mais ou menos necessárias (LAUFER, 2014 apud SANTOS, 2019, p. 34).

A compreensão de que há uma bissexualidade inata que exerce sua influência no psiquismo evidencia uma sexualidade descolada da genitalidade e, portanto, do biológico, ou seja, é uma ideia que subverte qualquer ideal de heteronormatividade. Não seria forçoso pensar a influência desta bissexualidade nas expressões manifesta ou latente, no âmbito da identificação, da posição subjetiva ou na escolha objetal. Afinal, a psicanálise indica que a sexualidade obedece a uma gramática pulsional de cada sujeito, ou seja, podemos dizer que as bissexualidades, as heterossexualidades e as homossexualidades, em toda infinita gama de apresentações, se exprimem num processo singular e permanente de um tornar-se, por uma construção entre marcas de prazer e desprazer, conflitos e identificações singulares. O uso desses termos no plural não é fortuito, mas intencional. Visa demarcar a pluralidade dessas vivências e expressões da sexualidade que não convergem com um ideal social heteronormativo. A partir desta perspectiva, pretendemos seguir nosso caminho percorrendo a construção das relações de objeto em direção ao conceito do objeto *a* proposto por Jacques Lacan, bem como sua importância para a compreensão da clínica diante da referência cada vez mais presente às bissexualidades.

7 AS RELAÇÕES DE OBJETO E SUA FALTA: L'OBJET PETIT a

Não são teus olhos que amo nos teus olhos
nem tuas mãos nas tuas mãos
nem tua voz na tua voz

o que eu amo nos teus olhos é esse instante de água tocada
eu que amo nas tuas mãos é que as perco
e as procuro

Não amo a palavra que dizes em cada palavra
amo o rastro –
teu vocabulário de ave em retiro
a canção desfeita

não são teus olhos que amo nos teus olhos
é tua noite
Mar Becker

Após esse longo percurso pela construção da noção de bissexualidade em Freud, depreende-se que o objeto aludido por Freud não é, definitivamente, sempre o mesmo. O objeto do desejo, marcado por uma satisfação e perdido para sempre, que dá seus sinais já nos textos *Projeto para uma psicologia científica* (1895/1996) e *Interpretação dos sonhos* (1900/1996) se distingue daquele objeto parcial da pulsão dos *Três Ensaio*s (1905/1996), apesar de se manterem em articulação. Com *O caso Schreber* (1911/2010), Freud promove um corte na concepção do objeto parcial da pulsão estabelecido em fases da libido, e desenvolve, de forma análoga à construção conceitual do narcisismo, sua dimensão respectiva no objeto do desejo.

Na releitura de Lacan do que propôs Freud, algumas contribuições essenciais permitem-nos traçar um caminho conceitual que instrumentalize a compreensão da relação do sujeito, não exatamente com o objeto, mas a partir da falta do objeto que satisfaça a pulsão, ênfase dada por Lacan em sua leitura das relações de objeto tão cara aos pós-freudianos. Com essa chave de leitura, uma nova perspectiva surge para pensar as relações de objetos estabelecidas pelo sujeito, e suas respectivas articulações com o falo. Com o intuito de compreender a complexidade daquilo que Lacan disse ter sido sua única invenção conceitual, o objeto *a* – *l'objet petit a* –, resgataremos em sua obra como se desenvolveu tal concepção, a partir de recortes cruciais, principalmente, do *Seminário 4: a relação de objeto* (LACAN, 1956-1957/1995), *Seminário 5: as formações do inconsciente* (LACAN, 1957-1958/1999), *Seminário 7: a ética da psicanálise* (LACAN, 1959-1960/2008), *Seminário 10: a angústia*

(LACAN, 1962-1963/2005) e *Seminário 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (LACAN, 1963-1964/2008).

7.1 O objeto perdido

Tomaremos algumas contribuições relevantes de Diana Rabinovich, a partir de seu livro *O conceito de objeto na teoria psicanalítica: suas incidências na direção da cura* (2009), para acompanhar esses recortes.

A visão de Rabinovich (2009) reflexiona a dimensão do objeto fundamentada nos três grandes eixos do objeto em Freud: “o objeto perdido do desejo sexual infantil”, “o objeto parcial da pulsão” e a série de “eleição de objeto”. O primeiro, apesar de não deixar rastros de que seja criador de uma série comparável, é a condição da produção do segundo, que possuirá traços próprios integrados ao autoerotismo e a inserção corpórea. A série relativa ao pulsional atravessa suas fases próprias, enquanto aquela da eleição objetual amorosa passa pelo narcisismo até chegar na heterossexualidade, ambas as séries produzem seus objetos específicos. Para Rabinovich, Freud entendia que a “escolha homossexual”, escolha inconsciente, estaria relacionada ao narcisismo, pela eleição de um objeto semelhante ao sujeito. A similaridade das duas séries – do objeto parcial pulsional e do objeto da eleição amorosa – existe pela peculiar *contingência* objetual e seu início pelo autoerotismo, mas se separa à medida que uma toma o objeto como um todo do objeto sexual e a outra pela parcialidade objetual, surgida da noção de apoio emergente da necessidade e estabelecida no “prazer do órgão”, e “no que se refere ao objeto pulsional, Freud falará de *contingência*, de fixação, mas nunca de eleição” (RABINOVICH, 2009, p. 11, grifo da nosso).

Entre as séries referentes à eleição objetual e ao pulsional, há uma distinção dos efeitos da influência do narcisismo com sua ambivalência: a primeira intervém através do par amor-ódio na eleição mesma do objeto, e a segunda é estruturante da função ativo-passivo, restando ao eu um papel secundário na posição de objeto quando o modelo anaclítico não se sustenta, o que impeliu o desenvolvimento da “função do semelhante” proposta por Freud. A convergência das séries, porém, ocorre a partir da primazia fálica (FREUD, 1923/2011), organizadora das pulsões na aquisição de uma “sexualidade adulta”, que não se restringe à “genitalidade”. O termo falo se articula ao pênis à medida que este é suscetível de faltar (ANDRÉ, 1998). A função do complexo de castração é determinante no processo estrutural por articular as séries entre si, mas também por articulá-las com o complexo de Édipo.

Em Freud (1923; 1923; 1925), a diferença sexual seria resultado da travessia edípica, passando do binômio fálico/castrado, referido à percepção infantil da ausência/presença do pênis, para a percepção de dois sexos distintos pelo binômio masculino/feminino. Já em Lacan (1957-1958/1999), a compreensão da castração reformula a noção de falo em Freud e de sua referência ao anatômico, apesar de ainda se manter sob uma perspectiva binária. Será a partir da proposta lacaniana, que compreende o sujeito como efeito do significante, que ocorre um corte epistemológico no pensamento desta diferença sexual se estabelecer em termos anatômicos ou fisiológicos.

Os textos *Projeto para uma psicologia científica* (FREUD, 1895/1996) e *Interpretação dos sonhos* (FREUD, 1900/1996) colocam em cena o objeto do desejo em Freud a partir da experiência de satisfação, e nos trazem noções fundamentais ao separar a satisfação da necessidade, relativa à ação específica, do desejo, “identidade de percepção como regra de alucinação desiderativa” (RABINOVICH, 2009, p. 13). Rabinovich (2009, p. 13) ratifica que:

Esta partição instaura um abismo na suposta complementariedade do sujeito e do objeto na satisfação humana, introduzindo uma dissimetria que situa o objeto numa nova posição, imprópria enquanto tal a satisfação da necessidade, e que introduz, no nível do organismo, uma nova forma de satisfação - a realização - cujo correlato é o próprio sujeito tal como Freud o descobre nos processos inconscientes.

Na leitura lacaniana a partir do que nos indica Freud, a realidade psíquica é delimitada pelo campo do desejo e da linguagem e, para se constituir, atravessa alguns momentos lógicos importantes além dos complexos de Édipo e de castração. O bebê humano nasce prematuro, totalmente dependente, num desamparo fundamental que o leva a ser conduzido pelo desejo do Outro que deverá suprir suas necessidades. Tal desamparo é também a condição necessária para experimentar sua primeira experiência de satisfação de suas necessidades, experiência que inscreve um traço mnêmico da imagem de um objeto promotor de alívio das tensões próprias ao organismo. A partir daí, a cada nova tensão, buscando repetir aquela experiência de satisfação primordial, o bebê alucina a imagem do objeto. O resgate mnêmico da imagem do objeto da satisfação originária é justamente o indício de sua perda.

Esse objeto perdido, do qual só restou a marca mnêmica, marca a primeira perda do sujeito e é chamado por Freud de *das Ding*, a Coisa, aludindo também à alteridade. Lacan revisita a obra freudiana com a compreensão de que a falta de um objeto que traga satisfação é a fundadora do desejo humano, propulsora da busca incessante do sujeito para reencontrá-lo, posto que é impossível, e, exatamente por isso, o mantém em movimento.

Das Ding, ou “A Coisa”, é o objeto da falta, que assume uma forma sempre opaca e enigmática, circunscrevendo o ponto originário e a divisão do sujeito. A “Coisa sexual”, presente na origem psíquica, impele à busca de satisfação pelo prazer nas zonas erógenas que posteriormente pode ou não ser direcionada à reprodução. A sexualidade pela perspectiva freudiana é a base do comportamento humano, uma disposição psíquica universal e lugar de uma diferença anatômica, que se inscreve em termos simbólicos. Freud não consegue se desprender da dimensão imaginária sobre atrelar à castração a ideia de ter ou não o pênis, e não encontraria o falo, enquanto algo ausente tanto no homem como na mulher, como compreendido por Lacan.

Lacan, no *Seminário 7: a ética da psicanálise* (1959-1960/2008), retoma o *Projeto para uma psicologia científica* de Freud (1895/1996), resgatando a noção de Coisa, como o irrepresentável, inapreensível, mas que conserva uma relação *moebiana* de extimidade com o simbólico. Lacan se utiliza da formulação freudiana do “complexo do próximo”, *Nebenmensch*, para a necessidade da ação de um semelhante e a alienação nessa dependência nos cuidados com o infans. Será a partir de seu cuidador, seu próximo, seu semelhante, que o infans percebe o primeiro objeto, simultaneamente objeto de satisfação e objeto hostil, mas, também, como única força auxiliadora (FREUD, 1895/1996). Esse “complexo do próximo” será dividido em duas partes: uma que permanece como *das Ding*, exterior à cadeia significante, e a outra rastreável pela atividade mnêmica referida a partes do corpo do sujeito. As primeiras experiências de satisfação do bebê provocam um excedente à assimilação pelas vias autoeróticas do prazer que faz surgir *das Ding*, representando o Outro absoluto para o sujeito, origem do desejo e pura negatividade. Será em torno deste Outro exterior originário que as representações irão se organizar e a subjetividade irá se orientar.

A ética psicanalítica trabalhada por Lacan no *Seminário 7* (1959-1960/2008) se situa articulada à retirada do campo do gozo²³ mortífero do Outro no caminho de um gozo referenciado à castração, ao desejo, interditado pela lei. A lei simbólica, introduzida pelo Outro, é transmitida pela operação da metáfora paterna, devendo ser consentida pelo sujeito para que se instaure a castração, o que veremos em detalhe mais adiante.

Será pela linguagem que incidirá sobre o sujeito uma perda fundamental, sendo a relação com a dimensão simbólica o que organizará seu gozo, cujo acesso permanecerá restrito à sua

²³ Referimo-nos a noção de gozo desenvolvida por Lacan no *Seminário 7*, ponto de corte na obra lacaniana, localizando o paradigma do gozo impossível em que a satisfação pulsional é da ordem do real. Gozo passível de ser barrado pelo simbólico através da lei moral que o representa ou pelo imaginário através da função do belo, barreiras condicionadas à retração não-simbolizável da Coisa. Reduz o gozo a um lugar de vazio paradoxalmente preenchível por um suplemento jamais adequado.

mediação. O simbólico incidirá, portanto, excluindo aquilo que determina a estrutura: a falta fundamental, o desejo do Outro, sendo nenhum objeto capaz de preencher essa falta. Sobre isso, Lacan nos indicaria que o objeto que o sujeito visa seria propriamente das *Ding*, como sendo aquele “Outro absoluto do sujeito que se trata de reencontrar” (LACAN, 1959-1960/2008, p. 69). Das *Ding* enquanto objeto impossível, objeto jamais reencontrado, “é o índice, ao mesmo tempo, do anseio de plenitude e de sua impossibilidade” (RINALDI, 1996, p. 69). A falha estrutural que existe na determinação simbólica do sujeito, resulta em uma impossibilidade de acesso a *das Ding*, chamado por Lacan de “o fora-do-significado” (LACAN, 1959-1960/2008, p. 70), aquilo que o sujeito conserva em certa distância e que se constitui anterior a todo recalque.

A leitura refinada, proposta por Lacan, concebe *das Ding* como o objeto mítico, instrumentalizando a teorização concernente ao desejo. O objeto perdido do desejo, seria uma construção a partir da experiência de satisfação em retroação. Rabinovich (2009, p. 106) aponta o ponto mítico, o ponto zero do desejo como aquele em que “a ordem simbólica e a estrutura da linguagem apoderam-se do organismo”, ou seja, o desejo advém da ação simbólica que implica na “constituição de um objeto que perde seu ser de objeto ao perder suas propriedades naturais” (RABINOVICH, 2009, p. 106), sendo a perda da naturalidade do objeto, perda do objeto da satisfação pela sua propriedade instintiva, o que seria a primeira grande distinção do objeto para Lacan.

No mundo dos seres de linguagem, apenas alguns objetos fariam as vezes do objeto do desejo, numa tentativa impossível de tamponar a falta, mantendo o desejo insatisfeito à medida que deixam de cumprir tal função quando conquistados. Relançam o sujeito, recuperado pela decepção temporária, em novas buscas. É, portanto, justamente a busca por esse objeto perdido que engendra o desejo, e permite que uma série de objetos possam vir se colocar aí, onde não há um.

7.2 Do objeto à falta de objeto

Sobre as relações que o sujeito estabelece com esses objetos, que farão as vezes do objeto perdido do desejo, no *Seminário 4: a relação de objeto* (1956-1957/1995), Lacan retoma o que Freud havia evidenciado sobre a inexistência de uma relação harmônica entre sujeito e objeto por não haver um único objeto que satisfaça plenamente a pulsão, atualizadora de uma incompletude permanente. A crítica de Lacan aos pós-freudianos surge na medida em que estes valorizam as relações objetais com um objeto significativo, o que alega ser um desvio ao ensino

de Freud, uma vez que este não havia desenvolvido tal noção. A reprovação lacaniana incide também sobre a ideia do objeto genital como objetivo maturacional a ser favorecido em uma análise e pela noção de que os estágios pré-genitais deveriam ser precedentes e passageiros em um desenvolvimento psíquico saudável. Darriba (2005, p. 65) nos aponta que:

A crítica de Lacan é inspirada, em grande parte, pela percepção do quão inapropriada é a pretensão de que a análise tenha o objetivo de favorecer a ‘maturação’ da relação do sujeito à realidade. A ideia de ‘normalização’ do sujeito, aí implicada, introduz, segundo ele, categorias estranhas à perspectiva da análise.

Lacan (1956-1957/1995) propõe, então, uma teoria, não das relações objetais, mas das relações com a falta de objeto, pelo seu entendimento de ser através da subjetivação da falta que o sujeito se constitui, subjetivação possível a partir da relação com o Outro, cujos representantes são inicialmente a mãe, posteriormente, o pai e depois o Outro da cultura. Lacan, neste seminário, sistematiza três formas particulares da função da falta: frustração, privação e castração, todas articuladas ao complexo de Édipo, que desenvolverá mais detidamente no seminário seguinte, sobre as formações do inconsciente (LACAN, 1957-1958/1999).

O primeiro tempo da subjetivação da falta se dá pela frustração, oriunda da triangulação: mãe (ou quem exerça a função materna), criança e falo. Sobre a inclusão do falo, Lacan (1956-1957/1995, p. 28) postula que:

toda relação dual, à medida que dela nos aproximamos, faz surgir em primeiro plano este objeto imaginário privilegiado que se chama o falo. [...] a noção de objeto é impossível de compreender, e até mesmo de exercer, se não pusermos nela o falo como elemento, não digo mediador, pois isso seria dar um passo que ainda não demos juntos, mas terceiro.

Nesse primeiro tempo, ocorre a experiência de um dano imaginário em consequência da falta de um objeto real, pois a pessoa que cuida, que amamenta, não oferta ao bebê aquele objeto do “primeiro encontro”, visto que está perdido para sempre. O bebê fica à mercê do Outro, dependente de um Outro que por vezes se mostra caprichoso. O objeto, que não é mais encontrado em sua plenitude, produz encontros frustrantes. Temos aí um objeto real que é o seio materno e a mãe como agente simbólico da frustração pela mediação do par presença-ausência, oferecendo o primeiro elemento da dimensão simbólica (LACAN, 1957-1958/1999).

A privação, que ocorre no segundo tempo lógico, é experimentada por uma falta no real de um objeto simbólico. Não é possível saber o que lhe falta, nomear o objeto da falta. “Tudo que é real está sempre obrigatoriamente em seu lugar [...] a ausência de alguma coisa no real é puramente simbólica” (LACAN, 1957-1958/1999, p. 38). O Outro deixa de ser um todo

onipotente, para surgir limitado, promovendo a perspectiva de haver um Outro do Outro. É um período em que o pai (ou quem exerce a função paterna) priva a mãe de reintegrar seu produto: o bebê. Na constituição psíquica da criança, é um período que comumente eclodem fobias, pânico e terrores noturnos, em uma tentativa de forjar uma forma ao pai, pela via imaginária. Se inicia aí, uma dialetização da criança com o mundo em que a relação objetual gera angústia e prazer.

No terceiro tempo lógico, sucede a castração, quando se instaura a metáfora do Nome-do-pai como forma de metaforizar a junção da função materna e a função paterna enquanto nome, promovendo uma falta no simbólico de um objeto imaginário. Aquele pai imaginário onipotente transforma-se no pai real, condição que indica à criança que ninguém é ou tem o falo. A metáfora paterna revela à criança que a falta é operadora do desejo nas relações humanas, um desejo marcado pelo movimento de deslocamento, que não se cristaliza no objeto ou aliena-se ao desejo do Outro. Essa operação chamada castração possui como efeito separações que trazem ao sujeito a compreensão de que há um regime de trocas nas relações, ou seja, se perde aquela mãe imaginária ou aquele pai imaginário, idealizados da infância, mas se ganha os equivalentes simbólicos que serão buscados a partir do próprio desejo. Se perde o eu ideal imaginário, mas é possível seguir apesar disso, é possível seguir balizado pelo ideal do eu, se servindo dos seus ideais, ideais simbólicos orientadores do desejo, cujos efeitos gerados são imaginários. A castração, por sua vez, instaura a lei do Outro que o eu interioriza, o supereu será o representante dessa lei, possuindo a dupla função de ordenar e limitar o desejo simultaneamente. O supereu pode se tornar patológico quando se associa à pulsão de morte e/ou ao masoquismo originário (GEREZ-AMBERTIN, 2011). Como um operador fundamental das relações humanas, a castração revela a falta constitutiva do sujeito do desejo, uma renúncia de gozo²⁴ forçada ao sujeito pelo Outro da linguagem.

O complexo de Édipo que se articulará a partir da castração será compreendido por Lacan (1957-1958/1999) como um mito, fornecendo a origem da lei de forma mítica, fundada no pai, pai que promulga a lei enquanto pai morto, enquanto símbolo do pai.

Trata-se do que chamo de Nome-do-pai, isto é, pai simbólico. Esse é um termo que subsiste no nível do significante, que no Outro como sede da lei, representa o Outro. É o significante que dá esteio à lei, que promulga a lei. Esse é o outro no Outro” (LACAN, 1957-1958/1999, p. 152).

²⁴ Sobre a renúncia de gozo exigida ao ser falante, Lacan trata-o de forma mais esclarecedora no *Seminário 10: A angústia* (1962-1963), na p. 242, ilustrado pelo texto shakespeariano *O mercador de Veneza*. Lacan (1962-1963) cita que “sempre há no corpo, em virtude desse engajamento na dialética significante, algo de separado, algo de sacrificado, algo de inerte, que é a libra de carne”, o sujeito perde algo de Si, se divide, se recorta e cede ao Outro sua “libra de carne”, que faz as vias de moeda de troca.

O significante Nome-do-pai existe como um significante essencial no interior do Outro, a metáfora paterna está no centro da questão do Édipo. Sobre tal formulação, Lacan (1957-1958/1999, p. 153) esclarece:

O espaço do significante, o espaço do inconsciente, é realmente um espaço tipográfico, que é preciso de definir como se constituindo de acordo com linhas e pequenos quadrados, e correspondente a leis topológicas. Pode faltar alguma coisa numa cadeia dos significantes. Vocês precisam compreender a importância da falta desse significante especial do qual acabo de falar, o Nome-do-pai, no que ele funda como tal o significante – complexo de Édipo, ou lei do Édipo, ou lei da proibição da mãe. Ele é o significante que significa que, no interior desse significante, o significante existe.

A perversão e a psicose, como etapas pré-edípicas do desenvolvimento do sujeito, em que prevalece a função imaginária, têm o campo da realidade profundamente perturbado por imagens. A travessia edípica, além de ter uma função normativa estruturadora da moral e das relações com a realidade do sujeito, possui relação “quanto à assunção de seu sexo – o que, como vocês sabem, sempre persiste, na análise, dentro de uma certa ambiguidade” (LACAN, 1957-1958/1999, p. 171). Sobre isso, Lacan (1957-1958/1999, p. 171) completa:

A questão da genitalização é dupla, [...] por um lado, um salto comporta uma evolução, uma maturação [...] por outro, há no Édipo a assunção do próprio sexo pelo sujeito [...], aquilo que faz com que o homem assuma o tipo viril e com que a mulher assume um certo tipo feminino, se reconheça como mulher, identifique-se com suas funções de mulher. A virilidade e a feminização são os dois termos que traduzem o que é, essencialmente, a função do Édipo. Encontramo-nos, aí, no nível em que o Édipo está diretamente ligado à função do ideal do eu [...].

No princípio do complexo de Édipo, tem-se uma função paterna que interdita a mãe, ligando o pai à lei primordial da proibição do incesto, sendo seu representante, e sendo também “por seus efeitos no inconsciente, que ele realiza a interdição a mãe” (LACAN 1957-1958/1999, p. 175). É essencial o vínculo entre castração e lei, à medida que se pode descritivamente afirmar que o menino tem sua relação com o pai dominada pelo medo, renuncia seu lugar junto à mãe, e preserva seu órgão. Para as meninas, que entram na travessia edípica pela castração, a sentem como um dano, uma humilhação, que elas buscam negar, compensar ou reparar.

No menino, a agressividade manifesta-se em direção ao pai, quando a mãe, seu objeto privilegiado, surge proibido. A agressividade projetada retorna pela relação dual. O medo experimentado tem como centro o sujeito, pelo sentimento de uma retaliação ao desejo incestuoso. O Édipo invertido, ou seja, quando a criança tem fantasias amorosas com o genitor

do mesmo sexo e rivaliza com o genitor do sexo oposto, sempre presente no complexo edípico, em função do componente do amor pelo pai, é o que lhe proporciona seu declínio, pela dialética ambígua entre amor e identificação. Lacan (1957-1958/1999, p. 176), porém, faz a ressalva: “identificação e amor não são a mesma coisa – podemos identificar-nos com alguém sem amá-lo, e vice-versa –, mas, ainda assim, os dois termos são estreitamente ligados e absolutamente indissociáveis”. Pelo pai ser amado, ocorre a identificação, terminando o Édipo “numa composição de recalque amnésico com a aquisição, nele mesmo, do termo ideal graças ao qual ele se transforma no pai” (LACAN 1957-1958/1999, p. 176).

No plano da castração, o pai (ou a mãe) real, através de uma ação simbólica, provoca no menininho uma ameaça da perda de um objeto imaginário, pois seria raríssimo que seu membro fosse efetivamente cortado. No plano da frustração, o pai simbólico possuidor de direitos, proíbe seus filhos (meninos e meninas) de obter a mãe como objeto, por esta ser do pai e não dos filhos. O pai frustra os filhos de ter a posse da mãe enquanto objeto real por um ato imaginário. No nível da privação, o pai já se tornou um objeto preferível em relação à mãe e se estabeleceu a identificação a ele. O complexo de Édipo invertido se ancora nesse patamar, bem como sua função, e os efeitos diversos entre meninos e meninas.

7.3 Os destinos da falta no Édipo

Há uma dissimetria quanto à função do complexo de castração entre meninos e meninas, sendo, para a menina, difícil sua entrada e fácil sua saída, devido ao pai ser facilmente preferível à mãe por portar o falo. No menino, a função proibidora não é o que o leva à conclusão da privação associada à identificação, mas é na medida em que o pai se torna o ideal do eu, que indica ao menino não ser ele mesmo o portador do falo, que pode ser desastroso para ele, por possuir seu equivalente imaginário. No entanto, pode ser bom para ela.

O que acontece no nível da identificação ideal, nível em que o pai se faz preferir à mãe ponto de saída do Édipo, deve levar, literalmente à privação. Para menina, esse resultado é totalmente admissível e totalmente gerador de conformidade, embora nunca seja atingido, pois sempre fica um amargo na boca, ao qual se dá o nome de *Penisneid*, prova que isso não funciona de maneira realmente rigorosa. Mas, no caso em que isso tem de funcionar, se nos ativermos a esse esquema, o menino, por sua vez, deveria ser sempre castrado. Há, portanto, alguma coisa que não bate, algo que falta em nossa explicação. (LACAN, 1957-1958/1999, p. 179)

Como Lacan (1957-1958/1999) nos indica, o pai simbólico é uma metáfora por ser um significante (o significante Nome-do-pai) que substitui outro significante (significante do

desejo da mãe), tendo como função a simbolização do desejo materno, “x”, numa busca por elaborar e encontrar a resposta para o enigma daquilo que causa o desejo materno. Para nos explicar a função da metáfora paterna, Lacan parte da fórmula da metáfora (figura 1) em que um significante (S) vem substituir outro significante (S’), articulando uma significação desconhecida (x) e produzindo um significado (s) pela elisão do (S’)

$$\frac{S}{S'} \cdot \frac{S'}{x} \rightarrow S \left(\frac{I}{s} \right)$$

Figura 1. Fonte: LACAN, 1998, p. 563

para introduzir o significante Nome-do-pai no lugar do significante do Desejo da mãe, que já está ligada a uma significação oriunda desta relação (x), como mostra a figura 2.

Quanto ao que Freud apresenta em *Além do princípio do prazer* (1920), em relação ao jogo do *Fort-Da*, observado em seu neto, quando da ausência da mãe, Lacan dirá que se trata de uma metaforização das idas e vindas da mãe que faz surgir uma significação nova, segundo a fórmula da figura 2. “É na medida em que existem as primeiras simbolizações, constituídas pelo par significante *Fort-Da*, que o primeiro sujeito é a mãe” (LACAN, 1957-1958/1999, p. 195). Será no vai e vem materno que o ser falante simboliza, operando a questão sobre o desejo do Outro. O que sua mãe pode desejar para além dele, esse será o x, ou seja, o falo na medida em que será ele que dará um significado novo às idas e vindas da mãe. Segundo Lacan, a criança pode, desde muito cedo, perceber que o falo é imaginário, e fazer-se de um. Porém, não é a saída mais normal, por acarretar fixações e não ser totalmente acessível, restando algo de insondável ou dual.

É nessa via simbólica, metafórica, que se dá também a metáfora paterna, ou seja, é quando o pai substituindo a mãe como significante produz um efeito de metáfora que faz surgir uma significação nova. Ao fazer cair o elemento intermediário (S’), o S se apossa, então, metaforicamente do falo, aquele que seria o objeto do desejo da mãe, como mostra a figura 2:

$$\frac{\text{Nome - do - Pai}}{\text{Desejoda Mãe}} \cdot \frac{\text{Desejoda Mãe}}{x} \rightarrow \text{Nome - do - Pai} \left(\frac{A}{\text{Falo}} \right)$$

Figura 2. Fonte: LACAN, 1998, p. 563

Através da simbolização pela criança deste ternário imaginário, que o falo introduz, a criança se desvincula da dependência do desejo materno, instituindo a possibilidade dela (a

mãe) poder estar ou não presente, então afirma-se o desejo da criança. Se o desejo é o desejo da mãe, é o desejo da mãe que vive num mundo simbólico, mundo de seres falantes. Para Lacan, o desejo do sujeito é o desejo do Outro. Sobre tal operação, Lacan (1957-1958/1999, p. 189) nos elucida:

[...] isso se efetua de maneira falha, ainda que mesmo assim se efetue. Certamente, não se efetua sem a intervenção de um pouco mais do que a simbolização primordial dessa mãe que vai e vem, que é chamada quando não está presente e que, quando está presente, é repelida para que seja possível chamá-la. Esse algo a mais, que é preciso que exista, é exatamente a existência, por trás dela, de toda a ordem simbólica de que ela depende, e a qual, como está sempre mais ou menos presente, permite um certo acesso ao objeto de seu desejo, o qual já é um objeto tão específico, tão marcado pela necessidade instaurada pelo sistema simbólico, que é absolutamente impensável de outra maneira quanto à sua prevalência. Esse objeto chama-se falo, e foi em torno dele que eu fiz girar toda a nossa dialética da relação de objeto no ano passado²⁵.

Como bem nos esclarece Seixas (2009), o “x” situado na metáfora paterna precisa ser posto no lugar que lhe é devido: o de significado elidido, estabelecendo um endereçamento a outro significante, promovendo um encadeamento de significantes, que resulta em uma identificação fundada pelos significantes mestres que marcaram o sujeito, estando a estes referido.

Essa saída favorável do complexo de Édipo que se refere às neuroses impele o sujeito à constatação da falha estrutural que o ser humano comporta, a saber, a inexistência de *Um* significante último que feche a cadeia significante numa única significação. A angústia suscitada pela constatação de que algo que o represente falta na ordem simbólica promove a construção de uma tela através da qual o sujeito pode se confrontar com o enigma do desejo do Outro, esse “x” que para sempre subjaz ao significante (SEIXAS, 2009, p. 88, grifo da autora).

A relação ternária imaginária mãe-falo-criança, coloca o falo simetricamente oposto ao pai, na relação ternária simbólica entre mãe-pai-falo. O lugar do significante paterno no simbólico é o que funda a localização do falo imaginário. O desejo da mãe como desejo do Outro, porta um para-além que necessita de uma mediação oferecida pelo Nome-do-pai na ordem simbólica. Há situações em que pode haver uma identificação da criança ao falo, como ocorre nos casos de fetichismo.

7.4 O objeto do desejo e o desejo do outro

²⁵ Referência ao seminário do ano anterior (1956-1957) transcrito no livro 4: *a relação de objeto*.

Será no nível da privação, ponto nodal do Édipo, que a mãe como objeto será registrada, simbolizada, cabendo ao sujeito assumir ou recusar tal privação. Será a resposta da criança a partir deste ponto, aceitando ou não que o pai privou a mãe do falo, que a neurose, a fobia ou a perversão irá se fundamentar. O que estaria em jogo nesse ponto é a identificação ser ou não o falo imaginário. Enquanto isso, no atravessamento da castração, a questão estaria entre ter ou não ter o falo, visto que para tê-lo é preciso ter sido castrado. O pai, como portador da lei na cultura, investido pelo significante Nome-do-pai, opera no complexo de Édipo.

Em relação à mãe, a criança se esboçaria enquanto “assujeito” por estar assujeitada ao capricho de quem é dependente.

O essencial é que a mãe funde o pai como mediador daquilo que está para além da lei dela e de seu capricho, ou seja, pura e simplesmente, a lei como tal. Trata-se do pai, portanto, como Nome-do-pai, estreitamente ligado à enunciação da lei, como todo o desenvolvimento da doutrina freudiana no-lo anuncia e promove. E é nisso que ele é ou não aceito pela criança como aquele que priva ou não priva a mãe do objeto de seu desejo. (LACAN, 1957-1958/1999, p. 197)

Lacan (1957-1958/1999) irá propor três tempos para o complexo de Édipo, estabelecendo a forma como cada um irá reagir à falta e interpretar o desejo do Outro. No primeiro tempo, há por parte da criança um desejo de desejo, a criança busca ser o objeto de desejo da mãe, endereça sua demanda, se identifica especularmente ao falo como significante do desejo do Outro. A metáfora paterna age sozinha, pela primazia do falo estar instaurada no mundo simbólico e da lei. A criança, caso permaneça fixada neste tempo, se inscreve na estrutura da perversão. No segundo tempo, a demanda introduzida pela criança, tendo sido transmitida como se deve, será submetida à lei do pai, lei imaginariamente privadora da mãe, o que desvincula o sujeito da identificação fálica e o liga à lei, determinando que a mãe depende de um objeto de desejo que o Outro tem ou não tem. Sendo a palavra do pai posta em dúvida por não servir como lei para a mãe, estaremos estruturalmente diante da fobia. O terceiro tempo vai determinar a saída do complexo de Édipo, pois o pai como possuidor legítimo do falo pode dar-lhe à mãe, intervindo a potência genital, em que a relação entre pai e mãe se situa no âmbito real. O pai, internalizado pelo sujeito como ideal do eu, promove o declínio do Édipo. O papel desempenhado na metáfora paterna é o de instituir algo da ordem do significante, que ficará reservada e receberá sua significação mais tarde.

[...] o desfecho do complexo de Édipo, como todos sabem, é diferente na mulher. Para ela, com efeito, essa terceira etapa, como sublinha Freud – leiam seu artigo o declínio do Édipo –, é muito mais simples. Ela não tem de fazer essa identificação nem guardar esse título de direito à virilidade. Ela, a mulher, sabe onde ele está, sabe onde deve ir

buscá-lo, o que é do lado do pai, vai em direção àquele que o tem. (LACAN, 1957-1958/1999, p. 202)

O falo, no primeiro tempo, é um objeto metonímico, que circula de todas as formas na cadeia significante por parte do significado, que assume papel preponderante para o sujeito como objeto universal. No primeiro tempo, a criança assume o desejo da mãe na realidade do discurso, de forma bruta, se abre para inscrever-se na metonímia materna, se fazendo como assujeito. No segundo tempo, o pai surge mediado pelo discurso da mãe, como suporte da lei, intervém em sua função privadora do falo, enunciando uma mensagem sobre mensagem enquanto proibição, dirigida à mãe, “*Não reintegrarás teu produto*”, e outra à criança, “*Não te deitarás com tua mãe*”. No terceiro tempo, o pai é percebido como aquele que pode fazer do falo um dom, ao qual a mãe se utiliza como adjeto do seu objeto imaginário do qual foi privada.

Quanto à questão da homossexualidade masculina, Lacan irá traçar sua ideia a partir dos comentários que vinha tecendo sobre o caso freudiano do pequeno Hans, tendo como modelo baseado na compreensão de Freud no que concerne à identificação materna. Retomando o Édipo em três tempos, Lacan (1957-1958/1999) postula que no caso da homossexualidade masculina, no segundo tempo a mãe teria se tornado responsável pela lei frente ao pai, não se deixando privar-se do adjeto apenas relegando ao pai apenas sua indiferença. O pai permanece para o menino suspeito de não ter o falo.

Creio que a chave do problema concernente ao homossexual é esta: se o homossexual, em todas as suas nuances, atribui um valor preponderante ao bendito objeto, a ponto de fazer dele uma característica absolutamente exigível do parceiro sexual, é na medida em que, de alguma forma, a mãe dita a lei ao pai, no sentido como lhes ensinei a distingui-lo (LACAN, 1957-1958/1999, p. 215).

Essa suspeita quanto ao pai ser desprovido falicamente pode surgir quando um pai é desmedidamente proibidor, levando-o a exclusão da dinâmica familiar, ou quando ama a mãe excessivamente. Pela sua dependência amorosa, coloca-o sob suspeita de não tê-lo, visto que amar, como bem nos indica Lacan, é oferecer sua falta ao outro. Ou ainda, quando o pai se torna alguém muito distante, surgindo nas queixas ou hostilidades da mãe, provocando ódio na criança, que pode ser dirigido ao pai ou à mãe. Como pai ameaçador para o menino, a saída pode se dar pela via identificatória à mãe. Lacan indica que a exigência do pênis no parceiro é indicativa de que foi a mãe quem determinou a lei ao pai, uma mãe castradora, deixando a interrogação se aquele possui ou não o órgão.

A relação com o falo será determinada independentemente da diferença anatômica sexual, ao que Lacan (1958) indica dirimindo dúvidas e esclarecendo seus desvios, daquilo que propôs Freud:

O falo é aqui esclarecido em sua função. Na doutrina freudiana, o falo não é uma fantasia, caso se deva entender por isto um efeito imaginário. Tampouco é, como tal, um objeto (parcial, interno, bom, mau etc.), na medida em que esse termo tende a prezar a realidade interessada numa relação. E é menos ainda o órgão, pênis ou clitóris, que ele simboliza (LACAN, 1998, p. 696).

7.5 O objeto pequeno *a*

Com o objetivo de fazer uma melhor apreciação da noção de objeto parcial e de objeto *a*, recorreremos ao *Seminário 11: os quatros conceitos fundamentais da psicanálise* (LACAN, 1964/2008). Nele, Lacan assinala o caráter irreprimível da pulsão, sendo sempre distinta da necessidade, e que a apreensão de um objeto ensina que não será por ele a obtenção de satisfação, exemplificando que “essa boca que se abre no registro da pulsão – não é pelo alimento que ela se satisfaz, é como se diz, pelo prazer da boca” (LACAN, 1964/2008, p. 166). Lacan nos recorda sobre aquilo que nos advertiu Freud quanto ao objeto da pulsão não ter importância, por ser totalmente indiferente:

O objeto da pulsão, como é preciso concebê-lo, para que possa dizer que, na pulsão, qualquer que ela seja, ele é indiferente? Para a pulsão oral, por exemplo, é evidente que não se trata de modo algum de alimento, nem de eco do alimento, nem de cuidado da mãe, mas de algo que se chama o seio e que parece que vai sozinho porque está na mesma série. Se Freud nos faz esta observação de que o objeto da pulsão não tem nenhuma importância, é provavelmente porque o seio deve ser revisado por inteiro quanto à sua função de objeto (LACAN, 1964/2008, p. 166).

O seio é o objeto enquanto causador do desejo, portanto, é *contornado* pela pulsão, produzindo aí uma ambiguidade própria do termo que permite a compreensão de margeá-lo, enquanto faz a volta (*turn*), e de dar uma volta nele, como forma de escamoteá-lo (*trick*) (LACAN, 1964/2008). Lacan enfatiza aqui o percurso que a pulsão desenha no campo do Outro em busca de uma satisfação. A montagem da pulsão, a qual alude Lacan, tem relação com o traçado do ato, em que as pulsões parciais estão ligadas ao fator econômico, dependem do princípio do prazer, e seu sistema destina-se a garantir uma homeostase das tensões internas.

De um lado, temos o significante do recalque primordial sobre o qual será edificado uma rede de significantes e o sintoma, do outro lado, a interpretação que aponta o desejo, no entre, a sexualidade sob a forma de pulsões parciais. “A legibilidade do sexo na interpretação do

mecanismo inconsciente é sempre retroativa” (LACAN, 1964/2008, p. 173). A pulsão segue uma dialética do arco integrada à sua existência, situando aí seu lugar na economia psíquica, estruturando-se no *vaivém*, na reversão fundamental, como ocorre no *ver* e *ser visto*, no *atormentar* e ser *atormentado*. A pulsão possui um caráter circular: “Esse sujeito, que é propriamente o outro, aparece no que a pulsão pode fechar seu curso circular. É somente com a aparição no nível do outro que pode ser realizado o que é da função da pulsão” (LACAN, 1964/2008, p. 175). A ideia de que a pulsão pode se satisfazer sem a realização biológica da função é por que ela é parcial “e que seu alvo não é outra coisa senão esse retorno em circuito” (LACAN, 1964/2008, p. 176). Ou seja, qualquer resquício de que se possa pensar na materialidade de um objeto com o qual o sujeito pode se relacionar para obter satisfação cai por terra diante dessa releitura lacaniana da obra freudiana. Mas Lacan não para por aí.

No seminário anterior, Lacan (1962-1963/ 2005) já havia introduzido o objeto *a* em sua função de causa do desejo e retoma-o articulando ao seio – tomado muitas vezes pelos pós-freudianos como o objeto da pulsão oral – para apontar que o objeto *a* não origina a pulsão oral, mas é introduzido à medida que nenhum alimento é capaz de saciá-lo, a menos que seja pelo contorno do objeto para sempre faltante (LACAN, 1964/2008). Além disso, e justo por isso, não há nenhuma relação de engendramento entre as pulsões. O que produz a passagem da pulsão oral para a anal é, justamente, a intervenção da demanda do Outro. Lacan (1964/2008, p. 178) propõe, então, a seguinte articulação:

[...] o inconsciente como se situando nas hiências que a distribuição dos investimentos significantes instaura no sujeito, e que se figuram no algoritmo em um losango, que ponho no coração de qualquer relação do inconsciente entre a realidade e o sujeito. [...] É no que algo no aparelho do corpo é estruturado da mesma maneira, é em razão da unidade topológica das hiências em jogo, que a pulsão tem seu papel no funcionamento do inconsciente.

O objeto da pulsão para Lacan (1964/2008) está no nível de uma subjetivação sem sujeito, representando uma face topológica e tendo uma outra face que se articula ao sujeito do significante e, portanto, furado, tentando manter uma homeostase pressionando o que da sexualidade precisa ser recalcado para sustentar o princípio do prazer que viabilizou o desenvolvimento do psiquismo. A subjetivação é operada pelo aparelho psíquico que é lacunar, sendo “na lacuna que o sujeito instaura a função de um certo objeto, enquanto objeto perdido. É o estatuto do objeto *a* enquanto presente na pulsão” (LACAN, 1964/2008, p. 181).

Sobre a questão mesma do objeto *a* no entrelaçamento da fantasia ao desejo, Lacan (1964/2008, p. 181) certifica que:

A fantasia é a sustentação do desejo, não é o objeto que é a sustentação do desejo. O sujeito se sustenta como desejante em relação a um conjunto significativo cada vez bem mais complexo. Isto se vê vem na forma de enredo que esse conjunto toma, onde o sujeito, mais ou menos reconhecível, está em algum lugar, esquizado, dividido, habitualmente duplo, em sua relação a esse objeto que o mais frequentemente não mostra mais seu verdadeiro rosto.

Ocorre que, na perversão, a relação com o objeto *a* se dá de maneira diferente, pois nesta estrutura o sujeito determina a si mesmo como objeto no encontro com a divisão subjetiva.

Seguindo os passos deixados por Freud, Lacan (1964/2008) confirma que é pelo efeito da fala que o sujeito se realiza no Outro, achando seu desejo mais pulverizado e destacável pela metonímia da fala. O sujeito que advém do assujeitamento ao campo do Outro precisa tirar-se disso e perceber o Outro real também. Lembra-nos que Freud separa as pulsões parciais do amor: “a pulsão genital está submetida à circulação do complexo de Édipo, às estruturas elementares e outras de parentesco” (LACAN, 1964/2008, p. 181). Sobre o *autoerotisch*, relembra que Freud sublinha que, para que haja objetos, é preciso ter havido objetos bons para o eu, pré-requisito para o surgimento e repartição objetais. O *Lust-Ich* se constitui e com ele:

[...] o campo do *Unlust*, do objeto como resto, como estranho. O objeto bom de conhecer, e por isso mesmo, é aquele que se define no campo do *Unlust*, ao passo que os objetos do campo do *Lust-Ich* são amáveis. O *hassen*, com seu laço profundo com o conhecimento, é outro campo (LACAN, 1964/2008, p. 187).

Freud funda o amor no *Ich*, não-pulsional, sendo de maneira puramente passiva que o sujeito registra as *äußere reize* oriundas do mundo exterior. “Sua atividade só vem *gegen die äußere reize durch seine eigenen Triebe*, suas próprias pulsões”. Seria na dimensão da atividade-passividade que se introduziria a questão da relação sexual, recobrindo, metaforizando o insondável na diferença sexual. Os ideais de virilidade ou feminilidade não se configuram no psiquismo na oposição atividade-passividade. Os primeiros estão no nível do semblante. A sexualidade faz seu retorno por intermédio das pulsões parciais “esse movimento circular do impulso que sai através da borda erógena para ela retornar como sendo seu alvo, depois de ter feito o contorno de algo que chamo de objeto *a*” (LACAN, 1964/2008, p. 189). Sendo por essa via que o sujeito buscará atingir a dimensão do Outro, num certo movimento de apelo, entendendo que a raiz da pulsão está em pegar-se por inteiro no sujeito, como por exemplo, na pulsão escópica, o sujeito possa se ver a si mesmo, ou na pulsão oral em que o bebê possa se fazer chupar o seio.

Lacan (1964/2008) precisa que a libido é como puro instinto de vida, independente de um órgão e indestrutível. Os objetos *a* são representantes daquilo que foi subtraído do ser vivo em seu ciclo da reprodução sexuada. O seio como referência dos mamíferos e a placenta como parte de si são exemplos desta “natureza” perdida. No lugar do sujeito da natureza, surge o sujeito da linguagem sobre o qual Lacan (1964/2008, p. 193) orienta “que o sujeito, *in initio*, começa no lugar do Outro, no que é lá que surge o primeiro significante”. Ao que propõe que “um significante é aquilo que representa um sujeito [...] para um outro significante” (LACAN, 1964/2008, p. 194). Para que essa engrenagem ocorra do sujeito pulsional ao sujeito que se convoca no campo do Outro, é preciso haver um suporte para *ganze Sexualstrebung*, a representação da totalidade da pulsão sexual. “É somente aí que a relação dos sexos é representada no nível do inconsciente” (LACAN, 1964/2008, p. 194).

Sobre conjunção do ser pulsional com o inconsciente, Lacan (1964/2008, p. 195) orienta:

As zonas erógenas estão ligadas ao inconsciente, porque é lá que se amarra a presença do vivo. Descobrimos que é precisamente o órgão da libido, a lâmina, que liga ao inconsciente a pulsão dita oral, a anal, às quais acrescento a pulsão escópica e a que será preciso quase chamar pulsão invocante, que tem, como incidentemente[...] esse privilégio de não poder fechar.

Para Lacan (1964/2008) atividade-passividade seria apenas suporte, artifício freudiano para auxiliar na compreensão do vaivém do movimento pulsional. Conflui ao que Freud articula na distinção do campo pulsional como pura atividade para o sujeito e, no campo narcísico do amor, há reciprocidade no amar e ser amado.

Lacan já vinha oferecendo parâmetros à compreensão do objeto *a* quando o abordara pela dimensão da angústia. Faz isso no *Seminário 8: A transferência* (1960-1961/2010), quando associa à angústia da contratransferência, efeito legítimo da transferência na experiência analítica, como localizadora do objeto *a*, em que o inconsciente de um sujeito se comunica exclusivamente com o objeto *a* pelo campo do Outro. Mas é no *Seminário 10: A angústia* (1962-1963/2005) que de fato Lacan apresenta o conceito de objeto *a* de forma mais detalhada e aprofundada. Partindo do que Freud já indicara como sendo um sinal no eu, descreve que será pela expressão da angústia a possibilidade de tangenciar o objeto *a*. É, portanto, a angústia que possibilita a orientação do sujeito acerca do desejo do Outro, afeto índice na dialética entre o sujeito, seu desejo e o Outro, afeto signo do momento em que o sujeito se vê alienado ao desejo do Outro (LACAN, 1962-1963/2005). A leitura lacaniana daquilo que Freud indicou, sobre a angústia ser um sinal para o eu de um perigo interno

articulado ao campo pulsional, será distinta, pela sua compreensão de não haver no aparelho psíquico um sistema fechado em que há um dentro e um fora, mas uma superfície única e contínua *moebiana* em que o Outro é uma de suas dimensões. Logo, a angústia seria um sinal que sobrevém no eu, avisando ao sujeito de um desejo.

No *Seminário 10: A angústia* (1962-1963/2005), Lacan também aborda o objeto *a* pela trama promovida entre imaginário e simbólico, investigação que se envereda pelo Estádio do Espelho em sua interseção com o Outro. Sobre o estádio do espelho, Lacan nos esclarece ser o "fundamento de uma certa relação do homem com a imagem de seu corpo e com os diferentes objetos constitutivos desse corpo, com pedaços do corpo original, captados ou não no momento em que $i(a)$ tem a oportunidade de se constituir" (LACAN, 1962-1963/2005, p. 132). O corpo despedaçado se organiza formando uma *gestalt* corporal, que viabiliza o estabelecimento deste eu especular $i'(a)$ e que, em seguida, poderá dar ao sujeito uma consistência imaginária que se articulará simbolicamente. No espelho, há também um outro que segura o bebê e de quem este se vê dependente, esse representante do Outro assevera para o bebê essa imagem unificada, que fora indagada pelo bebê ao se virar para quem o carrega. Essa questão dirigida ao Outro marca a entrada do bebê no campo simbólico, produtora de um primeiro traço que o distinguirá dando início a uma rede de significantes.

Pela via imaginária, o objeto *a* surge na fórmula da fantasia ($\$ \diamond a$) e na imagem especular $i'(a)$, pois uma das características do objeto *a* é ser não-especularizável. O que nos chega pela imagem do espelho, e que irá contribuir na conformação da fantasia, é uma imagem do objeto *a*, mas não corresponde a ele, posto que é da ordem do real. A fantasia seria a possibilidade de o sujeito ter acesso ao objeto *a* pelo subterfugo fictício do seu desejo, fictícia pelo objeto *a* ser invisível na imagem especular do desejo, produzindo um vazio, uma lacuna que faz operar o falo enquanto falta. Segundo Lacan, essa face do objeto *a* se articula à angústia "quando aparece algo ali" no lugar do $-\phi$ do esquema óptico, ou seja, quando a falta fálica que se inscreve pelo $-\phi$ vem a faltar (LACAN, 1962-1963/2005, p. 52).

Rabinovich (2009) indica duas dimensões nas quais o falo se inscreve como objeto de desejo: pelo objeto metafórico e pelo objeto metonímico, dos quais o objeto fóbico e o fetiche são seus efeitos, respectivamente. "O caráter fóbico do objeto nas fobias", alvo de muitas discussões, nomeado de muitas formas – objeto fetiche, objeto oral, objeto introjetado, objeto aterrorizado, entre outros – tem seu mistério desvendado por Lacan (1958/1998, p. 617), a partir do que Freud havia entrevisto: "o objeto fóbico enquanto significante para todo uso para suprir a falta do Outro". Como objeto sintomático, ou seja, metafórico, confirmaria a tese freudiana que atribui a significação fálica a todo sintoma. O objeto fóbico é um significante *curinga* que

entra no jogo para tapar a falta do Outro quando e onde precisar, haja vista que a operação do Nome-do-pai foi insuficiente provocando um aspecto da significação fálica pela via sintomática, metafórica. Diferentemente, na perversão há um caráter metonímico do objeto, pois “o fetiche é o falo ausente da mãe, é a ocultação real de sua castração” (RABINOVICH, 2009, p. 147), é substituto da descoberta da castração feminina (FREUD, 1927/1996). Ambos os objetos são soluções diante da angústia de castração no Outro. Rabinovich (2009, p. 153) chama a atenção para a dupla face do objeto, que:

[...] por um lado, é o objeto estruturalmente perdido do desejo freudiano; por outro, no vazio criado por sua perda se instala a remissão incessante de significação a significação, que faz surgir o objeto do desejo como sendo sempre outro objeto, na medida em que perdeu a fixidez da significação instintiva.

A conclusão a que chega Rabinovich (2009, p. 165) é a de que no *Seminário 11*, Lacan “ênfatiza o significante e o próprio objeto como significante”, e que a marca mnêmica do desejo surge como significante, que “atua indiretamente na causação do desejo, sua ação sendo sustentada na fórmula da fantasia com o resgate do *fading* do sujeito barrado do inconsciente pelo objeto imaginário, que é definido como objeto do desejo” (p. 165). Lacan (1958/1998) indicará que o sujeito se sustenta pela fantasia no seu desejo à medida que os objetos lhe são roubados pela satisfação da demanda.

[...] unindo linguagem e sexo, o falo é escolhido para cumprir esta função porque representa o desejo em sua forma mais manifesta, como intumescimento, como *pousée*, o desejo em sua relação com os aspectos vitais. (RABINOVICH, 2009, p. 176)

Na relação do sujeito barrado com o significante fálico, pela articulação com a castração, Rabinovich (2009) tenta nos esclarecer, que:

O único signo do sujeito é sua afânise, seu apagamento essencial. Ao se deparar com o seu desejo, o sujeito barrado, \$, subsume-se ao significante fálico, que ali é significante do sujeito, pois significa sua alienação significante, não seu reconhecimento, e o significa ao preço da castração, (- φ), a libra de carne. Mas esse elemento significante, enquanto tal, não pode ser subjetivado.

A retomada fundamental que Rabinovich (2009) faz com Lacan assevera que o falo é o objeto da castração, o significante do desejo, e não o objeto do desejo; que “o ser perdido do sujeito” no inconsciente não é passível de nomeação, indicável somente pelo corte, e que é o objeto *a* que vem sustentar esse sujeito evanescente pela fantasia fundamental. O falo simbólico

é aquilo do que o sujeito está privado. O luto desta privação é, para Lacan, a chave da saída do Édipo, de seu declínio. O luto do falo não se produz, fundamentalmente, no nível do ter ou não ter, mas no nível da privação, quer dizer, na medida em que o sujeito não o é (LACAN 1958-1959).

O ser do sujeito falante deve fazer luto daquilo que ofereceu em sacrifício a função do significante faltante. No nível real, na privação, o sujeito enfrenta uma falta fundamental no tocante ao ser.

O objeto adquire sua função na fantasia a partir da privação simbólica do falo. Quer dizer, ali onde está afetado em seu ser, no real, pelo furo, pois nenhum significante no inconsciente, no Outro, designa-o. O objeto *a* assume o lugar do falo, enquanto aquilo de que o sujeito está privado simbolicamente. Em relação à privação do ser, o objeto *a*, imaginarizado, articulado com *i'(a)*, condensa sobre si toda a dimensão do ser, como uma isca. Será justo no ponto de privação do sujeito, \$, correlato a um certo significante, que surgirá para o sujeito o objeto do desejo (RABINOVICH, 2009).

A partir do desenvolvimento feito por Lacan, em seu retorno a Freud, percebe-se que a problemática da privação simbólica do falo é o mais relevante nas relações objetais que o sujeito estabelece ao longo de sua vida. Relevante por ser através da metáfora paterna que ele se inscreve, presentificando a castração simbólica do objeto imaginário para todos aqueles situados no campo da neurose, sendo totalmente independente da questão da escolha de um objeto sexual (pré) determinado. Ou seja, à medida que esse falo negativizado opera engendrando desejo, permite um deslizamento dos objetos e, portanto, a própria fluidez desejante. O que interessa ao sujeito (e a nós analistas) é de que forma o outro se enquadra a partir da estrutura fantasmática que articula \$ e *a*, e não se o objeto sexual é possuidor de um pênis ou uma vagina.

Ainda que façamos tal leitura, naquilo que se refere ao objeto *a*, retirando-o deste atrelamento ao genital, essa leitura não redime Lacan de sua perspectiva teórica atrelada ao binarismo, sendo alvo de críticas dos movimentos feministas e *Queer*, como uma perspectiva falocêntrica. Pois, ainda que se entenda o falo enquanto significante da falta, e que está no campo simbólico, imaginariamente, o termo que se associa ao pênis, revela a força de uma cultura que superestima o falo/pênis como algo buscado por todos. É importante estar atento e advertido destas relações de poder em jogo no discurso, dentro do próprio campo psicanalítico. Para tanto, um caminho interessante é buscar referências críticas, dentro e fora do nosso campo, que nos auxiliem a operar uma escuta clínica que não reproduza a norma social estrutural e

inclua às subjetividades de nossa época no que tange a sua relação com a sexualidade, com o sexual e o sexo.

8 NOVOS TEMPOS, NOVOS VENTOS

Movimento e mudança são a essência do nosso ser;
a rigidez é a morte;
o conformismo é a morte [...]
Virginia Woolf

Na intenção de não reproduzir concepções teóricas psicanalíticas que estejam a serviço de um discurso cisheteronormativo, falocêntrico e patriarcal, buscaremos referenciais de pesquisadores que percorrem caminhos críticos nos estudos da cultura, naquilo que envolve a relação com a sexualidade e com o gênero, não deixando de considerar os efeitos das interseccionalidades e da decolonialidade. Para tal propósito, começaremos por outros campos do saber afim de encontrar os diálogos possíveis, interrogar o próprio campo psicanalítico e avançar na construção de nossa reflexão.

8.1 Percorrendo outros campos: os estudos da sexualidade, de gênero e *queers*

Os estudos relativos à sexualidade, ao gênero e aos movimentos *Queers* se constituíram e se constituem em múltiplas e divergentes perspectivas. O filósofo Michel Foucault terá uma importância fundamental, abrindo caminho para o movimento feminista e para as ideias *Queers*, cujo maior expoente é Judith Butler, filósofa ativista e referência para nos orientar no debate sobre gênero, sexo e sexualidade. Neste subcapítulo, pretende-se trazer cronologicamente uma noção ampla destas perspectivas com a intenção de produzir efeitos reflexivos ao fazer psicanalítico naquilo que incide na questão da orientação sexual em sua articulação à pauta identitária.

A bissexualidade enquanto um descritor de uma prática sexual ou identificador de um certo grupo identitário é uma construção sócio-histórica. “Bissexualidade” é um termo derivado da palavra “sexualidade”, que surge na modernidade, no início do século XIX. Precede os termos “homossexualidade” e “heterossexualidade”, que aparecem no mesmo século pela primeira vez em uma carta de autoria do médico teuto-húngaro e ativista pela reforma sexual Karl-Maria Bankert²⁶, enviada ao jurista Karl Heinrich Ulrichs (QUINALHA, 2022).

²⁶ Em 1847, o médico ativista passa a adotar o sobrenome Kertbeny (QUINALHA, 2022).

Tais termos advêm da necessidade do esquadramento da sexualidade, que intentava classificar comportamentos sexuais, servindo às práticas de produção de saber e verdade sobre o sexo daquela época, de acordo com os estudos de Michel Foucault em sua trilogia *História da sexualidade*. O entendimento foucaultiano sobre o sexo confere a este, em sua base, uma analítica do poder específica, poder não possuidor de uma materialidade ou essência, portanto, não sendo transferível, mas exercido numa dinâmica relacional multicêntrica (FOUCAULT, 1985).

A obra de Foucault nos convida a pensar o poder sob um viés inédito, sobretudo ao interrogá-lo sobre seu efeito positivo e produtivo, capaz de fabricar realidades e objetos os quais pretende regular. Além disso, compreende o poder sob uma ótica relacional desigual e móvel, em que forças múltiplas se chocam, se deslocam em blocos estratégicos, se distribuem no campo social sem uma origem única soberana, mas como efeito de seu conjunto. Exercido intencionalmente, porém de forma não subjetiva, se efetivando através de “grandes estratégias anônimas” (FOUCAULT, 1993).

Foucault (2006) entende as relações de poder como condições à existência da sociedade, e em uma analítica de poder, elenca seus “três níveis”, que são *os jogos estratégicos entre liberdades, governo e dominação*. Os *jogos estratégicos* são capazes de “empoderar”, “ativar” os indivíduos como sujeitos e “alargar o campo de liberdade individual” (LEMKE, 2017, p. 27). Sobre o *governo*, Lemke (2017) indica que

Refere-se a modos de poder mais ou menos sistematizados, regulados e refletidos (uma “tecnologia”) que vão além do exercício espontâneo de poder sobre outrem, seguindo uma forma específica de raciocínio (uma “racionalidade”) que define o objetivo (*télos*) da ação e os meios adequados para atingi-lo. Em suas aulas sobre governamentalidade, por exemplo, Foucault distingue o pastorado cristão, como um governo espiritual das Almas orientado para a salvação em outro mundo, da razão de Estado, como um governo político dos homens assegurando o bem-estar nesse mundo.

A relação de poder estabelecida na *dominação* seria assimétrica, estável, hierárquica, fixa e de difícil reversão, em que os subordinados possuem uma estreita possibilidade de manobra pela limitação de suas margens.

Investigando “os processos de coevolução do estatuto do Estado moderno e da subjetividade moderna”, Foucault vai analisar as “artes de governar” (LEMKE, 2017, p. 7). O conceito de governo tratava, além da gestão praticada pelo Estado, de problemas relativos ao autocontrole, orientação familiar, administração doméstica, direcionamento da alma etc. (FOUCAULT, 1995 apud LEMKE, 2017); A tese foucaultiana é a de que o Estado moderno ocidental teria surgido como resultado da conjunção intrincada dos poderes “político” e

“pastoral”. O primeiro, que originou-se pela *polis*, era organizado em volta de direitos, do espaço público, da universalidade, e o segundo, derivava da religião cristã, focado na orientação individual ligada à produção de verdade (LEMKE, 2017).

O poder pastoral foi uma técnica individualizante, que se utiliza da ideia de salvação da alma pelo pastor como autoridade que complementa a lei moral e religiosa (FOUCAULT, 2008 apud LEMKE, 2017). Foram desenvolvidos métodos e técnicas de análise, reflexão e supervisão, garantindo a apreensão da “verdade interior” dos indivíduos, estes controlados e direcionados para o caminho da “salvação”. Tais métodos e técnicas se espalharam nos séculos XVI e XVII para além da Igreja, influenciando a constituição do Estado Moderno, apoiado na produção do saber racional individual e populacional.

Na analítica do poder de Foucault, destaca-se o surgimento crescente da prática do cuidado relativo aos efeitos e formas de sexo, que associada ao mal, encontraria no casamento seu espaço natural e sua racionalização. A norma implicaria na restrição do sexo a locais determinados que precisaria ser seguida garantindo o seu bom uso, como, por exemplo, o quarto do casal, cuja finalidade sexual seria a da procriação. As sexualidades, cujos fins seriam outros, não eram vistas como legítimas, devendo permanecer circunscritas aos prostíbulos, casas de saúde etc. Era preciso que se pagasse por elas. “Fora desses lugares, o puritanismo moderno teria imposto seu tríplice decreto de interdição, inexistência e mudismo” (FOUCAULT, 1993, p. 10).

O filósofo francês também apontava o paradoxal fato da mesma sociedade que se julgava reprimida desejar saber a verdade sobre a sexualidade. Além disso, sob repressão, falar sobre o sexo seria uma forma de transgressão. A repressão sexual, evidenciada com a chegada do século XVII, produziu uma multiplicação dos discursos nas instâncias de poder em que a proposta era a de que se falasse em detalhes sobre o tema. Como efeito desta investigação a respeito do sexo, há a contabilização, descrição, classificação e racionalização que objetivava verificar sua utilidade para regulação, controle, garantindo o seu bom uso como um bem coletivo e como força de Estado.

O discurso da *scientia sexualis* irá fazer da técnica da confissão seu meio prioritário da produção de verdade, em que o sujeito sente a necessidade de revelar uma verdade. A produção do saber deste discurso, que atrela sexo ao gênero, redefinia os parâmetros do normal e do patológico acerca da sexualidade, em que o padrão ideal seria o do casal heterossexual monogâmico. Foucault (1993) também traz a ideia de que é a “vontade de saber” que caracteriza a relação entre a sociedade moderna e o sexo. Será pelo discurso da *scientia sexualis* que o

corpo, investido pela noção de essencial ou natural, passa a ser compreendido como sexuado (FOUCAULT, 1993).

A sexualidade surge como um dispositivo²⁷ do poder biopolítico exercido sobre a sociedade pela máxima de “fazer viver” e “deixar morrer”, distinto do poder soberano que decidia sobre as vidas de seus súditos “fazendo morrer e deixando viver”. As tecnologias do biopoder se articulam ao poder, saber e subjetivação, produzindo normas aos corpos e à sociedade, regulando o que dela se distingue como anormal ou patológico.

Emergem, no século XVIII, questões econômicas e políticas que envolvem riqueza, mão de obra, equilíbrio de crescimento com fontes materiais, que farão com que os governos pensem no corpo social, na questão da população articulada à natalidade, morbidade, saúde, alimentação, expectativa de vida, doenças, fertilidade e habitação (FOUCAULT, 1993). A sexualidade enquanto algo percebido como desviante, obsceno e que escapa ao controle será alvo do discurso médico higienista que se perpetuará a partir de meados do século XIX. Na esteira deste discurso, surge a distinção racial para fragmentar e dividir “a população” em grupos que supostamente seriam superiores ou inferiores (FOUCAULT, 1993).

A compreensão da transmissão via sexualidade de características genéticas, anomalias, doenças sexuais, supostas identidades sexuais e de um psiquismo normal ou não, produz como efeito novas estratégias biopolíticas de prevenção e controle de riscos (FOUCAULT, 1993).

Os controles de masturbação praticamente só começaram na Europa durante o século XVIII. Repentinamente, surge um pânico: os jovens se masturbam. Em nome deste medo foi instaurado sobre o corpo das crianças – através das famílias, mas sem que elas fossem sua origem – um controle, uma vigilância, uma objetivação da sexualidade com uma perseguição dos corpos. Mas a sexualidade, tornando-se assim um objeto de preocupação e de análise, como alvo de vigilância e controle [...]. (FOUCAULT, 1998, p. 146-147)

As ciências humanas e sociais surgem como dispositivo da sexualidade através de práticas de controle e vigilância, em que estas últimas objetivam produzir um saber sobre o homem, a individualidade, do normal ou desviante, fazendo nascer um novo sujeito do conhecimento (FOUCAULT, 2013). O surgimento das práticas de *ortopedia social*, que visam ao controle social pelo seguimento às normas através da disciplina dos corpos, fica reconhecido como uma forma de poder que se exerce pelas ciências humanas, em que estão situadas a Psiquiatria, a Psicologia, a Sociologia etc. (FOUCAULT, 2013).

²⁷ Segundo Foucault (2012), um dispositivo é uma rede que se estabelece por um conjunto heterogêneo que abrange discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais e filantrópicas.

Nota-se, no desenvolvimento da obra de Foucault, que não são poucas as suas críticas à psicanálise. Inclusive, no texto *A verdade e as formas jurídicas* (FOUCAULT, 2013), ele aponta uma função normalizadora da psicanálise e, ainda, conjuntamente com sua obra *Vigiar e Punir* (FOUCAULT, 1987), assinala as relações de poder que se configuram e seus efeitos sobre os corpos. O psicanalista Thamy Ayouch (2015) compreende que as relações de Foucault com a psicanálise seriam ambivalentes, e que o filósofo visaria “a veridificação da e pela psicanálise, que acompanha irreduzivelmente a produção de uma verdade psicanalítica” (AYOUC, 2015, p. 75). A veridificação visada por Foucault refere-se a uma arqueologia da produção de saber, interrogando as conjunturas e as capacidades de um conhecimento dentro do seu contexto sócio-histórico-político. Foucault aponta a existência de um discurso ordenado, regulador das linguagens, estrutural e hierarquizante, que é produto de uma série de eventos históricos e de interrupções.

Numa perspectiva genealógica, a veridificação é a tentativa de libertar os saberes assujeitados, de opô-los à hegemonia do discurso teórico formal e científico único, para encontrar descontinuidades, rupturas e irregularidades.²⁸ A genealogia visa a reativação dos saberes locais, menores, contra a hierarquização científica e os seus efeitos de poder. A genealogia revela assim os jogos de poder no fundamento da constituição de possibilidades de saber trata-se das forças sociais, históricas, políticas que agem para produzir um discurso. (AYOUC, 2015, p. 76-77)

A crítica foucaultiana trazida em seu livro *A história da sexualidade 1: A vontade de saber* (1993) é dirigida à concepção de que a verdade do sujeito seria intrínseca à sua sexualidade e à noção de que a repressão seria o paradigma da relação de poder, sendo a própria psicanálise um dispositivo da sexualidade operando como um aparelho de dominação. “Longe de ser uma ‘libertação’ da sexualidade antes reprimida, o discurso sobre a sexualidade é um dos numerosos agentes de controle social, que exerce um poder para além da lei” (AYOUC, 2015, p. 79). A psicanálise seria um dispositivo da sexualidade à medida que estabelece na lei da aliança e na família, a partir do complexo de Édipo, a gênese e as determinações da sexualidade. O que leva à reflexão psicanalítica naquilo que se refere à sexualização, ao gênero e à sexualidade.

Segundo Ayouch (2015), a originalidade foucaultiana está em pensar as práticas sexuais para além da ideia de identidade, se opondo à *scientia sexualis*, que visa a produção de saberes sobre o sexo e suas identidades, e propondo a *ars erotica* ou uma análise dos modos de subjetivação-assujeitamento que ocorrem através destas práticas. A homossexualidade e a heterossexualidade, como termos recentemente forjados, estariam a serviço da *scientia sexualis*,

²⁸ Referência a FOUCAULT, M. *Il faut défendre la société*. Cours au collège de France. 1976, Gallimard/Seuil, Paris, 1997.

sendo sua consequente apreensão. Mais do que uma elaboração particular, seria efeito da internalização de um discurso médico.

Se as homossexualidades, enquanto práticas sexuais, sempre existiram na história, será em meados do século XIX que passam a caracterizar uma “identidade social e psicológica” unificada como uma verdade sobre o sexo, acerca do qual Foucault pretende criticar tal engessamento identitário. A proposta foucaultiana é pensar a identidade sexual pelo viés da prática social, da sua experiência relacional (AYOUCH, 2015).

Ele [Foucault] evoca o uso desta forma de prática afetiva e sexual como mudança nos modos relacionais. No texto *A amizade como modo de vida*, ele exorta a troca da pergunta ‘*Quem sou? Qual é o segredo do meu desejo?*’ Por ‘*que relações podem, através da homossexualidade, ser estabelecidas, inventadas, multiplicadas e moduladas?*’²⁹. Trata-se de usar as homossexualidades para chegar a uma multiplicidade de relações inventando modos relacionais fora de qualquer instituição, a partir da amizade. [...] Trata-se de usar as sexualidades para inventar novas relações. (AYOUCH, 2015, p. 81)

De acordo com Ayouch (2015), Foucault propõe à psicanálise questionar a construção de suas próprias ferramentas conceituais como “diferença sexual”, “Nome-do-Pai”, “desenvolvimento sexual” dentro do contexto socioculturalpolítico que emerge, uma autoanálise capaz de operar uma clínica que busca uma escuta mais atenta e advertida das imaginarizações sociais e subjetivas em jogo nesse processo.

Ainda que Foucault questionasse a homossexualidade em sua dimensão relacional e social, havia um particularismo da compreensão psicanalítica de uma homossexualidade dominante acerca da qual Deleuze e Guatarri³⁰ denunciariam a necessidade de exceder tal “familiarismo” para abordar o sujeito.

Ayouch (2015, p. 104) indica que

a revelação de jogos de poderes na base dos discursos, a contestação da universalidade teórica do sujeito masculino, branco, ocidental, heterocentrista e o questionamento das evidências de gênero, de sexo, de aliança e de filiação constituem também o alvo dos estudos de gênero.

Dessa forma, Ayouch aponta que, na trilha de Foucault, tais estudos nos servem como operadores importantes para localizar as resistências presentes no próprio discurso psicanalítico, visto que sua abordagem visa valorizar a desconstrução de certas categorias, tal como a psicanálise se propôs em sua origem.

²⁹ FOUCAULT, M. *De l'amitié comme mode de vie*. In: Dit et écrits, Vol. II. Paris, Gallimard, 2001, p. 982-988.

³⁰ DELLEUZE, G., GUATARRI, F. *L'Anti-Oedipe*. Capitalisme et schizophrénie. Paris, Minuit, 1972.

Um outro aspecto importante nessa discussão diz respeito aos estudos feministas, que inicialmente se preocupavam com as relações de poder em função da opressão, silenciamento e submissão sofrida pelas mulheres, e exercida pelos homens, trazendo visibilidade para questões importantes. Também trazia consequências negativas para esse campo, pela relação de verticalidade estabelecida entre “ele dominante” e “ela oprimida”. Tal concepção foi e continua sendo, por seu esquema polarizado linear, limitada, por não abarcar toda a complexidade que permeia as mais diversas situações relacionais. Daí, toda a relevância provinda dos estudos de Foucault para pensar as dinâmicas de poder nestas relações, submetidas a tensões permanentes, cujo poder é produtivo, positivo e se utiliza de táticas e técnicas na produção das subjetividades, diminuindo sua força política e aumentando uma utilidade econômica (MACHADO, 1993).

O sociólogo Pierre Bourdieu, em sua obra *A dominação masculina* (2012), permeada por uma perspectiva antropológica, traz uma concepção arbitrária, histórica e contínua de uma dominação simbólica masculina organizadora do mundo, que foi naturalizada pela cultura e compreendida como algo dado, biológico e natural. Na concepção de Bourdieu (2012), os papéis sociais impõem aos corpos machos a masculinização e aos corpos fêmeas a feminização. Tal imposição teria sua origem no biológico sobre o gênero. No caso da heteronormatividade, a concepção do binarismo de gênero se fundamenta no modelo do casal hétero procriador, que supostamente organiza as práticas sexuais e os desejos, enquanto a heterossexualidade compulsória é a própria imposição social às relações afetivas e sexuais de se estabelecerem com o “sexo oposto” (PINO, 2007), entendendo sexo masculino e feminino como par de opostos.

A própria concepção de macho e fêmea pode ser problematizada, na medida em que há variações de composições anátomo-fisiológicas (cromossômicas, gonadais, hormonais e genéticas) que não se reduzem a um binarismo. Já em 1968, Keith L. Moore, havia descoberto e publicado no *Journal of the American Medical Association* nove componentes da identidade sexual. Em 1993, Ann Fausto Sterling revela haver 5 sexos em artigo para *The Sciences*. Em 2013, a revista científica *Nature* publica um artigo em que apresenta a impossibilidade de definir o sexo binariamente. Em 2018, a mesma revista *Nature* publica um artigo que apresenta a descoberta de que as células XX e XY se modificam independentemente dos hormônios sexuais.

Britzman (1996) indica não haver uma *identidade sexual* automática, que não esteja submetida a uma negociação ou à construção. De acordo com a autora, “Não existe, de um lado, uma identidade heterossexual lá fora, pronta, acabada, esperando para ser assumida e, de outro, uma identidade homossexual instável, que deve se virar sozinha” (BRITZMAN, 1996, p. 74).

O que existe, segundo ela, é um processo instável, modificável e inconstante, repleto de contradições e não concluído.

Ao naturalizar-se a heterossexualidade, ela se torna institucionalizada e, de forma implícita ou explícita, perpetua normas sociais, políticas, jurídicas e econômicas que são assimiladas pela cultura através dos discursos que ela mesma reproduz (RIOS, 2007). Tal naturalização é produtora de resistências aos comportamentos que fogem à heteronormatividade, fazendo balançar a própria norma enquanto natural. Entre o desviante da norma, há o aceitável como marginal pela lógica do binômio homo/hétero, no entanto, a multiplicidade de sexualidades extrapolaria essa lógica binária (LOURO, 2004). A desconstrução da naturalização dos polos, no campo da sexualidade, por uma ideia de macho/fêmea, homem/mulher, homossexualidade/heterossexualidade, é poder interrogar não apenas a relação de oposição, mas também uma unidade que seja interna a cada um (LOURO, 2008).

Porchat (2014) aponta para a utilidade, para o movimento feminista, de uma concepção binária de gênero para analisar as relações de poder em termos de dominação, desigualdade e falta de reciprocidade. No entanto, assinala a sua ineficácia quanto aos gêneros que seriam não inteligíveis. Lembra que o gênero foi uma categoria criada para explorar o significado de “mulher”, problematizando o que parecia ser algo já dado. As feministas partiriam da frase de Simone Beauvoir de que “não se nasce mulher, torna-se”, do marxismo e da psicanálise para constatar que haveria uma fantasia presente na concepção de uma identidade totalmente congruente. Ou seja, o gênero amplia o sentido descolando-o de uma dimensão exclusivamente imaginária e, portanto, como define a filósofa e feminista Donna Haraway, é uma categoria política.

Uma das principais teóricas que trabalhou o conceito de gênero e sexualidade, a historiadora e feminista Joan Scott (1989), problematiza a aceitação da ideia do “caráter fixo e permanente da oposição binária” (p. 18), convidando o leitor à historicizá-la e desconstruí-la tal como define Jacques Derrida: analisando seu contexto e operação, “revertendo e deslocando a sua construção hierárquica” (p. 18). Indica que as historiadoras feministas vêm fazendo isso a partir de uma recusa hierárquica da relação masculino/feminino e que os estudos de gênero começaram no século XX. E propõe a sua definição de gênero associada às relações de poder:

[...] o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre à mudança nas representações de poder, mas a direção da mudança não segue necessariamente um sentido único. (SCOTT, 1989, p. 22)

A historiadora aponta que, em relação à diferença sexual, haveria um conjunto de quatro elementos que se relacionariam entre si: 1) símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações múltiplas (frequentemente contraditórias); 2) conceitos normativos que colocam em evidência interpretações do sentido dos símbolos que tentam limitar e conter as suas possibilidades metafóricas; 3) análise da natureza do debate ou repressão da aparente permanência binária, que traz a noção do político como referência às instituições e organizações sociais; 4) a identidade subjetiva. Nesse sentido, Scott (1989, p. 28) destaca que:

A emergência de novos tipos de símbolos culturais pode tornar possível a reinterpretação ou mesmo a reescritura da história Edipiana, mas ela pode servir para atualizar este drama terrível em termos ainda mais eloquentes. São os processos políticos que vão determinar o resultado de quem vencerá – político no sentido de que vários atores e várias significações se enfrentam para conseguir o controle. A natureza desse processo, dos atores e das ações, só pode ser determinada especificamente se situada no espaço e no tempo. Só podemos escrever a história desse processo se reconhecermos que “homem” e “mulher” são ao mesmo tempo categorias vazias e transbordantes; vazias porque elas não têm nenhum significado definitivo e transcendente; transbordantes porque mesmo quando parecem fixadas, elas contêm ainda dentro delas definições alternativas negadas ou reprimidas.

Segundo Scott (1989), gênero seria uma categoria de análise macrosociológica, em que os símbolos culturais regulariam as relações, mas também seria microsociológica, por ser pelo sujeito que se dá a identificação e a internalização da diferença sexual. A historiadora dividiu estudos de gênero em duas vertentes: as teorias descritivas e as teorias causais, sendo a primeira relatora dos efeitos da diferença sexual e das práticas de poder e a segunda como aquela que busca suas causas. Scott (1989) não entendia o gênero como diferença sexual, mas como representações e relações de poder consequentes de tal constatação e, por conseguinte, suscetível a transformações. A constatação da diferença sexual não seria suficiente para organizar as relações entre homens e mulheres, sendo necessário que haja uma relação de poder estabelecendo esta dinâmica

No entanto, ao analisar as relações sociais e sexuais, Scott (1989) se mantém no viés binário de sexo e gênero em uma dinâmica relacional complementar. Fato que foi criticado pelos estudiosos interessados nas questões relativas à inadequação às normas sociais e sexuais vigentes e pelo rompimento da diferença sexual biológica. Outro ponto alvo de crítica da teorização de Scott seria o de não ter examinado dados basilares à constituição subjetiva, ou seja, a questão racial, étnica, etária, orientação sexual, da classe social etc. (HIRATA, 2014).

É nesse contexto que a teoria *Queer* surge a partir de um conjunto de teorias que se contrapõem à ideia de que é preciso definir um gênero e uma orientação sexual, entendendo o

exercício da sexualidade como circunscrito a uma lógica de hierarquização dos sujeitos, tendo-se, por base, a norma heterossexista dominante (MISKOLCI, 2012).

Originário dos movimentos sociais da década de 1960, dos quais faziam parte o movimento negro, o movimento feminista e o movimento homossexual, os movimentos *queers* objetivavam a transformação social pela ultrapassagem de estigmas culturais que autorizassem práticas de segregação e violências contra todos aqueles que não se encaixassem nos padrões de uma sociedade heteronormativa. A maneira de superar tais estigmas seria pela visibilização destas injustiças, dos preconceitos e das violências no cumprimento das normas, das conversões culturais e na criação daquilo que é compreendido como normal ou anormal (MISKOLCI, 2012).

O movimento surgiria nos EUA na década de 1980, como uma aposta política que atuava denunciando a sociedade cisheteronormativa e criticando uma parcela de homossexuais que aderiam à ideologia capitalista chamando a atenção para marcadores sociais como a branquitude e o poder de consumo (LIMA, 2022). Pode-se considerá-lo um movimento contracultural de uma cultura ocidental judaico-cristã, que reproduz um modelo familiar patriarcal, dominado por homens heterossexuais e cuja finalidade seria a reprodução. Os *queers* viriam nesta proposta de “desvincular a sexualidade da reprodução, ressaltando a importância do prazer e a ampliação das possibilidades relacionais” (MISKOLCI, 2012, p. 22).

Interessante verificar que a proposta freudiana da teoria da pulsão, conceito definido pela primeira vez nos *Três Ensaio*s (1905), seguiu na mesma direção: a de compreender a sexualidade humana desvinculada de uma meta reprodutora, mas atrelada à satisfação.

Havia nos movimentos *queers* uma vertente teórica que seria nomeada por Tereza de Lauretis, em 1991, durante um evento na Universidade da Califórnia, como “Teoria *Queer*”. Tal vertente se afastava de forma crítica dos movimentos gays e feministas tradicionais e colocava em pauta questões relativas à centralidade do binarismo hetero/homo na cultura, propondo uma desconstrução crítica, assim como uma política do conhecimento e da diferença (MISKOLCI; SIMÕES, 2007).

A Teoria *Queer* desafiaria “o próprio regime da sexualidade, ou seja, os conhecimentos que constroem os sujeitos como sexuais e marcados pelo gênero, e que assumem a heterossexualidade ou a homossexualidade como categorias que definiriam a verdade sobre eles.” (MISKOLCI; SIMÕES, 2007, p. 10-11).

Uma outra definição do termo *queer*, como algo que insiste na inconsistência e instabilidade dos conceitos para listar ou caracterizar a diferença sexual, surgiu em 1993, proposta por Eve Kosofsky Sedgwick, se referindo a ele como uma:

[...] malha aberta de possibilidades, de lacunas, de sobreposições, de dissonâncias e de ressonâncias, de lapsos e de excessos de sentido, onde os elementos constituintes do gênero de alguém, ou da sexualidade de alguém não são levados (ou *não podem* ser levados) a fazer sentido de maneira monolítica (SANTOS, 2019, p. 27).

A Teoria *Queer* mantinha em comum a perspectiva crítica dos movimentos *queers* em relação à hegemonia vigente dos padrões cisheteronormativos de identidades, porém tinha como foco lançar luz na experiência social de abjeção, de uma vivência de xingamentos, humilhações e violências sofridas em função de seu gênero, ou de sua indefinição, ou por apenas estar em desacordo com aquilo que se é socialmente estabelecido como norma. A reivindicação dos *Queers* era pelo direito à existência digna “fora da norma”. Desta forma, vale a reflexão de que:

se a norma precisa ser constantemente reiterada por meio da contínua exclusão desses sujeitos-abjetos para assumir uma aparente consistência, talvez isso revele que, no fundo, a norma é também falha em seu interior, onde poderíamos supor o conforto de uma vida dentro dos parâmetros normativos de subjetivação. (LIMA, 2022, s/p)

A filósofa e feminista estadunidense Judith Butler segue por essa mesma vertente interrogando uma certa concepção de adequação entre sexo, gênero e sexualidade. Para a filósofa, a ideia que se tem na cultura sobre o sexo é efeito das relações de poder e dos discursos de sexualidade e gênero. Butler propõe que o gênero possui uma identidade fluida, transitória, que exige afirmações performativas de nomeação, envolvendo comportamentos e representações dissonantes a uma correlação com o sexo biológico natural e capazes de provocar os padrões de dominação. Esta performatividade forjaria a diferença sexual e suas possibilidades, divergindo completamente de uma concepção natural, biológica e atemporal de homem e mulher, produzindo a cultura e suas subjetividades que se autoalimentam (BUTLER, 2019).

Porchat (2014) assinala que, para Foucault, os discursos ocidentais biológicos e sexuais se constituíam mutuamente e a ideia de sexo enquanto categoria seria decorrente de práticas discursivas biomédicas e, portanto, uma unidade artificial. E que Butler entende o gênero, tal qual o sexo, construído enquanto unidade, em um esforço para ser enquadrado sob *uma matriz de inteligibilidade*. As teorias essencialistas ou construtivistas buscariam, portanto, estabelecer relações causais entre sexo biológico, gênero como constructo cultural e suas respectivas expressões de desejo pela prática sexual. Tal debate entre natureza e cultura na relação entre sexo e gênero é recusada por Butler, que prioriza analisar os efeitos do poder regulador das

identidades sexuais, explicitando e problematizando “as condições de aceitabilidade de um sistema e da subordinação a ele” (BUTLER, 2019, p. 37).

O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante os quais os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/ cultural pelo qual “a natureza sexuada” ou “um sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-discursivo”, anterior à cultura (BUTLER, 2019, p. 27).

Problematizando a célebre frase de Simone de Beauvoir, em seu livro *O segundo sexo*: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, Butler (2019) indica que há subjacente a essa construção uma compulsão cultural, em que o corpo surge interpretado pelos significados da cultura. Lembra ainda, que a proposta de Beauvoir é a de que “o corpo feminino deve ser a situação e o instrumento da liberdade da mulher, e não uma essência definidora e limitadora” (BUTLER, 2019, p. 35). Tal visão não problematizaria a ideia de liberdade e corpo, por não pensar o corpo já marcado pelo discurso masculinista.

Nas “identidades de gêneros” que seriam ininteligíveis, cujos gêneros não são decorrentes do sexo ou que as práticas do desejo não são decorrentes do sexo ou do gênero, surgem como “falhas do desenvolvimento ou impossibilidades lógicas” (BUTLER, 2019, p. 44). A proliferação e sustentação destas identidades possibilitam criticar as imposições dos limites de inteligibilidade determinados pela cultura.

No que tange à heterossexualidade e ao binarismo sexual, Butler (2019, p. 49) recorre a Foucault para expor que:

Para Foucault, a gramática substantiva do sexo impõe uma relação binária artificial entre os sexos, bem como uma coerência interna artificial em cada termo deste sistema binário. A regulação binária da sexualidade suprime a multiplicidade subversiva de uma sexualidade que rompe as hegemonias heterossexual, reprodutiva e médico-jurídica.

Um ponto interessante do que propõe Butler (2019) surge na indicação de uma perspectiva crítica daquilo que estaria por trás da afirmação “*ser mulher*” e “*ser heterossexual*”, o que, segundo ela, seria sintomática a um gênero substanciado, dando uma ideia de um gênero atrelado à identidade, ou a identidade atrelada ao sexo ou ao desejo sexual.

Para Butler (2019, p. 53):

A instituição de uma heterossexualidade compulsória e naturalizada exige e regula o gênero como uma relação binária em que o termo masculino diferencia-se do termo

feminino, realizando-se essa diferenciação por meio de práticas do desejo heterossexual.

A heterossexualidade compulsória produziria, através de práticas de exclusão, a restrição das significações relativas a hetero, homo ou bissexualidade. Trata-se de um mecanismo de repetição da reprodução de identidades na cultura estabelecidas pelas relações de poder e seus discursos. Para Butler (2019), pensar no gênero não como uma unidade, mas como expressões performativas de práticas discursivas em continuidade, é pensar que uma “mulher” seria “um termo em processo, um devir, um construir de que não se pode dizer com acerto que tenha uma origem ou um fim” (BUTLER, 2019, p. 69), sujeito a alterações e transformações de sentidos.

A teórica feminista Monique Witting entende o ato performativo repetitivo de nomear o sexo como uma prática dominadora e coercitiva institucionalizada, que regula e legisla os corpos de acordo com as regras da diferença sexual, segundo Butler (2019), que aponta para a questão problemática que daí emerge:

A heterossexualidade apresenta posições sexuais normativas que são intrinsicamente impossíveis de incorporar, e a impossibilidade persistente do identificar-se plenamente e sem incoerências com essas posições a revela não só como uma lei compulsória, mas como comédia inevitável. (BUTLER, 2019, p. 211)

Uma interessante contribuição de Butler (2019) ao analisar a obra de Witting é a ideia de “figura e fundo” utilizada pela justaposição entre identidade e corpo, variando as combinações de masculino e feminino presentes nas relações de desejo. Combinações sobre as quais Freud fez algumas referências em sua teorização, articuladas à sua concepção de bissexualidade, podendo ser observadas com maior nitidez no clássico “caso da Jovem homossexual”.

Butler (2019, p. 226) se utiliza da noção foucaultiana de “uma multiplicidade de forças corporais pré-discursivas que irrompem pela superfície do corpo para desbaratar as práticas reguladoras da coerência cultural”, algo que psicanaliticamente pode ser lido como a dimensão do pulsional. Para a filósofa, refutar o binarismo é integrar uma política de direito ao gozo.

O contexto da bissexualidade seria, segundo Butler (2019), uma descontinuidade de uma certa coerência fictícia a serviço de práticas reguladoras da heterossexualidade no domínio reprodutor, fazendo vacilar a relação do gênero atrelada ao sexo e ao desejo. Descontinuidade que surge não sem resistências na cultura heteronormativa.

O filósofo transgênero espanhol e escritor feminista Paul B. Preciado tem tido um papel importante na provocação a cultura heteronormativa, não apenas em sua produção teórica, mas também quando, em 2019, no evento da Escola da Causa Freudiana em Paris, fez uma provocação endereçada aos psicanalistas, ao convocar os 3.500 participantes do evento a se posicionarem em relação ao binarismo da lógica heteropatriarcal colonial. Preciado interroga o lugar do subversivo na psicanálise que, na lógica da diferença sexual, estaria do lado colonialista.

O psicanalista Eduardo Leal Cunha aponta para a importância dos textos de Preciado por apresentarem “a questão do caráter discursivo, ou real, do sexo e da experiência do corpo que aparece [...] em primeiro plano” (CUNHA, 2021, p. 37), além de combaterem de forma franca a transformação da produção do saber/poder por uma epistemologia que supere a da diferença sexual e, principalmente, pela produção de novas formas do existir.

Seguindo nossa investigação, a proposta se mantém sobre analisar o lugar da psicanálise no contemporâneo frente às novas formas de subjetivação e às novas formas de relação do sujeito consigo e com os outros.

8.2 As frestas no campo psicanalítico contemporâneo

De acordo com Cunha (2021), a discussão proposta pelos movimentos e estudos de gênero podem ser pensadas psicanaliticamente sobre dois eixos relevantes: um primeiro teórico sobre a diferença sexual, trazendo a crítica falocêntrica e uma visão sobre a mulher permeada por conceitos como “inveja do pênis”; e um segundo, social, ganhando relevância com a questão racial, para questionar o “lugar social ocupado por psicanalistas e suas instituições” e que, talvez, seja também político, ao pensar na definitiva superação de preconceitos.

Pedro Ambra (2022), em seu livro *O ser sexual e os outros*, também questiona a postura e a resposta da comunidade psicanalítica frente à evidência de fenômenos relativos à identificação sexual e às transformações sociais das narrativas e vivências dos sujeitos na relação com a sexualidade.

Cunha (2021), por sua vez, nos convida a pensar a psicanálise de forma inclusiva não submetida ao discurso médico ou à lógica binária, enfrentando posturas reacionárias ao próprio campo psicanalítico e a resistência em se deixar interrogar por outros discursos, outros saberes. E, nesse sentido, tomando a clínica como:

[...] campo de produção de novos regimes de percepção e significação das nossas experiências, criando condições para novos modos de reconhecimento que vão, por exemplo, além do reconhecimento identitário e da afirmação do indivíduo proprietário de si [...], uma psicanálise que escape à narrativa do sofrimento e seja, como disse uma pessoa querida, alegre afirmativa, mais dedicada ao impossível e menos preocupado em definir e vigiar os limites das nossas formas possíveis de existência (CUNHA, 2021, p. 49-50).

Ambra (2022) vem reforçar a ideia da prioridade da clínica sobre a teoria e nos alertar quanto à enunciação política presente em um saber unívoco sobre o sexo, o mecanismo defensivo atuante em simplesmente rechaçar os aportes das teorias de gênero e *Queer* quando estes interrogam a psicanálise, ou quando se pretende apontá-los como já presentes em Lacan e Freud. Ambra alerta que a maneira da psicanálise ser efetiva, tanto conceitualmente quanto na clínica, é dispondo de ferramentas que ofereçam sustentação ao debate sobre a questão da separação, contingência e pulsão, além da alienação, necessidade e constituição do eu. Nos indica, ainda, que a postura metodológica psicanalítica que implica na abertura do saber frente o encontro com o real seria o ponto de encontro mais radical entre a teoria e a clínica, tornando possível a escuta da radicalidade do novo em detrimento de uma certa pureza suposta à teoria psicanalítica, que, paradoxalmente, não coaduna com o seu fazer psicanalítico.

[...] O papel do psicanalista, ao produzir teoria frente às iniquidades sociais, é buscar, junto às entranhas epistemológicas de autores e textos, uma teoria do sujeito que, no mínimo, não contribua para a promoção da opressão contra grupos minorizados. Isso não significa transformar a teoria num projeto político propositivo, silenciando as especificidades da psicanálise, mas, antes, reencontrar, por meio de uma questão que é também social, a força do novo em textos dados como fechados pela sedimentação de uma política de comentadores unívoca [...] (AMBRA, 2022, p. 22)

No Seminário 18 (1968-1969/2008), Lacan debate as ideias de Stoller³¹ pelas suas observações clínicas serem úteis para a compreensão dos termos Homem e Mulher como sendo significantes e situando que “a posição sexual é um semblante ancorado no discurso, mas aportado em algo que não é da ordem do semblante: o gozo” (FALBO, 2016). Lacan (1968-1969/2008) construirá a ideia sobre a definição do que significa “homem” ser a sua relação com a mulher e vice-versa, algo que vai desenvolver em sua teoria da sexuação. Percebendo que “o núcleo da identidade de gênero”, proposto por Stoller, enquanto substância fixada referente à identidade de gênero, não existe. Lacan dará um salto da teoria dos discursos para a teoria da sexuação, em que “o semblante passa a ser encarado como um lugar no discurso e, enquanto

³¹ O médico e psicanalista americano Robert Stoller, em seu livro *Sexo e gênero* (1950), introduziu o termo gênero para designar os papéis desempenhados por homens e mulheres a partir da construção sociocultural distintas do sexo anatômico, ao estudar a transexualidade.

sexualizado, atrela-se homem e mulher a um ‘parecer’ dependente do reconhecimento do outro” (DUNKER & COLOSSI, 2019, p. 174).

Stoller (1993, p. 28) afirmará que masculinidade e feminilidade estão relacionado à convicção, “uma densa massa de convicções” que se somam a “se”, “mas”, “e”, que se obtém, “além do fundamento biológico”, a partir das atitudes dos pais mais ou menos congruentes com a cultura, e, portanto, se transformam com ela.

Freud teria sido claro ao afirmar a impotência psicanalítica na descrição do que seria uma identidade sexuada, mas que seria possível perguntar ao sujeito como ele se torna sexuada, iluminando “o movimento próprio do sexual enquanto incapturável do ser” (AMBRA, 2022, p. 32). Ambra (2022) reafirma que a primeira definição de identificação para Freud é a expressão primeva do laço social, anterior ao complexo de Édipo, lançando luz sobre a importância destes pequenos outros na constituição desta identidade sexuada.

A ênfase dada por Lacan da não existência da relação sexual, e sua posterior ideia de não equivalência sexual, é um recurso como “uma teoria alternativa da centralidade ontológica da diferença sexual compreendida em termos binários” (AMBRA, 2022, p. 160). Ambra entende que a teoria da sexuação lacaniana seria uma crítica a compreensão de um sexual baseado nas “*consequências psíquicas da distinção anatômica dos sexos*”, diante do fracasso da diferença sexual para dar conta daquilo que está na dinâmica do amor e do real. Ambra (2022) nos convida a pensar a sexuação em psicanálise como a assunção de uma designação sexuada no interior dos sócios – pequeno círculo social composto de pequenos outros –, como sendo um mecanismo comum às plurais expressões de gênero, sexualidade e modos de gozo.

É válido destacarmos que a diferença sexual, em termos da teoria da sexuação, não é binária por não se tratar de gênero ou orientação sexual, mas de dois regimes lógicos de duas formas distintas de gozo não complementares, não implicando em elementos substancializados em relação. Visto que não há relação, também não há uma relação de poder que se exerce aí. O que existe é um objeto enquanto faltoso e, portanto, inexistente. O destaque lacaniano não está situado na diferença sexual, mas no interesse na formalização do seu impasse. É perfeitamente possível pensar numa epistemologia lacaniana não binarista.

Veremos em Freud, no texto *A moral sexual ‘cultural’ e o nervosismo moderno* (1908/2015), uma ligação das doenças nervosas testemunhadas pela clínica freudiana e as impossíveis exigências sociais morais, marcando uma correlação etiológica entre as normas sociais e o sofrimento psíquico. “Quem é capaz de penetrar nos determinantes da doença neurótica, logo adquire a convicção de que seu aumento em nossa sociedade vem do crescimento das restrições sexuais” (FREUD, 1908/2015, p. 376).

Ambra (2022) sublinha a articulação entre análise social e teoria psicanalítica na obra freudiana, contribuindo estreitamente para a criação da teoria do sujeito e a importância dada por Lacan no texto *Os complexos familiares na formação do indivíduo* (1938/2003) aos fatores culturais na especificidade da família e na constituição do indivíduo, ou seja, o original e o real são recolhidos contíguo à sociedade. A primazia da dimensão social é verificada na importância dada à noção de complexo como algo totalmente distinto do instinto e exercendo sua predominância sobre este. No entanto, tais ideias acabam sendo eclipsadas na obra lacaniana em função da influência estruturalista.

Ambra (2022) faz um apanhado teórico demonstrando os momentos de mudanças sofridas na obra psicanalítica, em Freud e em Lacan, a partir das reflexões de outros estudos da época sobre as transformações sociais, evidenciando onde “mais radicalmente a teoria psicanalítica encontra sua prática clínica: em ambas está em jogo a postura metodológica de abertura do saber ante o encontro com o real” (AMBRA, 2022, p. 166-167). A originalidade da psicanálise estaria em ter como horizonte a possibilidade de dissolução de suas bases, afinal “a teoria é boa, mas não impede que isso exista” – frase de Charcot repetida por Freud em francês “*la théorie c’est bon mais ça n’empêche pas d’exister*” (1923/2011 p. 84).

O gênero, esse estrangeiro, não deve, portanto, ser lido a partir da régua narcísica de uma psicanálise pura, mas como um isso, algo que fala de nós, lá onde ainda não nos reconhecemos, e que nos força a acertar as contas com o passado, rumo a um devir não de uma pequena, mas de uma bela diferença. (AMBRA, 2022, p. 167)

Quanto a questão sexo, Ambra (2022) propõe pensá-lo pela perspectiva do complexo, como conjunto de modos de relações que o sujeito estabelece com o mundo, não sendo uma escolha consciente nem totalmente arbitrária, mas “uma fixação de uma modalidade específica de relação com os objetos em algum momento da história do sujeito” (AMBRA, 2022, p. 240), uma modalidade específica de laço. Pensar o complexo edípico como fixador das identidades sexuais seria um equívoco, pois o complexo não seria o resultado destas identificações, apenas um quadro sobre o qual surgem as identificações. Seu convite é o de pensar o “complexo” enquanto uma malha relacional que media a relação do sujeito e o outro. Ambra (2022) infere, devido a importância dada à cultura por Lacan (1938/2003), que as mudanças sociais, no que tange às identidades de gênero, oferecem possibilidades às identificações relativas ao ideal do eu por não estarem necessariamente em conformidade com a anatomia. O que seria extensivo a uma maior liberdade na experimentação de modalidades de vivências sexuais.

É importante o resgate do conceito primordial freudiano de que a sexualidade é perversa, por não haver uma única via predeterminada em que a pulsão encontre seu objeto, e que a bissexualidade psíquica primária apontaria para que todos nós seríamos homem, mulher, homossexual, heterossexual, cis e trans. São concepções que em nada coadunam com uma construção desenvolvimentista edípica de subjetivação e sexuação, cuja origem é uma polimorfia patológica sem lei, que segue em um rumo roteirizado à uma heterossexualidade saudável.

Em sua leitura lacaniana, Ambra (2022, p. 270) irá concluir que “o falo enquanto ausente, é o que marca minha identidade, não propriamente por uma interpretação da diferença anatômica, mas por ser a marca daquilo que não sou”. Tal perspectiva universaliza o processo independentemente do gênero, sendo a castração articuladora do reconhecimento de exclusão a um determinado grupo enquanto funda o pertencimento a outro grupo. A identificação a certo grupo dependeria de uma norma que prescreva regras de aliança, como balizas simbólicas de pertencimento.

A normatividade seria um processo vital que permite ao indivíduo a potencialidade de subvertê-la, como uma transitividade para uma nova situação, que recusa os limites da norma, por não conhecerem imposições de semântica permanentes. (SAFATLE, 2016 apud AMBRA, 2022). Portanto, a norma difere da lei. A respeito da ideia de que há no contemporâneo uma suposta multiplicação identitária, Ambra (2022, p. 466) adverte que:

[...] longe de se tratar de defesas fálica contra o real, tal inscrição visa, justamente, ao impossível do sexual, instaurando um horizonte de contingência na medida em que, no limite, novas letras sempre estariam a postos para se recolocarem ou se rearranjarem, num movimento que escapa tanto às leis simbólicas quanto às capturas imaginárias. Essa ideia é sustentada, por um lado, pela proposta segundo a qual *um real emerge historicamente* (Lacan, 1973-1974, p. 190), e, por outro, pela exploração do caráter contingente presente na ideia de alguns outros, dado que, ao tomar uma dada identificação sexuada a partir do viés do real, compreende-se que o sujeito identifica-se sempre a um grupo cujo horizonte é aberto e, no limite, aponta para o seu próprio furo.

A crítica do sociólogo e filósofo inglês Didier Eribon, em seu livro *Escapar à psicanálise*, é sublinhada por Cunha (2021) e refere-se ao lugar ocupado pela teoria psicanalítica como enunciadora da verdade, tanto sobre o sujeito quanto sobre o desejo constitutivo, apontando também uma leitura a-histórica do complexo de Édipo conferido pela noção de estrutura. Uma crítica que flagra a necessidade de a psicanálise romper com a hierarquia subjetiva e legitimar as diferentes formas de enunciação da verdade do desejo.

Cunha (2021) ratifica a importância da leitura dos estudos de gênero e *Queer* na atuação potente na análise do discurso e do movimento psicanalítico, operando como interlocutores externos capazes de sabotar qualquer desejo totalizante de enunciação e defesa teórica. E aposta no caminho orientado por Freud, em *Recomendações ao médico que pratica a psicanálise* (1912/1996), para construção de um dispositivo clínico não normativo. Exemplos desse caminho seriam 1) a recomendação de separar a psicanálise da medicina, na assunção de uma postura mais do que a de seguir procedimentos; 2) a relevância dada ao par associação livre do lado do paciente e atenção flutuante do lado do psicanalista; 3) o reconhecimento da complexidade e dos limites do trabalho; 4) a necessidade do psicanalista se manter em análise suportando a transferência, não se oferecendo como modelo ao paciente, nem tentando educá-lo ou contando demasiadamente com a razão. Essas são as recomendações que Freud elege para apresentar em um texto destinado ao enfrentamento dos impasses da técnica psicanalítica e que muitas vezes parece ser esquecido por aqueles que a praticam na contemporaneidade.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho é fruto de um estranhamento sobre um certo discurso psicanalítico que não legitima a bissexualidade como orientadora do desejo sexual, algo que a minha clínica com adolescentes e jovens interpela, à medida que nela se encontram sujeitos que experimentam suas sexualidades com pessoas de outros gêneros, sem que isso se apresente como algo gerador de sofrimento ou questionamento a esse respeito. A orientação bissexual para aqueles “apenas é”, acontece, se exerce. As inquietações e angústias que os movimentam a trabalhar em uma análise se colocam como sendo de outra ordem.

No primeiro capítulo, é possível reconhecer claramente, nos recortes dos casos de Cléo, Gabriel, Lara, Helena e Lucas, que uma interrogação acerca da vivência de uma sexualidade em termos bissexuais não se apresenta para eles.

No caso de Cléo, a relação com o desejo do Outro surge como um enigma para ela. Diferentemente, sua orientação aos múltiplos gêneros, marcada por “gostar de gente”, prescinde dos marcadores de um corpo biológico, se apresentando como um fato. Da mesma forma que Cléo, Gabriel evidencia um impasse sobre seu posicionamento frente ao Outro. As dificuldades enfrentadas por Gabriel se dão na imposição de limites que barrem a demanda do Outro e salvaguardem seu desejo, sobretudo na relação amorosa, divergentemente do que ocorre em suas parcerias sexuais, que são vividas sem grandes adversidades, uma vez que se orientam pelo prazer e seguem acordos que as limitam.

O caso de Gabriel também é paradigmático para expressar a diferença entre o desejo sexual e o laço amoroso, evidenciando que os traços que o impelem sexualmente são múltiplos e diversos, enquanto sua parceria amorosa vai se estabelecendo de uma outra forma, com uma única pessoa com quem convive cotidianamente, com as limitações e os desafios que em qualquer relação se impõem.

No recorte feito do caso Lara, a grande questão surge atrelada à relação amorosa e sua própria posição “submissa”, numa relação que percebe como desigual em função dos papéis sociais que são estabelecidos numa sociedade patriarcal. Apesar de estar submetida a uma estrutura social patriarcal, sua gramática de prazer não se limita às tais restrições e flutuam entre objetos que se apresentam com gêneros variados.

Na história de Helena, há uma revelação da própria vacilação do significante para nomear a sexualidade, porém sua atração por meninos e meninas ocorre sem questionamentos. Sua questão primordial – como a famosa grande questão neurótica – é sobre qual é o seu lugar

no desejo do Outro, interrogação que se coloca para ela independentemente do status relacional ou da categoria de gênero.

O recorte do caso do Lucas é um contraponto, porque foge à questão neurótica, ao se tratar de um paciente que chegou a abrir um quadro psicótico, denunciando a assimetria presente na relação como objeto do Outro não barrado. A “bissexualidade” parecia, de certa forma, ter uma função estabilizadora para a sua dicotomia, que para ele parecia ser insuportável de integrar.

Cada um dos casos aponta para a experiência singular do sujeito com relação ao sexo, ao amor e ao desejo, assim como a particular vivência da bissexualidade. Nesse sentido, vale resgatar a passagem lacaniana sobre a relação entre a demanda e o desejo pela frase:

*[...] eu te peço – o quê? – que recuses – o quê? – o que te ofereço – por quê? – por que não é isso – isso, vocês sabem o que é, é o objeto *a*. O objeto *a* não é nenhum ser. O objeto *a* é aquilo que supõe de vazio um pedido [...] Não é isso quer dizer que, no desejo de todo pedido, não há senão a requerência do objeto *a*, do objeto que viria satisfazer o gozo [...]. (LACAN, 1972-1973/1985, p. 171)*

Nessa direção, podemos considerar que o objeto *a* está sujeito a diversos recobrimentos, nos permitindo inferir que as diferenças entre identidade de gênero, orientação sexual e prática sexual são contingentes e se relacionam ao laço social, laço primordial que o sujeito vai estabelecer com o Outro da linguagem e da cultura.

Foi, portanto, pensando em revisar o que a psicanálise, em suas origens, teria a dizer sobre a questão mesma da bissexualidade, que busquei no segundo capítulo apresentar uma pesquisa da obra freudiana sobre essa temática. Na obra de Freud, vemos que a ideia de uma bissexualidade orgânica, atrelada ao fisiológico, preconizada por Fliess, acabou sendo tomada por Freud em outra direção. Este atribuiria à bissexualidade inata um papel fundamental no sofrimento psíquico do neurótico de ordem amorosa, originário de um conflito bissexual na direção do desejo. No entanto, é na condução do caso Dora, que vemos surgir em Freud o impasse frente a incerteza estrutural do próprio desejo e seu objeto, atestando uma libido polimorfa, perversa e bissexual.

Vimos que, à medida em que Freud se utilizava do Complexo de Édipo para explicar a neurose, ele também apagava a importância inicialmente dada à bissexualidade como uma disposição, como um conjunto de forças que tem o potencial de se expressar em uma sintomatologia histórica. O desvio freudiano seguiu uma perspectiva desenvolvimentista em direção à finalidade reprodutiva e acabou perdendo o seu valor de subversão à heteronormatividade. O complexo de Édipo e o complexo de castração se tornaram os pilares

da teoria psicogênica freudiana, ainda que temporariamente Freud tenha tentado resgatar a importância da bissexualidade e suas constelações libidinais, constitucionais e específicas, quando trabalhava o caso da Jovem homossexual.

Quando se entende a bissexualidade como uma artimanha do sujeito para se esquivar da castração, subentende-se que há uma leitura do Édipo ao pé da letra e não como um mito familiar, como já havia nos alertado Lacan. Se a travessia edípica não se dá exclusivamente dentro de uma família heterossexual cisnormativa, não há também uma adesividade dos primeiros objetos de desejo ao sexo e ao gênero. A orientação para o desejo sexual está articulada às marcas de prazer e desprazer que tocaram o corpo subjetivamente, e independem de uma correlação ao gênero.

É interessante encontrar, citado em Freud, que ele próprio não se admirava em nada com o fato de algumas pessoas possuírem uma orientação bissexual. Ele inclusive admite que, entre homossexuais e heterossexuais, a moção pulsional recalcada seria geradora de ainda mais conflitos. Destacamos também que, ao final de sua obra, Freud sustenta a ideia de que seríamos todos nós, humanos, bissexuais, à medida que distribuimos nossa libido por objetos variados, ainda que seja de forma latente ou manifesta.

Tendo em vista que, na releitura freudiana feita por Lacan, a ideia de uma bissexualidade psíquica perde sua importância e, com ela, a noção de uma orientação bissexual passa a ser lida a partir da contribuição fundamental de Lacan da conceituação do objeto *a*, o que mudaria a perspectiva das relações entre sujeito e objeto, procurei investigar no terceiro capítulo a própria construção lacaniana sobre o objeto pequeno *a*.

Neste percurso em Lacan, constatei que o falo é o objeto da castração, significante do desejo e não seu objeto, e que a falta do sujeito não nomeável é sustentada pelo objeto *a* em sua articulação com a fantasia fundamental, a partir da privação simbólica. E além disso, que no ponto de privação do sujeito, \$, surge o objeto do seu desejo, correlato a um significante. Será possível, assim, que a metáfora paterna se inscreva, presentificando a castração simbólica em relação ao objeto imaginário para todos aqueles situados no campo da neurose. Ou seja, tal operação é totalmente independente da questão da escolha de um objeto sexual pré-determinado, pois o falo negativizado mediador do desejo é o que permite um deslizamento dos objetos sendo a própria fluidez desejante. Se o objeto sexual é possuidor de um pênis ou uma vagina, para a psicanálise, não é disso que se trata. O que interessa ao psicanalista é a escuta do sujeito dividido (\$) e de que forma o outro se enquadra na sua fantasia, a partir da estrutura fantasmática que articula \$ <> *a*, estrutura fundamental que será atravessada em uma análise.

A experiência subjetiva desses jovens, relatadas em análise, nos faz ratificar o lugar do analista enquanto aquele que “não sabe”, aquele que é “paciente” à espreita da abertura fugaz do inconsciente, daquele que escuta uma narrativa particular de um sujeito. Ao analista não cabe operar a partir de hipóteses e saberes pré-determinados.

A clínica demonstrou que as vivências da bissexualidade não estão ligadas às questões de sofrimento psíquico, ou se apresentam como uma interrogação própria à sexualidade. Não havendo, portanto, indicações de que seja preciso “tratá-las” como um problema, ou seja, fazer isso seria uma tentativa de patologizar essas novas formas da vivência da sexualidade, ainda que não se apresentem de forma conflituosa para o sujeito. Empreender nesta direção é tentar, via teoria, imbuído de um saber/poder, promover uma ortopedia clínica a serviço (ainda que de forma alienada) da heteronormatividade, disciplinar a pulsão em moldes de desejo.

Há um ineditismo na construção de uma especificidade sexual e subjetiva. Consequentemente, cabe à psicanálise sustentar essa dimensão singular, não no sentido de explicar, mas de abrir-se à escuta do trajeto subjetivo trilhado na relação entre o corpo, sexo, gênero e sexualidade, não perdendo de vista o horizonte de sua dimensão cultural.

As bissexualidades vividas por esses jovens, nos fazem pensar que há, hoje na cultura, sobretudo para alguns segmentos sociais e culturais, uma maior abertura para se vivenciar a sexualidade, restituindo cada vez mais ao objeto da pulsão seu caráter indeterminado, variável e contingencial. Indica também que os parâmetros que definem um homem ou uma mulher se encontrarem borrados na contemporaneidade.

Essa abertura se estabelece, nos casos trazidos nesta dissertação, dentro do laço social, submetidos ao pacto social. Tal recorte não significa dizer que essas pessoas, que estão numa estrutura neurótica, não façam suas escolhas, que não reconheçam a castração, pois esta ocorrerá na relação com o Outro, ou qualquer outro. Afinal, haverá sempre um limite da linguagem, do simbólico para dar conta do real. Daquilo que faz enigma para ele sobre o desejo do Outro, daquilo que o sujeito percebe como estranho na relação com o Outro que espelha o mais obscuro de si mesmo. A todo o momento, o sujeito se depara com sua falta e é essa que o impele a movimentar-se, inclusive, nessa experimentação de corpos, prazeres, afetos, encontros e desencontros, que não precisa ser motivo para enjaular ninguém.

As teorias de gênero, os estudos da sexualidade e *queer*, os movimentos sociais e políticos promotores dos avanços conquistados para as mulheres e para a comunidade LGBTQIA+ muito contribuíram para ampliar as perspectivas de diversidade e multiplicidade da vivência subjetiva e da sexualidade. Houve, assim, a produção de um saber/poder mais plural e polissêmico sobre o sexo, o gênero e sobre a sexualidade. Poderíamos dizer que Freud

influenciou essas teorias, à medida que abriu um campo de questionamento da sexualidade ao desenvolver sua teoria da pulsão e da relação dos humanos com o prazer, ao passo que apostou na escuta de um corpo subjetivo que transcende a biologia.

Sustentamos também a hipótese de que a experiência do fantasiar bissexual e a vivência da orientação bissexual estariam menos reprimidas pela cultura, o que não impede que surja, como consequência, um recrudescimento repressivo por parte de camadas mais conservadoras da sociedade. As inferências quanto às resistências de cada analista são improdutivas, de forma que é preciso que cada um se interrogue em suas resistências contratransferenciais analiticamente e busquem seus dispositivos para destrincharem seus próprios preconceitos.

As interrogações acerca do amor que ocorreram dentro desta dissertação ficarão ainda sem respostas, pois, para o amor, haveríamos de dar toda a sua devida importância e dedicar algumas boas doses de pesquisa, escrita, poesia e trabalho... Por enquanto, levo comigo tais questões.

Uma psicanálise contemporânea não pode se manter imune às transformações do laço social que são influenciadas pelas incidências na cultura dos movimentos de gênero, *queer*, decolonial, antirracista, feminista e LGBTQs. É importante que reconheçamos e legitimemos as mais plurais formas de vivências sexuais divergentes à cisheteronormatividade, como parte de um compromisso ético que visa o inegociável combate às inúmeras formas de práticas e violências segregacionistas oriundas de um sistema que se pretende hegemônico.

A clínica nos mostra que jovens e adolescentes possuem, atualmente, uma relação diferente com sua libido, uma vez que esta flui livremente entre os objetos que causam atração física em seus corpos pulsionais sem barreiras morais ou preconceituosas. Podemos atribuir a isso um ambiente mais tolerante com a diversidade de gêneros, desejos e modos de gozo. Logo, essa vivência de experimentação de um corpo pulsional, que varia seus objetos e as experiências de prazeres com pessoas de gêneros diferentes, se torna possível.

Colocar as teorias/estudos de gênero, da sexualidade e *queers* como fazendo parte de uma língua estrangeira à psicanálise não significa não poder aprendê-la e utilizá-la para ampliar nosso campo perceptivo e a escuta analítica, ainda que haja um conflito que emerja pelo estranho que se encontre no familiar e no familiar que se percebe naquilo que se entendia como estranho.

Propomos pensar as teorias de gênero e *queer* como um recurso para se revisar os limites da teoria e da clínica psicanalítica, possibilitando analisar os possíveis preconceitos suscitados e, com isso, promover sua desconstrução. Além disso, tais ideias nos servem a desmontar

qualquer visão purista da psicanálise em que se desconsidere seu contexto sócio-histórico, pois será a partir desta investigação da cultura que será possível rever seus operadores clínicos.

Ao nos defrontarmos com a perpetuação de ideias normativas da psicanálise no âmbito institucional é fundamental que operemos como propõe o próprio dispositivo analítico, interrogando e colocando em movimento certezas cristalizadoras que estão a serviço da resistência e da estabilização egóica.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, M. do. Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade: um texto perdido em suas sucessivas edições? *Psicologia USP*, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 63-84, 1995.
- AMBRA, P. *O ser sexual e seus outros: gênero, autorização e nomeação em Lacan*. São Paulo: Blucher, 2022.
- ANDRÉ, S. *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1998.
- AYOUC, T. *Psicanálise e homossexualidades: teoria, clínica, biopolítica*. Curitiba: CRV, 2015.
- BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BRITZMAN, D. O que é essa coisa chamada amor – Identidade homossexual, educação e currículo. *Educação e Realidade*, [s. l], v. 21. jan/jul 1996.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 18ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- CUNHA, E. L. A psicanálise e o perigo trans (ou: por que os psicanalistas têm medo dos travestis?) *Periódicus*, Salvador, n. 5, v. 1, maio-out, 2016.
- CUNHA, E. L. *O que aprender com as transidentidades: psicanálise, gênero e política*. Porto Alegre: Criação Humana, 2021.
- DARRIBA, V. A falta conceituada por Lacan: da coisa ao objeto a. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 63-76, 2005.
- DUNKER, C.; COSSI, R. Psicanálise sem Gênero? In: COSSI, R.; DUNKER, C., et al. *Faces do sexual: fronteiras entre gênero inconsciente*. São Paulo: Aller, 2019.
- ELIA, L. Psicanálise: clínica & pesquisa. 2000. In: ELIA, L.; ALBERTI, S. (Org.). *Clínica e pesquisa em psicanálise*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2000.
- ELIA, L.; ALBERTI, S. (Org.). *Clínica e pesquisa em psicanálise*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2000.
- FACHINNI, R. Múltiplas identidades, diferentes enquadramentos e visibilidades: um olhar para os 40 anos do movimento LGBTI. In: GREEN, J.N.; QUINALHA, R.; CAETANO, M.; FERNANDES, M. (Org.) *História do Movimento LGBT no Brasil*. São Paulo: Alameda, 2018.
- FLIESS, W. Les Relations entre le nez et les organes génitaux féminins, présentées selon leurs significations biologiques (1897). Paris: Seuil, 1977. col. Le Champ Freudien. apud ROUDINESCO, E. *Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2016.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: MOTTA, Manoel Barros da (org.). *Ditos e Escritos V. Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 264-287. apud LEMKE, T. *Foucault, governamentalidade e crítica*. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2017.

_____. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: NAU, 2013.

_____. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. 18ª ed. São Paulo: Grall, 1993.

_____. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

_____. *História da sexualidade 3: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Grall, 1985.

_____. *Microfísica do poder*. 12ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

_____. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. apud LEMKE, T. *Foucault, governamentalidade e crítica*. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2017.

_____. Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008. apud LEMKE, T. *Foucault, governamentalidade e crítica*. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2017.

FREUD, S. “Batem numa criança”: contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais (1919). In: FREUD, S. *Obras Completas*, v. 14. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. A interpretação dos sonhos (1900). In: FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard, v. 04. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. A moral sexual “cultural” e o nervosismo moderno (1908). In: FREUD, S. *Obras Completas*, v. 8. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

_____. A questão da análise leiga: conversações com uma pessoa imparcial (1926). In: FREUD, S. *Obras Completas*, v. 17. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. Análise terminável e interminável (1937). In: FREUD, S. *Obras Completas*, v. 19. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

_____. Autobiografia (1925). In: FREUD, S. *Obras Completas*, v. 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. Conferências Introdutórias (1916-17[1915-17]). In: FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard, v. 15. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Considerações gerais sobre o ataque histérico (1909[1908]). In: FREUD, S. *Obras Completas*, v. 8. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

_____. Dostoiévski e o parricídio (1928[1927]). In: FREUD, S. *Obras Completas*, v. 17. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. Dostoiévski e o parricídio (1928[1927]). In: FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard, v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Esboço de psicanálise (1940[1938]). In: FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard, v. 23. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade (1908). In: FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard, v. 09. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade (1908). In: FREUD, S. *Obras Completas*, v. 8. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

_____. Fetichismo (1927). In: FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard, v. 20. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Fragmento da análise de um caso de histeria (1905[1901]). In: FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard, v. 07. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. História de uma neurose infantil (1918[1914]). In: FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard, v. 17. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. História de uma neurose infantil (1918[1914]). In: FREUD, S. *Obras Completas*, v. 14. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. Leonardo Da Vinci e uma lembrança de sua infância (1910). In: FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard, v. 11. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Luto e Melancolia (1917[1915]). In: FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard, v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Novas Conferências introdutórias sobre Psicanálise (1933[1932]). In: FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard, v. 22. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. O Eu e o Id (1923). In: FREUD, S. *Obras Completas*, v. 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. O interesse científico da psicanálise (1913). In: FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard, v. 13. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (1911). In: FREUD, S. *Obras Completas*, v. 10. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. Projeto para uma psicologia científica. In: FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard, v. 01. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise (1912). In: FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard, v. 13. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Sexualidade Feminina (1931). In: FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard, v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina (1920). In: FREUD, S. *Obras incompletas de Sigmund Freud*: Neurose, psicose, perversão. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

_____. Sobre a psicopatologia da vida cotidiana (1901). In: FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard, v. 06. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Sobre alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e na homossexualidade (1922). In: FREUD, S. *Obras incompletas de Sigmund Freud*: Neurose, psicose, perversão. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

_____. Sobre o Narcisismo: uma introdução (1914). In: FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard, v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Tipos Libidinais (1931). In: FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard, v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Totem e Tabu (1912-1913). In: FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard, v. 13. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Três Ensaio sobre a teoria da sexualidade (1905). In: FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard, v. 07. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GEREZ-AMBERTÍN, M. *Las Voces del Superyó en la clínica psicoanalítica y en el malestar en la cultura*. 3ª ed. Buenos Aires: Letra Viva, 2011.

HIRATA, H. Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. *Tempo Social*, [S. l.], v. 26, n. 1, p. 61-73, 2014.

IRIBARRY, I. O que é pesquisa psicanalítica? *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 115-138, 2003. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1516-14982003000100007>>. Acesso em: 10 de jul. 2022.

JORGE, M. A. C. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, vol.1: as bases conceituais*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2005.

_____. O real e o sexual: do inominável ao pré-conceito. In: QUINET, A.; JORGE, M. A. C. *As homossexualidades na psicanálise: na história de sua despatologização*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Atos e Divãs Edições, 2020.

LACAN, J. A significação do falo (1958). In: LACAN, J. *Os Escritos*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1998.

_____. *O Seminário, livro 10: a angústia (1962-1963)*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2005.

_____. *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2008.

_____. *O Seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante (1968-1969)*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2009.

_____. *O Seminário, livro 20: mais ainda (1972-1973)*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1985.

_____. *O Seminário, livro 4: a relação de objeto (1956-1957)*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1995.

_____. *O Seminário, livro 5: as informações do inconsciente (1957-1958)*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1999.

_____. *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise (1959-1960)*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2008.

_____. Os complexos familiares na formação do indivíduo (1938). In: LACAN, J. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2003, p. 29-90.

LAUFER, L. La psychanalyse est-elle un féminisme manqué? *Nouvelle revue de psychosociologie*, 1/2014, n. 17, p. 22. apud SANTOS, B. Sexualidade se traduz? – um diálogo entre psicanálise e os estudos de gênero. In: COSSI, R., DUNKER, C., et al. *Faces do sexual: fronteiras entre gênero inconsciente*. São Paulo: Aller, 2019.

LEBRUN, J-P. *A Perversão Comum: Viver Juntos sem Outro*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

LEMKE, T. *Foucault, governamentalidade e crítica*. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2017.

LIMA, V. A subversão pelos dejetos. *Revista Cult.* São Paulo: Bergantini Editora, 2022, versão e-book.

LOURENÇO, B. Elástica explica: pessoa não-binária. *Elástica Abril*, em 14 de outubro de 2022. Disponível em: <<https://elastica.abril.com.br/envolvimento/elastica-explica-pessoa-nao-binaria>>. Acesso em: 28 de maio de 2023.

LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MACHADO, R. *Por uma genealogia do poder – Introdução*. In: FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

MARREIROS, L. Mês do Orgulho LGBTQIA+: as conquistas no acesso à cidadania e a luta por respeito aos direitos. G1 Piauí, Teresina, 19 de jun. de 2022. Notícias. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2022/06/19/mes-do-orgulho-lgbtqia-as-conquistas-no-acesso-a-cidadania-e-a-luta-por-respeito-aos-direitos.ghtml>>. Acesso em: 20 de nov. 2022.

MASSON, J. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887-1904*. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

MASTERSON, P. LGBTTTQQAAP... In: Shepherd Express. Recuperado em 29 de março de 2021 de <<http://shepherdexpress.com/lgbtq/dear-ruthie/lgbttqqaap.../>>. 2015. apud AMBRA, P. *O ser sexual e seus outros: gênero, autorização e nomeação em Lacan*. São Paulo: Blutcher, 2022.

MATTOS, A. R; CIDADE, M. L. R. Para pensar a cisheteronormatividade na psicologia: lições tomadas do transfeminismo. *Revista Periódicus*, v. 1, n. 5, p. 132-153, 2016.

MISKOLCI, R. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. Cadernos da Diversidade, v. 6. Belo Horizonte: Autêntica, 2012

_____.; SIMÕES, J. A. Apresentação. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 28 p. 9-19, 2007.

PINO, N. P. A teoria queer e os intersex: experiências invisíveis de corpos desfeitos. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 28, p. 149-174, jan./jun. 2007.

PORCHAT, P. Ato performativo e a desconstrução: o gênero em Judith Butler. In: AMBRA, P.; SILVA JR, N. *Histeria e Gênero*, São Paulo: nVersos, 2014.

PORGE, E. *Freud/Fliess: mito e quimera da auto análise*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1998.

QUINALHA, R. *Movimento LGBTI+: uma breve história do século XIX aos nossos dias*. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

RABINOVICH, D. *O conceito de objeto na teoria psicanalítica – suas incidências na direção da cura*. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2009.

REIS, T. (Org.). *Manual de Comunicação LGBTI+*. 2ª edição. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI/GayLatino, 2018.

ROUDINESCO, E. *A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2008.

_____.; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1998.

_____. *Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2016.

SAFATLE, V. Une certaine latitude: normativité et contingence dans la biopolitique de Georges Ganguilhem. *Filozofski vestnik*, 37 (1), p. 57-59. apud AMBRA, P. *O ser sexual e seus outros: gênero, autorização e nomeação em Lacan*. São Paulo: Blutchter, 2022.

SANTOS, B. Sexualidade se traduz? – um diálogo entre psicanálise e os estudos de gênero. In: COSSI, R., DUNKER, C., et al. *Faces do sexual: fronteiras entre gênero inconsciente*. São Paulo: Aller, 2019.

SCHOTTE, J. Szondi avec Freud: sur la voie d'une psychiatrie pulsionnelle. Bruxelles: Editions De Boeck, 1990. apud VAN HAUTE, P.; GEYSKENS, T. *Psicanálise sem Édipo? Uma antropologia clínica da histeria em Freud e Lacan*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

SCOTT, J. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Tradução: Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Texto original: Joan Scott. *Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history*. 1989.

SEIXAS, C. M. *Comer, demandar, desejar: considerações psicanalíticas sobre o corpo e o objeto na obesidade*. 2009. 119 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas e Saúde) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

STOLLER, R. J. *Masculinidade e feminilidade: apresentações de gênero*, Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

VAN HAUTE, P.; GEYSKENS, T. *Psicanálise sem Édipo? Uma antropologia clínica da histeria em Freud e Lacan*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

VIDAL, Paulo Eduardo Viana. A invenção da psicanálise e a correspondência Freud/Fliess. *Estilos clin.*, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 460-479, dez. 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282010000200012&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 02 ago 2022.